A. HERCULANO

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

(1.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela
e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

A. HERCULANO

CARTAS
DE VALE DE LOBOS

★

(1.º Vol. das Cartas)

ao 3.º Duque de Palmela
e a José Cândido dos Santos

PREFACIADAS E ANOTADAS
POR
VITORINO NEMÉSIO

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

PREFÁCIO

A correspondência inédita de Herculano que estes três volumes inserem leva a designação de CARTAS DE VALE DE LOBOS, que lhe corresponde por ter sido redigida na quinta do retiro do escritor ou durante os seus saltos a Lisboa, na constância desse retiro, com os olhos postos nos cuidados da lavoira distante e no apelo saudoso daqueles sítios. Do acervo, apenas trinta e nove cartas e um telegrama se destinam ao Duque de Palmela, António de Sampaio e Pina de Brederode; as restantes couberam a José Cândido dos Santos, obscuro amigo e vizinho de Herculano, da Ribeira de Santarém, de cuja existência apenas sabemos o que ingènuamente ressalta deste precioso espólio íntimo.

Coligiu-o o Duque António de Sampaio, grande amigo do Mestre, guardando a parte de José Cândido, que a viúva deste lhe confiou em 1879. O humilde servidor pouco so-

breviveu, pois, ao seu protector e amigo. Reuniu o Duque outra correspondência diversa, toda referente a Herculano, e proveniente da viúva, D.ª Mariana Hermínia Meira, do Marquês de Sabugosa, de João Pedro da Costa Basto, José Basto, João Maria Galhardo, António Augusto de Aguiar, Silva Túlio e Anatole Calmels, conforme referi no Prefácio *do 1.º volume do meu trabalho sobre* A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio[1]. *Trata de assuntos referentes à agonia e morte do Mestre, à trasladação dos seus restos para o panteão dos Jerónimos e à celebração do centenário do seu nascimento, em 1910. Alguns retratos, folhetos e outras recordações completam o acervo, que um feliz acaso, guiando a mão diligente do falecido desportista Cosme Damião, guarda-livros da Casa de Palmela, pôs diante de mim quando procurava apenas naquele arquivo privado o escrito de arrendamento do Calhariz da Arrábida a Herculano.*

Graças à gentileza do actual Duque de Palmela, então Conde da Póvoa, o Sr. Embaixador D. Domingos de Sousa Holstein Beck, pude copiar um a um esses importantes documentos, nos meses por isso inolvidáveis do

---

[1] *Lisboa, Bertrand, 1934, p. XXIX.*

Verão de 1933. Tiveram porém que rodar quase vinte anos sobre o achado para que o pudesse tirar da reclusão do palácio do Rato, aliás exemplar no zelo com que arrecada e faculta as suas preciosidades. A inteligente compreensão da actual gerência da Livraria Bertrand e o consentimento, há muito dado, do Sr. Duque de Palmela me permitem hoje fazê-lo.

O Duque António de Sampaio teve a intuição do valor da vasta correspondência coligida, mas não se atreveu a dá-la a lume ou a facultá-la sequer, a não ser no caso da carta de 30 de Março de 1872, que lhe é dirigida e que permitiu a Consiglieri Pedroso e à Comissão do Centenário desfazer as dúvidas existentes quanto à data precisa do nascimento de Herculano: 28 de Março de 1810, e não 28 de Abril, como diz o termo paroquial[1]*. Inibia-o talvez o natural zelo do inédito, senão principalmente o menor valor dado então entre nós a cartas deste teor, que versam negócios privados, não têm sedução intelectual alguma nem a «impostura» normalmente exigida a uma correspondência literária.*

Creio porém que semelhantes faltas são am-

---

[1] *Vide adiante, pp. 31-32.*

plamente resgatadas pela própria desprevenção do correspondente, pela ingenuidade do lavrador e homem de sua casa ao confiar-se a um amigo aristocrático e a um vizinho burguês do pé da porta que lhe trata das «nicas» da lavoira e o assiste como um irmão. Essa ingenuidade, essa entrega sem o mínimo ademã ou mundana reserva, sublima-as a grandeza espiritual da figura, e é graças a esta miúda e quase diária confidência ao longo de cerca de dez anos que o carácter do homem se desenha enfim a nossos olhos com a nitidez que só a despreocupação consente. Sem precisar compor-se, sentir-se situado e restrito pela expectativa de adversário, pela audiência de amigo deferente ou de ocasional impetrante, Herculano escrevia a José Cândido dos Santos tal como pensava, como sentia e como falava habitualmente nos anos crepusculares de uma existência que a sua obra de escritor e o seu ascendente de cidadão haviam tornado demasiado solene e pública.

Bastaria esta consideração de descoberta de um terreno vital único nos sinais deixados por um dos maiores portugueses de todos os tempos, e talvez o mais actuante do nosso século XIX, *para justificar a publicação das cartas que milagrosamente no-lo rasgam, não*

passando afinal do dize-tu-direi-eu do «fazendeiro de Vale de Lobos», «barrão dos Sítios», com um amigo feitor, também «barrão». Deste género de documentos herculanianos não são únicos as cartas presentes, mas constituem o grande núcleo central do que se pode chamar o «diário» do solitário e do lavrador de Vale de Lobos. Já felizmente publicadas em volume as CARTAS a Joaquim Filipe de Soure[1], *o grande lavrador de Évora, correligionário e parceiro de Herculano na exploração agrícola do Calhariz da Arrábida, resta integrar a correspondência dispersa a José de Sá e ao brigadeiro Gorjão, seus vizinhos da Azóia, e outras várias fontes epistolares da mesma época e índole.*

Se o interesse do público acompanhar a lúcida iniciativa do editor das Obras Completas de Herculano, tenciono fazer seguir estes três volumes de alguns mais, que colijam a vasta soma de cartas do historiador publicadas em livros e periódicos, que fui recenseando, bem como suscitar o aparecimento da correspondência ainda inédita, mediante lista de desti-

---

[1] Cartas Inéditas de Alexandre Herculano a Joaquim Filipe de Soure, *publicadas e comentadas por Luís Silveira, Lisboa, Fernandes & C.ª L.da, 1940.*

natários certos e prováveis, que elaboro. Assim poderemos aspirar ao futuro epistolário global, cronològicamente disposto, em que terão cabimento bastantes missivas a que as de Herculano são resposta ou que a cartas dele replicam, podendo então empregar-se com alguma exactidão o termo «Correspondência». Paralelamente reúno materiais para novos volumes dos OPÚSCULOS e para a edição crítica e sistemática das obras capitais do Mestre, como já procedi, com a escrupulosa colaboração da Senhora D.ª Maria Helena Baptista Lucas, com a edição do centenário do aparecimento de EURICO, e, quanto a dispersos, com as SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA E APONTAMENTOS DE VIAGEM. A existência de um manuscrito ainda inédito da HISTÓRIA DE PORTUGAL é que não passa, por ora, de um alvoroço e de uma esperança.

António de Sampaio e Pina de Brederode, o feliz colector desta correspondência e destinatário de parte dela, foi um dos maiores amigos e admiradores de Herculano. Nascido a 8 de Janeiro de 1834, estava para com ele num plano de filho ou discípulo. A sua condição

juvenil de marinheiro e, em anos maduros, pelo casamento que fez a 15 de Abril de 1863 com a 3.ª Duquesa herdeira de Palmela, D.ª Maria Luísa Domingas de Sousa Holstein Beck, o facto de receber a coroa ducal, que o seu comandante e Rei lhe pôs delicadamente na corbeille *servindo-lhe de padrinho, a circunstância de vestir os arminhos do pariato, cingir a faixa de Capitão da Guarda-Real dos Archeiros, assumir outras responsabilidades inerentes à casa que herdara, por um lado, a nobreza e o prestígio do Duque D. Pedro de Sousa, o artífice diplomático do liberalismo em luta, e por outro a imensa fortuna do 1.º Conde da Póvoa, avô materno de sua mulher e também estadista de tino, afastavam-no um pouco da roda de Herculano na Ajuda, composta de moços letrados e de próceres mais despreocupados, e aliás quase todos mais velhos que o simpático Duque consorte.*

Mas, se António de Sampaio não era positivamente um literato nem um romântico de raiz, era um espírito curioso e ilustrado, um homem convivido e sensível ao prestígio literário e moral. Essa afinidade, e relações de contorno que levaram um tio do Duque, Luís Teixeira Homem de Brederode, a emparcei-

rar com Herculano e Joaquim Filipe de Soure na exploração agrícola do Calhariz da Arrábida, puseram naturalmente António de Sampaio em contacto com o Mestre, além de que um certo ajuste de feitios e inclinações naturalmente os atraía. Essa intimidade estendia-se aliás, embora em medida mais ténue, ao 2.º Visconde da Lançada, irmão do Duque e por nome Inácio Júlio de Sampaio de Pina Freire (1831-1858), que foi veador da Rainha D.ª Maria Pia e grã-cruz de Carlos III.

Eram ambos filhos do tenente-general Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire, 1.º Visconde da Lançada (1849), que nasceu em 1778 e foi conselheiro de Estado e membro do Tribunal do Tesouro Público, e de D.ª Helena Teixeira Homem de Brederode. Ambos seguiram a carreira naval de guerra, servindo António de Sampaio como voluntário na Armada inglesa, merecendo a medalha da campanha naval do Báltico e batendo-se na guerra da Crimeia, de cujas peripécias deixou um curioso diário, inédito nos arquivos da Casa de Palmela. A sua viva inclinação pelas coisas do mar aproximou-o de D. Luís, de quem foi ajudante de campo, figurando assim no selecto meio, muito mais náutico que cortesão, de que se rodeava o sucessor de D. Pe-

dro V, ainda Infante, e a que pertenceram homens da envergadura do futuro Almirante Visconde Sérgio de Sousa.

Foi a partir desta situação que o jovem tenente da Crimeia, cavaleiro da Torre e Espada, fidalgo, garboso e valente, atingiu a evidência que o ducado de Palmela acentuou. As suas relações com Herculano, surpreendidas nestas cartas, têm ao mesmo tempo um cerimonioso acento que o indefectível burguês e «homem do chão» por nada deixaria de marcar, e o à-vontade que a maioridade de anos e o sentimento da íntima grandeza, não menos cioso que o do voluntário e lhano estrado popular, em que se tinha, lhe não dispensavam de pôr no trato do «bom rapaz». Desabafos políticos como o das inundações do Ribatejo, pequenas delicadezas inspiradas pela saúde da «Senhora Duquesa», trocas de serviços agrícolas e pedidos de plantas raras, como o que inspirou a carta de 1 de Fevereiro de 1868, pequena maravilha esfuziante de graça e de leveza numa mão que de ordinário carregava e continha o traço, mostram a que ponto ia essa intimidade exemplar entre o homem da rua e o da Corte, o par e o que o não quis ser, o rico e o remediado.

O Duque foi sempre tão sensível a esta pre-

ferência de Herculano pelo «rapaz sério» guindado ao fastígio social e nele sublimando a estima pelos grandes caracteres e valores de cunho autêntico, que consagrou do melhor dos últimos trinta anos da sua vida a um culto discreto e ininterrupto à memória do escritor. A colecção de manuscritos que me foi dado utilizar é disso a prova cabal, já pelo carinho posto na conservação de cartas que outros achariam despiciendas, já pela devoção com que juntou tudo quanto trazia uma esquírola para a reconstituição da pessoa e vida do Mestre. A situação da viúva, o destino de Vale de Lobos como granja modelo e lugar sagrado por uma existência exemplar, uma escola na Azóia que perpetuasse a vizinhança do grande homem, o delicado problema de um repouso das cinzas de Herculano condicente com o seu reiterado amor da obscuridade ou a sua trasladação para o Panteão Nacional, sobre que enfim se pronunciou tornando-se o advogado da Academia e da opinião pública junto da viúva hesitante, enfim o fervor da campanha do Centenário, a cuja comissão presidiu já nas vésperas da morte, de tudo fez ponto de honra e uma íntima oferenda.

Espero publicar na íntegra essa documentação, de que me fui servindo nas pesquisas

herculanianas a que há muitos anos procedo. Por agora, limito-me às peças essenciais, que devem ficar no ádito desta Correspondência como testemunhos inestimáveis do sereno crepúsculo de Herculano e do vínculo que o liga à memória do amigo fiel. A primeira é a carta do escultor francês Anatole Calmels, adito à casa do Duque e por ele encarregado de moldar a máscara mortuária do Mestre, sobre que concebeu a melhor imagem que dele resta: o busto de mármore oferecido pelo Duque à Academia das Ciências. É um depoimento estupendo, que dispensa comentários, e diz:

Monsieur le Duc,

Votre Excellence voudra bien m'excuser si je ne lui ai pas écrit plus tôt, mais je suis arrivé à Santarem avec la migraine et elle ne m'a pas encore quitté.

Grâce à Dieu, j'ai eu un moment de répit pendant le temps que j'ai moulé, aussi le masque est très bien venu; c'est un des meilleurs que j'ai obtenus. J'espère qu'avec de bons renseignements et surtout, l'aide de Votre Excellence, nous pourrons avoir un buste qui rappellera l'homme illustre que le Portugal vient de perdre. Pour obtenir ce résultat, Votre Excellence sait que le zèle, ni le désir de lui prouver ma gratitude ne me feront pas défaut.

Je laisse à Monsieur le Duc le soin de décider comment doit être vêtu le buste et j'ose le prier de me faire venir les habits avec la chemise et la cravate.

Avant de commencer je désirerais avoir une con-

férence avec Votre Excellence, afin de connaître le caractère, comme le port de tête le plus habituel du grand écrivain, car je désire surtout, en outre la ressemblance qui est indispensable pour un portrait, c'est faire le côté moral, et personne n'est plus à même de m'éclairer à cet égard que Votre Excellence.

Je m'explique[1]*:*

Si le front est très développé et révèle une grande intelligence, ainsi que la forme du nez, la bouche est pour ainsi dire sans forme déterminée: est-ce le résultat de la maladie? Est-ce le résultat d'un esprit plutôt méditatif qu'actif? Pour moi, cette bouche est un mystère! J'ignore si le grand écrivain était orateur mais dans tous les cas elle révèle le contraire, elle afirme plutôt le mutisme, si, comme je viens d'avoir l'honneur de le dire à Votre Excellence, la maladie ne l'a pas déformée.

Comme j'ai moulé avant que la mort ait produit ses ravages, l'expression du masque est tranquille; il semble dormir, et bien que convaincu, par mes observations, que la mort était malheureusement trop réelle, j'ai laissé une narine ouverte, par un scrupule de conscience que Votre Excellence saura apprécier, mais je n'ai devant les yeux que la placidité qui indique l'homme de bien, qui s'endort de son dernier sommeil sans crainte de la vie future; c'est là où le concours de Votre Excellence m'est indispensable, pour m'indiquer les modifications que l'inspiration apportait sur le masque, car on peut affirmer que la laideur n'existe pas chez l'être où le génie, ou l'intelligence, rayonne.

L'esprit observateur de Votre Excellence, joint à la vive affection qu'Elle portait à Herculano, a dû

---

[1] *Daqui até ao fim do parágrafo, transcrevi na* Introd. *a A MOCIDADE DE HERCULANO, I, p. 13*

lui laisser des impressions que j'essayerai de rendre, si Dieu veut bien seconder mes efforts.

Votre Excellence voudra bien m'excuser de lui écrire sur du petit papier mais ici je n'en ai pas d'autre.

Je suis avec respect, Monsieur le Duc, de Votre Excellence le très humble et très reconnaissant serviteur.

Belem 16 septembre 1877.

An.·. Calmels.

Com referência à indumentária pedida pelo escrupuloso escultor, escrevia José Basto ao Duque, a 22:

«Ex.mo Sr. Duque de Palmela

«Pelo Manuel, que vai agora a Lisboa, remeto, para ser entregue a V. Ex.ª, a sobrecasaca e o mais que V. Ex.ª me ordena lhe envie, necessário para o aperfeiçoamento e fidelidade do busto do nosso querido e chorado Amigo.

«Incluso encontrará V. Ex.ª também o retrato, que aqui me tinha esquecido, e um outro em ponto mais pequeno, único que aqui existe; bem como a carta que V. Ex.ª teve a bondade de me confiar, escrita pelo Sr. Calmels, que, como V. Ex.ª muito bem diz, mostra ser um escultor muito consciencioso.

«Disponha V. Ex.ª do fraquíssimo préstimo do seu

«At.º, Ven.or e Obrig.mo Cr.º

«Vale de Lobos,
22 de Set.º de 1877

«José Basto.»

A 24, em resposta a instâncias do Duque, datadas de 22, dizia-lhe José Cândido dos Santos em carta da Quinta da Granja, que extracto conforme a sua ingénua ortografia para acentuar os laços comoventes que uniam três homens tão diversos: «se se demorar o fato do qual carece o Sñr. Calmels para a concluzão do busto do Ex.^{mo} Senhor Herculano vou eu buscallo a Val-de-Lobos e vou levallo a casa do Snr. Calmels, tendo V. Ex.^{ma} abondade de-me emdicar a sua morada em Lisboa: assim é mais rapido. Dice-me o Snr. Calmels em Val-de-Lobos que a mascara tinha ficado excelente, e eu tambem creio que elle hade conseguir o que V. Ex.^{ma} tanto deseja.»

Enfim, a 26, João Basto manda outros retratos ao Duque:

«Ex.^{mo} Am.^{o} e Sr.

«Aí vão os retratos que tenho. Provàvelmente, só o de perfil não será repetição dos que lhe mandou o José. Remeto também o número da Revista Peninsular *onde vem outro em litografia, pouco feliz talvez, e feito há 21 anos.*

«Não falo num tirado pelo Dulac, (ou pelo fotógrafo da r. do Caldeira) porque esse, que foi o último, tem-no decerto V. Ex.ª. É em formato maior; está sentado; e apoia os braços nos da cadeira. O meu está emoldurado.

«Infelizmente, nenhum dá o homem, que conhecemos. V. Ex.ª conhecia bem a extrema mobilidade daquela fisionomia. Era o espelho fiel da sua alma, tão apaixonada e tão boa, e por isso reflectia todas as suas impressões. Os artistas tinham de o aceitar mais ou menos carregado; porque ele fazia violência em se sujeitar a uma posição determinada.

«Paremos aqui.

«De V. Ex.ª
«am.º m.to reconhecido

«Casa de V. Ex.ª
«26 Set.º 77.

«João Pedro da Costa Basto.»

Agora, a carta em que, a oito dias do trespasse de Herculano, José Cândido abre a sua alma humilde, justa e firme. Não lhe mudo uma vírgula:

«Ill.mo e Ex.mo Senhor Duque de Palmella

«Recebi o seu apreciado favor datado de 19 do corrente que muito aprecio e muitissimo lhe agradeço.

«Hoje mesmo tenciono escrever a minha mulher, para ella fazer sciente a Ex.ma Senhora D. Marianna, tudo quanto V. Ex.ma me diz com respeito a mesma Ex.ma Senhora. Eu mesmo, visto V. Ex.ma darme tão generosamente autorização para lhe prestar os meus ensegnificantes serviços da melhor vontade farei tudo, porque sou devedor de favores tão grandes ao Ex.mo Senhor Herculano, e alguns que V. Ex.ma ainda ignora, que eu não aceitei mas que felizmente o posso provar, por estarem escriptos, que nem umha outra pessoa sabe o que o Ex.mo Senhor Herculano me quis fazer na oucasião em que os meios de vida me escaciáram,

por alguns prejuisos que tive nos meus pequenos negocios, mas eide mostrar a V. Ex.ma, unicamente, para V. Ex.ma saber qual amisade que o Ex.mo Senhor Herculano me tinha e o que elle me quiz fazer que eu não aceitei, porque proferia a sua amisade simples, a todas as outras cousa, chamadas entrece.

«Todas as vezes que fallo do Ex.mo Senhor Herculano sinto uma saudade e uma comoção que não sei dizer. Não posso deixar de dizer a V. Ex.ma que me custa alguma cousa o ter de ir a Val-de-Lobos, peço a V. Ex.ma perdão de-lhe dizer isto, porque eu tudo farei por dever, mas quando la estava pareciame que me estava aparecer por todos os lados da Quinta com amisade com que elle me recebia, nem eu mesmo sei dizer, porque sendo eu quem sou, um pobre homem, tenho a honra de pessuir amisade do Ex.mo Senhor Herculano com o que muito me honro.

«Vejo o que V. Ex.ma me diz de ter escripto ao Snr. Jose Basto por causa dos objectos pertencentes ao Ex.mo Senhor Herculano por serem precisos ao Snr. Calmeles.

«Se o Snr. Jose Basto recebeu a carta de V. Ex.ma estou serto que lhe mandará tudo. Mas segundo me diz minha mulher o Snr. Jose Basto deve estar em Lisboa, mas ficou de voltar para Val-de-Lobos breve. Hé provavel que V. Ex.ma encontrace o Snr. Jose Basto em Lisboa.

. . .

«Desponha V. Ex.ma sempre do limitadicimo prestimo de quem é de V. Ex.ma por dever e

«com todo o respeito e concideração seu muito attento venerador criado e muito obrigadicimo

«Quinta da Granja
«20 de Setembro de 1877.

«Jose Candido dos Santos.»

Outro documento impressionante é a carta de despedida de D.ª Mariana Hermínia Meira, de Lisboa para Vale de Lobos, certamente próxima do primeiro aniversário do falecimento do marido. O «negócio» a que se refere deve ser o da projectada trasladação dos restos de Herculano:

«*Ill.*mo *Ex.*mo *Sñr. Duque*

«*Desculpe-me V. Ex.*ª *emcomodalo partecipando-lhe a minha retirada para Val-de-Lobos, Aonde espero demorarme atté o fatal dia 13 de Setembro, lembro-me que durante a minha estada alli poderão tomarem alguma resolução sobre aquelle negocio que V. Ex.*ª *tem tido a bondade de atemder-me;*

«*O bondoso coração de V. Ex.*ª *avaliará o quanto sensivel me ha'e ser a estada alli, naquelle pequenino mundo aonde vivi 10 Annos me considrava m.*to *felis, e hoje só me-resta a Saudade de alli ter perdido o que me-hera mais charo neste mundo;*

«*Deus assim o detreminou é forsosa a resignação.*

«*Peço a V. Ex.*ª *a particular finesa de trasmetir a S. Ex.*ª *a Ex.*ma *Snr.*ª *Duquesa, os meus respeitosos comprimentos.*

«*Tenho a honra de me asignar*

«*de V. Ex.*ª *m.*to *respeitadora*
*e obrg.*da

«*5 de Agosto/1878?/*
*Casa de V. Ex.*ª
*Rua das Trinas N.*o *53 — 2.*o *and.*»

Junto figura um cartão de visita, de luto carregado, que deve ser anterior à carta retro, e diz:

«O Ill.mo Ex.mo Sñr.
Duque de Palmella

MARIANNA HERMINIA MEIRA

Offerece, a sua Casa,
Rua das Trinas, N.º 53 2.º and.r

A fechar o núcleo mais íntimo do epistolário Palmela, a carta em que a viúva de José Cândido dos Santos confia ao Duque o precioso espólio das relações do modesto burguês da Ribeira de Santarém com o grande historiador. A sua correcta redacção, em senhora que, conforme o nível do tempo, não consta ter tido mais letras que o marido e D.ª Mariana, faz supor que lhe foi minutada:

«Ill.mo e Ex.mo Senhor Duque de Palmella

«Tenho a honra de felicitar a V. Ex.ª pelo seu feliz regresso a Lisbôa, e por esta occasião cumpro um dever de gratidão e profundo reconhecimento agrade-

cendo a V. Ex.ª todos os benefícios que por sua extrema bondade tem querido fazer-me.

«Tendo colligidas as cartas escriptas pelo Snr. Alexandre Herculano ao meu sempre chorado Marido e crendo que entregando a V. Ex.ª permanecerão livres de qualquer extravio estes firmes penhores de amizade, benevolencia, confiança e protecção com que aquelle Grande Homem tratou a este, rogo a V. Ex.ª o favôr de me indicar quando é que eu posso apresentar-me para que pessoalmente faça a V. Ex.ª esta entrega, que da minha parte é o maior testemunho que posso dar da minha gratidão pelos beneficios que de V. Ex.ª tenho recebido.

«Com muito respeito e consideração

*«De V. Ex.ª
humilde creada. e
m.to obrigada*

«Lisboa 27-9-1879.

Maria José Conceição Rodrigues e Santos.»

Não foi lograda a confiança da boa dona, testemunha fiel do fim de vida do «Grande Homem» e companheira de sua Mulher, quanto à segurança dos preciosos documentos que o destino lhe ligou à existência. Herculano tratou-a sempre com mostras de sincera afeição e com uma deferência mundana que não estremava daquela que, nas cartas ao amigo prócere, dava à «Senhora Duquesa», nem mesmo nos bem-humorados remoques co

apego que D.ª Maria José tinha pela vida de Lisboa, que o lavrador sincera ou resolutamente detestava. Eles podem fàcilmente parear-se com algum leve ressaibo de paternal censura à má administração que as senhoras geralmente fazem da própria saúde, e de que não seria isenta uma Duquesa de Palmela.

Na colecção do Duque, a carta da viúva de José Cândido dos Santos figura num envelope especial, que diz, do punho daquele: «Carta da Viuva do Feitor Santos de Cadafaes que accompanha um grande numero de cartas de Alexandre Herculano a elle Santos.» *Por aqui sabemos que, nos últimos anos da vida do historiador e do seu firme amigo da Ribeira de Santarém, era, este, feitor da herdade de Cadafais, propriedade da Casa de Palmela. As referências a um feitor dela nas cartas adiante impressas, e que não pode ser José Cândido, fazer crer que o cargo lhe foi tarde confiado, porventura com o fim de resolver a sua situação precária, baldadas as diligências de Herculano em obter-lhe colocação, como adiante se verá. O facto, coroado por aquele penhor da gratidão de D.ª Maria José, encadeia mais fortemente as relações entre os três homens. E esse exemplo de funda equanimidade e bo-*

nomia, dado por representantes tão típicos e centrais da sociedade portuguesa liberal de há cem anos, não é o menor valor desta Correspondência, a que a pessoa do grande escritor e técnico rural que a assina confere interesses tão vivos e variados.

O vasto epistolário pede um comentário exaustivo que o situe no quadro das ocupações de Herculano no período correspondente. É certo que elas avultam desta massa de mensagens práticas e desabafos íntimos; mas a dispersão dos dados exige selecção e critério unitivo, pedindo que sejam completados com circunstâncias colhidas noutras fontes e integrados na explicação global da vocação do lavrador conexa com o ânimo do «retiro». É isso que procurarei fazer, pelo menos em parte, e por conveniências de tomação no ádito dos volumes subsequentes. Atenta a abundância de dados que a investigação me pôs nas mãos, a biografia do lavrador e solitário de Vale de Lobos exigiria, até, tratamento em volume especial.

Para aqui, reservei o esclarecimento de algumas circunstâncias, pedido pelo texto do presente volume. Uma delas é a dos estragos causados no País por violentos temporais, que levaram à formação da Comissão de Socorros

a que se refere a carta de Herculano ao Duque, datada de 18 de Fevereiro de 1877[1].

Consultando jornais desse ano e de fins do anterior, sabe-se que em 11 e 12 de Novembro de 1876 fortíssima tempestade assolou o País, devastando principalmente a Estremadura e o Ribatejo, a tal ponto que a Lucta, *do dia 15, podia afirmar «espantoso o mal que em vinte e quatro horas caiu sobre este ourelo da Europa». «Impetuoso furacão ou talvez um ciclone» lhe chamam. O tráfego ferroviário foi interrompido entre Torres Novas e a Azambuja; morreram três fragateiros junto de Sacavém; Valada ficou submersa, fugindo a população para os lados de Muge; Almeirim corria perigo. Nos socorros do Tejo, que a 7 de Dezembro atingia* $7^{m},80$ *de altura arrombando o dique de Valada (cheia considerada superior à de 1823), empregaram-se os vapores do milionário Burnay e distinguiram-se o director dos serviços hidráulicos, D. António*

---

[1] *P. 73 sqq. A nota aí prometida por mim em* Apêndice *que tive de suprimir por conveniências de tomação fica assim incorporada no* Prefácio. *Outras elucidações que aqui não se encontrem, como as das relações com Meira e com a firma Jerónimo Martins, igualmente prometidas para o* Prefácio, *tê-las-á o leitor no aparato dos dois volumes seguintes.*

de Almeida, e o engenheiro João Guedes Quinhones, a quem Herculano se refere nalgumas das cartas seguintes. Um lavrador perdeu duzentos moios de trigo, o Rossio de Abrantes achava-se em estado deplorável. No dizer dos jornais, «muitos indivíduos ficaram desgraçados». Árvores desenraizadas, alfaias agrícolas à deriva, gados e gentes afogados, culturas num momento destroçadas — eis o painel que espreita por trás das palavras severas e exactas de Herculano. Foi um Inverno medonho!

A iniciativa da Comissão de Socorros tomou-a a Rainha D.ª Maria Pia, que, a 14 de Dezembro, convocou para a Ajuda o Cardeal Patriarca (vice-presidente), os Duques de Loulé e de Palmela, o Marquês de Ficalho, Mártens Ferrão, o Visconde de Valmor, etc. Tesoureiro, o Visconde de Ribeiro da Silva. O Rei contribuiu com dois contos, o Duque de Palmela com 600$000 réis, a Duquesa com outro tanto, cada ministro com 25$000. O Bispo do Porto presidia a outra comissão, a do Norte, que rendeu ao todo um conto. Em Coimbra, os lentes contribuíram com um dia de vencimentos e formou-se uma comissão precatória de estudantes. A colónia portuguesa do Brasil, com o Visconde de Matosinhos à frente, mandou dez mil libras à Associação

Comercial de Lisboa para os necessitados. Os Reis visitaram o Ribatejo sinistrado, a 7 de Fevereiro de 1877; e a 28, ao reunirem-se no Paço as duas grandes comissões, a de Lisboa e a do Porto, apuravam-se 80.176$025 réis, além de cerca de oito mil libras e um conto de réis do Brasil. Os requerimentos de socorros, até então entrados, excediam setenta e cinco. Quanto ao modo de acudir eficaz e equitativamente a todos, dado o carácter um pouco mundano da caridade que parecia inspirar os membros da Comissão, fala a desassombrada, notabilíssima carta de Herculano ao Duque. O critério objectivamente social do escritor consultado pelo prócere era tão consciente e inabalável, que, tendo o Duque certamente objectado ao seu severo censor, este se limita, em carta de retorno, à seguinte terminante evasiva: «Dá-me licença para não responder ao parágrafo da sua carta relativo às esmolas aos inundados?» «Esmolas» — insiste.

Assim o homem de bronze abrigava das fáceis transigências e dos tagatés da amizade os claros veredictos de uma consciência incomovível. Essa superior aliança de afabilidade e de intransigência; essa conciliação, no último liame unitivo da acção com o carácter, do juiz inflexível com o homem benigno e tolerante,

tão pronto às mais duras sanções como a apiedar-se até às lágrimas, brotam deste feixe de cartas com uma eloquência que supre uma «vida» contada a posteriori, *pelo método biográfico da inferência e da inquirição de testemunhas.*

De pé, vestido de saragoça na força do Inverno e de cotim no pino do Verão, o lavrador, o patrão, o chefe de família, o vizinho, o amigo, o escritor, o cidadão influente e espiado nas suas opiniões e nos seus gestos, aí está. E, pois que é uma humilde rima de cartas e bilhetes de aldeão a aldeão que no-lo dá tão inteiro, porque a não havemos de estimar tanto ou mais que se de uma correspondência de finuras espirituais e estéticas se tratasse?

VITORINO NEMÉSIO

AO DUQUE DE PALMELA
(ANTÓNIO DE SAMPAIO
E PINA DE BREDERODE)

[*Sobrescrito:* Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr./António de Sampaio e Pina /Ajudante de ordens de S. Majestade [1]].

Am.°

[Lisboa, Ajuda].

Não posso mandar o rapaz hoje a Lisboa, o velho é trôpego e tonto, e não acho um mariola que queira lá ir. Não haverá aí algum desses mandriões do Paço que vá levar essa carta (que pode ver) ao escritório do J. do C. [2]? Se não houver devolva-ma, porque verei como arranjo isso, visto que pelo correio só lá chega amanhã.

Am.°

HERCULANO

---

[1] O modo de endereçar permite datar a carta anteriormente ao casamento do destinatário com a 3.ª Duquesa de Palmela (15-4-1863).

[2] *Jornal do Comércio.*

EX.^MO AM.^O E SR.

Sábado, 3 Nov.º (Ajuda) [1860].

Contava com passar ontem por casa de V. Ex.ª e não pude.

Hoje deve chegar um barril com azeite fino de Vale de Lobos. Creio que traz 51 ou 52 litros. Não sei bem. Deixei ordem em Vale de Lobos para que fosse entregue no Escritório, onde o barqueiro ou quem ele mandar deve só receber a importância dos direitos e transporte desde o cais.

V. Ex.ª falou-me em um homem que sucedesse ao João no cargo de guarda do palácio de Calhariz[1]. Por uma coincidência singular falei com o carpinteiro que estava em Calhariz quando entrámos e que ali ficou quando saímos. Era o homem mais direitinho que ali havia, e a mulher a mulher incompa-

---

[1] Calhariz (Arrábida), propriedade da Casa de Palmela, cuja parte rústica Herculano fez de arrendamento, de 23-11-1854 a 31-12-1863, sendo fiadores Joaquim Filipe de Soure e Martinho Teixeira Homem de Brederode. Vid. p. 261, nota 1.

ràvelmente mais asseada daqueles arredores. Toquei-lhe no assunto, sem comprometimento formal. O homem aceitou a ideia, recebendo talvez menos do que tinha o João, e podendo impor-se-lhe a condição de fazer os *pequenos consertos*, porque ele também trabalha como carpinteiro de casas. É homem de idade, sem filhos, e de proceder regularíssimo; ao menos era-o enquanto andei por Calhariz. É provável que neste negócio da escolha de guarda andem empenhos, intrigas, segundo os bons costumes pátrios. Se lhe parecer, mande chamar o homem, trate com ele directamente, e experimente-o. Se não se der bem, ponha-o na rua; mas parece-me que há-de ficar contente com ele, e sobretudo poupar anualmente algumas moedas nos tais *pequenos consertos*, que há-de conhecer pelas contas de Calhariz, e que eu observei; consertos inevitáveis num edifício que se refez quase de novo, segundo parece, com o propósito de haver sempre nele que consertar.

De V. Ex.ª
am.º e c.

Herculano

P. S.

O homem chama-se Joaquim de Almeida.

Ex.^mo Am.^o e Sr.

Negócios que não podia preterir nem perder de vista obrigaram-me a consumir nesta deliciosa Lisboa, sem poder pôr pé em Vale de Lobos, todo o mês de Janeiro, época da plantação de árvores silvestres.

V. Ex.^a tinha tido a bondade de me oferecer a porção que eu quisesse de eucaliptos, e tendo passado a conjuntura apropriada para a transplantação não pude aproveitar-me da sua generosa oferta.

Peço agora um novo favor: É recomendar ao seu jardineiro do Lumiar que guarde em viveiro obra de um cento dos ditos eucaliptos para irem para Vale de Lobos no próximo Inverno, em que espero estar livre de negócios aqui.

Desculpe esta impertinência.

De V. Ex.^a
am.^o e c. obrig.^mo

S. C. 4 de Fev.^ro de [18]67.
[Lisboa].

Herculano

[*Sobrescrito*: Il.mo e Ex.mo Sr. Duque de Palmela]

Ex.mo Am.o

Vale de Lobos, 1 Fev.ro [18]68.

Èsta *intimação* vai pelo meu rapaz que mando a Lisboa, a fazer provisões.

Posto que nestes sítios se trate quase exclusivamente das coisas úteis da agricultura, ainda não cheguei ao invejável grau de barbaridade de abominar as flores.

A minha lavradora quer num terraço contíguo à casa de jantar alguns vasos de fúcsias e de gerânios, e espoliou-me de um pedacinho de terra junto a um tanque para mandar fazer um jardinzinho.

Obtemperei. Compraram-se vasos: preparou-se terra para eles: riscaram-se e encheram-se as placas do pequeno jardim.

Rosas, e excelentes, tinha-as eu já pilhado ao Duque de Palmela haverá dois anos: cravos, goivos, saudades, flores, em suma, dos

tempos heróicos da monarquia, há-as aqui; mas fúcsias e gerânios, mas uma porção de *gazon* ou coisa assim para bordar as pequenas placas, isso é que só nessa terra de malhados e pedreiros livres chamada Lisboa se poderia encontrar. Eu e a lavradora cismámos muito tempo nisso.

Finalmene achei eu um arbítrio. «Vou — disse — escrever à mesma vítima a quem apanhei as roseiras. Se quando eu era um simples maltês de manta às costas lhe pilhei aquelas roseiras tão bonitas, agora que sou um *pater familias*, um homem sério, estabelecido, em via de gordo e barrigudo, não sendo nenhum milagre da Virgem da Salette que chegue a ter as dimensões do conselheiro Sampaio [1], não será muito que pilhe ao Duque uma porção de fúcsias e de gerânios, de que deve haver viveiros tanto no Rato como no Lumiar [2], onde também é inevitável que haja *gazon* ou outra planta miúda de bordadura

---

[1] António Rodrigues Sampaio (1806-1882), conhecido por «o Sampaio da *Revolução*», por ser o redactor principal da *Revolução de Setembro* (1842)? Grande jornalista da esquerda liberal, redigiu clandestinamente *O Espectro* (1846-1847) contra a política de Costa Cabral. Ministro do Reino em 1870, e de 1871 a 1877, com Fontes.

[2] Residências dos Duques de Palmela.

com que se componha o pequeno oásis, não deste areal, mas destas brenhas.»

Disse, e aplaudido e votado unânimemente o alvitre, peguei na única pena que tenho capaz de escrever e fiz esta carta requisitória que mando pelo Manuel, rapaz, com ordem de a entregar e de ir daí a dois ou três dias ao escritório do Ex.mo Duque saber a resposta, para trazer as tais flores, se o jardineiro do Ex.mo as arranjar, que, a dizer a verdade, é de quem eu me temo mais.

Peço que leve à presença da Ex.ma Senhora Duquesa os meus submissos respeitos e creia-me V. Ex.a

am.o velho

HERCULANO

[*Sobrescrito:* Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Duque de Palmela / Ao Rato / Lisboa].

Il.^mo^ e Ex.^mo^ Am.^o^ e Sr.

Raro ou nunca leio os periódicos. Não sei, por isso, se já acabaram as caçadas e festas de Vila Viçosa, e se, portanto, já voltou a Lisboa. É provável que sim, e que seja tempo de lhe agradecer as flores, como cordialmente agradeço.

Na primeira quinzena de Março ou ainda até o dia 20 não posso dizer com certeza se estarei em Vale de Lobos, donde por essa época tenho de sair durante alguns dias. Antes ou depois estou sempre às ordens do meu amigo. Uma choupana de modesto lavrador não se oferece ao Duque de Palmela; mas se António de Sampaio [1] quiser vir aqui ficar, para no dia seguinte irmos de nosso vagar a

[1] Nome do Duque.

Lagoalva [1], há-de achar aquele chão e sincero agasalho, que se pode dar nestas rudes brenhas, e cujas asperezas a cordialidade faz perdoar.

Peço os meus cumprimentos para a Ex.ᵐᵃ Sr.ª Duquesa e V. Ex.ª continue a ter-me na conta de que sou

De V. Ex.ª
am.º fiel

Vale de Lobos, 11 Fev.ʳᵒ 1868.

HERCULANO

---

[1] Quinta da Lagoalva de Cima e Quinta da Lagoalva de Baixo, freguesia de S.ᵗᵒ Eustáquio, Alpiarça. Propriedade da Casa de Palmela.

Am.º

Ao Duque de Loulé [1] não escrevia eu se, desenganado de morrer, dependesse dele o remédio que me podia salvar a vida. Não quero moê-lo com as razões disso, que não vêm para o caso. Ao Magalhães [2] escrevia, mas fazia uma inutilidade. Respondia-me que sim, com mil vontades, e não fazia nada. Se não o conhece, conheço-o eu. É excelente pessoa para se conviver com ele, sobretudo em troça; mas para negócios destes não presta para

---

[1] Duque de Loulé (1804-1875), a quem Lichnowsky chamou «o homem mais bonito do seu tempo». Ministro da Regeneração, chefiou depois o Partido Histórico. Presidente do Conselho de 1860 a 1865, foi injustamente acusado de cúmplice no fantasiado envenenamento de D. Pedro V. Presidente do Conselho e Ministro do Reino de 1869 a 1870. Herculano, em carta a Joaquim Filipe de Soure, de 1865 (?), (Luís Silveira, *Cartas Inéditas*, p. 88), a propósito de recomposição ministerial, desconfia «de alguma velhacada do Loulé», «que não seria a primeira vez que traísse uma situação em que tivesse figurado».

[2] Magalhães Coutinho, médico do Paço?

nada. Resta o Duque de Palmela. Este sim que é um rapaz sério. Se prometer há-de cumprir. Vou escrever-lhe com aquela eficácia que o caso pede, e que me inspira o desejo que tenho de lhe ser útil. Quando lhe cair a talho, não se arrependa do propósito de vir passar nestas brenhas um ou mais dias.

Seu do c.

Vale de Lobos, 25 Abril
1868.

HERCULANO

Ex.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos, 25 Abril [18]68.

Recebi o aviso do adiamento da nossa viagem. Eu aqui estou sempre às ordens. Conheço as intermitentes; sei como mordem. O perigo por ora não era grande, sobretudo havendo juízo. O pior é ter havido coisas mais graves para o adiamento. Desejo que essas coisas tenham passado ou passem breve. Entretanto peço queira apresentar os meus respeitos à Sr.a Duquesa, se é que os respeitos do rude lavrador da parvalheira de Vale de Lobos valem a pena de lhe serem apresentados.

Eu que falo hoje quase exclusivamente com o bicho de bota grossa tenho conversado e tirado as minhas informações acerca da Lagoalva. As reflexões que me têm ocorrido à vista dessas informações e dos seus projectos hei-de comunicar-lhas quando nos virmos.

Interesso-me em um negócio em que directa

ou indirectamente me pode ajudar, o que lhe peço faça. O Barral[1] está a morrer: pretende substituí-lo como médico do paço o Abel Jordão[2], filho do advogado Abel[3]. O conceito que faço dele como médico é tal, que há muito o preferi para mim a todos os outros. Não sei medicina; mas quando falo com um médico estou-o sempre estudando e se não posso apreciar os seus estudos médicos, posso apreciar-lhe o talento. Sabe que trato familiarmente com muitos dos melhores, e conheço quase todos. Cheguei à convicção de que devo preferir *para mim* o Abel. Isto é segredo, porque não quero ferir susceptibilidades de amigos. Digo-lhe só para que saiba a ideia que faço dele como homem de ciência.

Pelo lado moral, ele infelizmente pertence a uma família ruim. O Abel pai é má peça, e

---

[1] Dr. Francisco António Barral (18[illegible]1-1878), professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e grande clínico, médico da Imperatriz D.ª Maria Amélia. Aposentado em 1-5-1868.

[2] Dr. Abel Maria Dias Jordão (1833-1874), n. em Lisboa, de cuja Escola Médico-Cirúrgica foi demonstrador e lente substituto. Sócio da Academia Real das Ciências e da Sociedade de Ciências Médicas, em cujo *Jornal* deixou vasta bibliografia.

[3] Abel Maria Jordão de Paiva Manso, Barão de Paiva Manso ([illegible]), jurisconsulto

o irmão, Levi [1], é uma peste e ainda promete. A opinião, porém, que tenho acerca dele é bem diversa. Essa opinião funda-se em factos que sei. As ambições que lhe tenho conhecido são as de ganhar uma honesta independência pelo seu trabalho: são daquelas que não desonram: honram. Ele tem contra si a malevolência do beatério; porque disse a verdade acerca dos efeitos físicos que teve a educação dada pelas irmãs da caridade no asilo da Ajuda. Sei por amarga experiência o que é incorrer no ódio dos devotos.

Quando pela saída do Bernardino [2] entrou o May-Figueira [3] já ele tentou obter o cargo. O Marquês de Sabugosa [1] a quem o recomendei

---

[1] Dr. Levi Maria Jordão, Visconde de Paiva Manso (1831-1875), doutor em Direito, sócio da Academia. Publicou *Bulário e Inscrições Latinas*. Herculano assistiu-lhe em Coimbra à imposição do capelo (19-6-1853).

[2] Dr. Bernardino António Gomes (1806-1877), lente da Escola Médica de Lisboa. Sucedeu ao Barão da Silveira como médico da Real Câmara.

[3] Dr. Carlos May Figueira (1829-1913), lente da Escola Médica de Lisboa e introdutor dos estudos de microscopia em Portugal.

[1] António Maria José da Silva César e Meneses, 3.º Marquês de Sabugosa (1825-1897). Alferes-Mor do Reino. Ministro do Reino com Loulé em 1873. Homem íntegro, demitiu-se de director da Companhia das Águas por questões de coerência em 1872. Publicaremos em breve as cartas que Herculano lhe escreveu.

fez o que pôde, mas pôde menos do que os que protegiam o Figueira. O mal, porém, maior, creio que lhe veio de certa gente. Hostilizar a reacção não sai de graça.

Conto com a sua benevolência para com o meu doutor: será benevolência para comigo. Se os reaccionários se protegem mùtuamente, porque se não protegerão entre si os liberais?

Disponha do

Seu do c.

HERCULANO

[*Sobrescrito:* Ex.mo Sr./Duque de Palmela, Lisboa].

Ex.mo Am.o

A sua carta envergonhou-me. Não devia ter esquecido as «Memórias do Amador Patrício»[1]; mas o certo é que as esqueci, como esqueci alguns livros meus que tinha emprestado a J. Júlio. Quando ele morreu não tive ânimo de ir falar à viúva nesse assuntos, o que seria uma brutalidade: depois ela foi para o Porto, e seguiu-se o que costuma suceder nestes casos; veio o esquecimento.

---

[1] Amador Patrício foi pseudónimo de vários publicistas: Francisco José Freire, Francisco José Maria de Brito, Martim Cardoso de Azevedo. Talvez se trate da *Historia das Antiguidades de Evora*, Évora, 1739, livro fantasioso, do último daqueles autores. (Inocêncio, s. v. AMADOR). «J. Júlio» supomos ser José Júlio de Oliveira Pinto, que foi Director Geral do Ministério da Justiça e a cujo acto de formatura em Direito assistiu Herculano em 18-6-1853. Faleceu num duelo em 1868. (Vid. *Scenas*, pp. 168 e 172)

Mártens Ferrão [1] e Henrique O'Neill [2] eram os dois amigos mais íntimos de J. Júlio. Foram eles que trataram dos negócios da viúva. Mártens Ferrão não sei se está em Lisboa, se em Coimbra, regendo a cadeira. Por isso não lhe escrevi; mas escrevi ontem ao O'Neill para que visse se colhia à mão o «Amador Patrício», fazendo nisso toda a diligência, em harmonia com a estimação que o Sr. Pinto [3] dá àquelas «Memórias», embora me pareça exagerada. Recomendei-lhe que logo que as obtivesse, as fizesse chegar às mãos do meu amigo, o que ele de certo fará, avisando-me ao mesmo tempo para eu ficar descansado.

Muito estimarei que realize a sua promessa, se tornar a haver tempo enxuto em Portugal. Nesse caso avise-me, para mandar esperá-lo na estação com uma cavalidade, ou um *char-à-bancs*, se não vier só. Poderemos então

---

[1] (1824-1895), lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, ministro de Estado e embaixador na Santa Sé.

[2] Visconde de Santa Mónica (1821-1889), oficial maior da Casa Real e preceptor do Príncipe D. Carlos e do Infante D. Afonso, Director Geral do Ministério da Justiça. Visconde em 28-12-1876. Traduziu as *Fábulas* de Lessing e publicou o *Fabulário*.

[3] Ricardo Pinto de Matos, empregado da Biblioteca Pública do Porto e autor do *Manual Bibliográfico*

combinar a ida à Lagoalva, que me parece deve ser mais para a Primavera por muitas razões e até porque é provável que esteja agora em parte debaixo de água.

Diga-me como vai o Visconde[1]. Nada sei dele há muito tempo. Aqui veio há pouco ter comigo um seu foreiro de Achete[2] a pedir-me que lhe escrevesse (disseram-lhe que eu era *parente* do Visconde) para que resolvesse onde e a quem queria que entregasse uns foros de trigo e azeite (me parece) visto que já por causa disso (não creio) tinha ido a Lisboa, e não o encontrara aí, e não podia estar a repetir viagens dessas; que os foros estavam prontos, mas que se cobrassem cá. Ficou de voltar no fim do ano, a saber a resposta. O Visconde que diga de sua justiça.

Quanto ao país, e às minhas profecias, acredite que o contrário do ditado *ninguém é profeta na sua terra* é que é verdade. Na nossa terra, onde temos obrigação de conhecer os homens e as coisas, é que possuímos ele-

---

[1] Visconde da Lançada (n. 1831), irmão do Duque António de Sampaio e capitão-tenente da Armada, veador da Rainha D.ª Maria Pia.

[2] Freguesia de Alcanhões, a 5,4 km. ao N. da Azóia de Baixo. ACHETE vem talvez do árabe ACHETHA, «azeda» (Pedro de Azevedo).

mentos para prever o futuro. Tenho minhas dúvidas sobre a existência das revelações *ab alto*; mas não as tenho sobre os poderes de uma coisa que me ensinaram os padres da Congregação do Oratório e que se chama a lógica.

Eu, se puder sair daqui, conto com dar uma saltada a Lisboa no princípio do ano, e farei o possível para o ver. Digo, se puder sair, porque a ponte de Vale de Lobos está intransitável em consequência da *excelente* gerência dos dinheiros do Estado pelo Ministério das Obras Públicas. Sobre a ponte têm morrido cavalgaduras atoladas em lama, e os outros caminhos que daqui conduzem à estrada real de Santarém estão intransitáveis, por isso mesmo que tudo foge de atravessar a ponte fatal. Eu próprio estou dando passagem por dentro da quinta com dó desta pobre gente, e tenho por isso a habitação rodeada de um lamaçal. Enfim tudo frutos dos paternais governos que há tantos anos se encarregam de nos salvar. Tal país, tais governos.

Peço os meus humildes cumprimentos para a Senhora Duquesa, e continue a ter-me em conta de seu

Am.º obrig.mo

Vale de Lobos, [illegible] Dezembro [18[illegible]]

HERCULANO

Ex.^mo Am.^o e Sr.

Peço o obséquio de remeter ao Visconde[1] quando lhe escrever essa nota relativa aos foros de Tremês.

Há dois anos pròximamente que o meu amigo me ofereceu uma porção de eucaliptos de várias espécies. Pedia-lhe que me mandasse reservar no seu viveiro uma porção deles, porque não tinha terra arranjada para os plantar. Existem lá ainda? Se existem, peço o favor de me dar uns poucos.

No princípio do mês vai o meu criado Manuel a Lisboa. Aí o mandarei ao escritório. Deixe lá a resposta, e, no caso de os haver, indicado onde os há-de receber e o modo, para os trazer ou enviar para aqui pelo caminho de ferro.

Com o tempo húmido que vai e do modo que eu vejo as ribeiras encharcadas, duvido de que possamos ir à Lagoalva em Março.

---

[1] Visconde da Lançada, irmão do Duque. Vid. p. 20, nota 1.

Há coisas que se não vêem bem senão andando a pé. Parece-me que a melhor época será Abril, e de certo impossível antes, se Março for chuvoso.

Am.º e c.

Vale de Lobos, 22 Fevereiro [1869[1]].

HERCULANO

[1] A lápis, do punho do Duque.

Il.^mo e Ex.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] S. 8 de Outubro [187-]

Pode V. Ex.ª dar procuração a João Maria de Oliveira para tratar da causa que intenta mover aos herdeiros do general Guerra [1], no Juízo de Santarém. Mande também fazer as instruções para o homem. Se quiser faça expedir-lhe tudo directamente, ou se preferir que eu leve esses papéis, tenha-os prontos até o meado da semana que vem, em que conto sair deste charco de uma coisa que eu sei para o chão enxuto e limpo do meu Vale de Lobos.

Diga-me em que dias e a que horas está no Rato, porque não quero ir-me sem o ver.

De V. Ex.ª
am.º e c. obrig.^mo

Herculano

---

[1] Manuel José Júlio da Guerra (1801-1869), general de Engenharia, Superintendente dos Melhoramentos do Tejo. Herculano conhecia-o pelo menos desde 6-6-1853, de Santarém. (Vid. Herculano, *Scenas de um Ano da Minha Vida e Apontamentos de Viagem*), pp. 149-150.

EX.^MO AM.^O E SR.

[Vale de Lobos] Abril 23 de [18]71.

Folgo de que chegasse a salvo dos desgostos que lhe podia ter acarretado a sua missão a Castela, sentindo por outra parte que tão graves cuidados de família como os que me diz o não deixem aproveitar desafogadamente o mês de Abril para o viver do campo, agora quando o viver, sem mais nada, sentimos que é uma coisa boa.

Agradeço a largueza com que se presta a ceder-me maior porção de enxofre. Não é preciso; porque eu, como velho, e portanto manhoso, segurei-me no pedido. Aqui o mal do *oidium* nunca foi comparativamente de grande gravidade; as minhas baceladas de um e dois anos não precisam dele, e a vinha que dá fruto não é de mais de quatro a cinco pipas. Depois, creio pouco nos enxoframentos preventivos, e só aplico o remédio quando aparece a doença. Vindo uma barrica tenho ainda enxofre para o ano.

Como aqui vem, conversaremos. Se eu estiver desembaraçado e as minhas pernas, que não têm andado muito boas, mo consentirem, acompanhá-lo-ei. Ficamos assim com os movimentos livres. Não posso indicar-lhe conjuntura própria para essa expedição. Quem não pode deixar de ser feitor de si mesmo, e é conjuntamente industrial não sabe com antecedência se tal ou tal dia ou semana estará habilitado para deixar a casa. Por estes dias espero eu um homem, a ver se ainda arranjo um negócio de bagaço para entreter o lagar até a colheita. Apesar de não ser *já* alfacinha, também tremo das sezões, a quem talvez devo a perda da minha antiga e inalterável saúde.

A Mariana passou quase sempre mal desde que viemos de Lisboa, apesar do regulamento que trouxe do facultativo para se continuar a tratar. Vendo isto, propus-lhe um sistema meu. Passa agora muito melhor desde que o adoptou. Veremos se o leigo acerta mais que o doutor. Ela agradece cordialmente a benevolência de V. Ex.ª e da Senhora Duquesa; perante quem pede a V. Ex.ª apresente os seus respeitos.

Am.º obrig.mo

HERCULANO

Ex.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Lisboa] 12 de Janeiro de [1872].

Resolvi partir amanhã para Vale de Lobos no comboio da manhã, porque assim é necessário.

Não há tempo para se arranjarem os eucaliptos e as flores que tem a bondade de querer dar a minha mulher (a qual fica em Lisboa até a minha volta em princípios de Fevereiro). Quer-me fazer o favor de mandar isso tudo, quando for possível, dirigido a Santarém a José Cândido dos Santos (Ribeira) pelo caminho de ferro?

É natural que saiba que há uma tabela especial para objectos de semelhante natureza, os quais se entregam na estação principal e não na de mercadorias, e que por um preço muito inferior ao da grande velocidade são logo expedidos.

E a nota da cerveja?

Peço os meus cumprimentos para a Senhora Duquesa e V. Ex.ª tenha-me sempre na conta de

Am.º obrig.ᵐᵒ

HERCULANO

Ex.mo Am.o

Vale de Lobos, 1[illegible] Março [1872.

Aqui recebi os eucaliptos e as flores que eu e Mariana muito e muito agradecemos.

Sei que me procurou na sexta-feira em casa de meu cunhado[1]. Cheguei nesse dia à noite, e parti no comboio da madrugada, porque não pude convencer o Imperador[2] de que era uma rapaziada vir almoçar no domingo a Vale de Lobos. Estava bem longe disso e desprevenido. Sofreu-lhe as consequências ele e os três que o acompanhavam.

Não sei quando irei a Lisboa. A vontade disso é medíocre. Esqueceu-se de entregar os papéis ao Visconde ou esqueceu-se ele de dar andamento a isso?

---

[1] Francisco Romano Gomes Meira, irmão de sua mulher. Vid. *Prefácio*.

[2] D. Pedro II do Brasil (1825-1891), então de visita em Portugal. Sobre as circunstâncias da sua ida a Vale de Lobos vid. *Prefácio*

Peço os meus respeitosos cumprimentos à Senhora Duquesa, e continue V. Ex.ª a ter-me na conta de

Am.º velho

HERCULANO

Ex.mo Am.o

Vale de Lobos 30 Março [18]72.

Não sei se os 62 valem a pena de se comemorar; mas em todo o caso, cordialmente agradeço a última prova que recebi da sua boa amizade. Só sinto a causa que obstou à sua vinda aqui.

Desejo e espero que essa causa tenha cessado. Desejo-o de coração. Se assim não fosse, era necessário ser bem ingrato a tantas demonstrações de benevolência que devo à Senhora Duquesa.

Os papéis do Visconde aqui mos entregou o Marquês de Sabugosa. Não vieram tarde. O pobre José de Sá que trata daqueles negócios há 16 dias que está em casa tolhido com reumatismo, e não sei quantos estará ainda.

Os eucaliptos estão plantados e com cara

---

[1] Vid. nota 3 da p[illegible].

de nenhum morrer. O *jardim* que remeteu à Mariana está já aposentado num invernáculo que lhe improvisei.

Sempre seu am.º

HERCULANO [1]

---

[1] Esta carta encontra-se na colecção do Duque acompanhada desta outra, escrita em papel timbrado da Sociedade de Geografia de Lisboa: «13 de Março de 1910 / Il.mo Ex.mo Sr. / Com muitos agradecimentos tenho a honra de devolver a V. Ex.ª a carta de Alexandre Herculano, que V. Ex.ª fez favor de me mandar. Apresentei-a antes de ontem à comissão executiva *, que me pede para em seu nome agradecer também a V. Ex.ª. É mais um documento comprovativo da data do nascimento do nosso grande historiador, que não há dúvida foi a 28 de Março e não a 28 de Abril, como erradamente a certidão acusa. Com a mais subida honra e particular, de V. Ex.ª admirador muito sincero / *Z. Consiglieri Pedroso*».

* Do Centenário do nascimento de Herculano.

Ex.^mo Am.^o

Domingo 26 [Janeiro de 1873].

Contava com partir para Vale de Lobos nos fins da semana, mas um negócio acerca do qual me escreveu, obriga-me a ir amanhã (se não houver greve no caminho de ferro) no primeiro comboio. Não pude por isso ir aí ou prevenir a tempo a respeito dos eucaliptos e de alguns pinheiros de Alepo, se ainda houver alguns que se possam dispensar. Não tem, porém, inconveniente nenhum a minha partida para eles irem; porque a Mariana ainda fica, e eu tenho aqui um procurador que tratará da remessa. Basta que V. Ex.^a dê ordem quando eles chegarem ao Rato para darem aviso em casa de meu cunhado, a fim de o procurador ir cuidar de os fazer conduzir à estação. Se o seu Jacó descobrisse por lá uns pés de roseiras brancas e outros das amarelas que associasse aos eucaliptos para irem fazer companhia àquelas magníficas rosas que

foram para Vale de Lobos há três anos, seria excelente.

Peço os meus cumprimentos para com a Senhora Duquesa.

De V. Ex.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Ex.^mo Am.^o e Sr.

Vale de Lobos, 12 Fev.^ro [18]73.

Aqui chegaram em óptimo estado os eucaliptos, cedros, pinheiros e roseiras. De novo agradeço esta adição aos passados favores. Dos eucaliptos já ficam plantados muitos à borda do meu riacho, e as roseiras ao pé de casa. O resto foi passado a vasos para serem postos no seu lugar quando estiver amanhada a terra para os receber, do que é impossível tratar agora. A escassez de braços é grande, porque os trabalhos caíram todos juntos por causa da teimosia da chuva. A minha gente é pouca para acudir às baceladas. Se este ano puder meter de novo 4 ou 5 milheiros novos dar-me-ei por feliz.

Trouxeram-me aqui para assinar um requerimento dos vinhateiros do distrito contra o novo projecto do imposto sobre o vinho. Não creio na eficácia de tais requerimentos. Assinei-o por boa camaradagem, e por ser redigido e recomendado por um respeitável

amigo meu de Santarém, o Dr. Silva[1]. Sinto que o Serpa[2], de quem também sou amigo, tomasse a responsabilidade de semelhante despropósito, cujo menor defeito é ser nulo, ou quase nulo, se os produtores de vinho não fizerem caso do preceito das guias. Nem com 10.000 agentes fiscais os coibiam disso, e o governo não tem 10 que se incumbam de policiarem e vigiarem campos, aldeias e vilas abertas. Os regeneradores meteram-se neste beco sem saída dos impostos de consumo. A consequência é ferverem as cabeçadas pelas paredes. Quando virá alguém que compreenda que a questão da fazenda não se resolve senão por uma revolução radical do nosso sistema administrativo?

---

[1] Joaquim Maria da Silva, natural da Ilha Terceira (24-5-1883), advogado e prof. do Liceu em Santarém, onde faleceu em 30-9-1913. Tradutor do *Chatterton* de Vigny e autor de *Estudos de Filosofia Racional e Moral,* que Herculano reviu. Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa (20-12-1860).

[2] Conselheiro António de Serpa Pimentel (1825-1900). Escritor e político de vulto, sócio da Academia por proposta de Herculano (1851). À data, Ministro da Fazenda (de 11-10-1872 a 5-3-1877). Foi chefe do Partido Regenerador em sucessão de Fontes Pereira de Melo, e é o autor do primeiro trabalho considerável sobre o historiador: *Alexandre Herculano e o seu Tempo.*

Não se admira deste cavaco político? É que as noites de Inverno cá fora dão para tudo. Até para pensar nisto.

Peço queira apresentar os meus respeitosos cumprimentos à Senhora Duquesa e V. Ex.ª tenha-me sempre na conta de sincero respeitador e amigo

A. Herculano

Ex.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos, 9 Maio [18]74 [1].

Deu-me cuidado sério a sua doença, porque, segundo as informações dos periódicos era das sorrateiras, que vêm com a cara modesta e compungida de um jesuíta do 5.° voto, para esquivar as agressões da medicina e fazer a seu salvo das suas. Não se me tirava da cabeça a doença final de D. Pedro V. Felizmente todos os seus amigos ficaram *quites pour la peur*.

Na questão do azeite que o Visconde tratou como bom amigo, pude enfim saber donde vinha a velhacada. Neste assunto os Martins [2] fizeram sofrível papel de pedaços de asno. Pus-lhes os pontos sobre os ii numa carta, a que me responderam dando por terminado o

---

[1] Vid. carta cuja data é aventada como anterior a Setembro de 1874 e cartas de 9-5-1874 e 8-9-1874.

[2] Jerónimo Martins & Filhos. Vid. nota em *Apêndice*.

debate, visto que ninguém se queixava. Entretanto lá lhes ficou a zargunchada no lado, ou antes no lado do seu honradíssimo guarda-livros, criaturinha com que sempre embirrei.

A Mariana, que, coitada, tem quase sempre passado incomodada do seu estômago, agradece muito a dádiva dos retratos. Nas fotografias não me parece que V. Ex.ª fizesse mau negócio; mas da que representa a Senhora Duquesa não direi o mesmo; entendo que perdeu; já se sabe, para quem não tem a honra de conhecer o original. No fim de contas o sol é fraco artista. Só o pincel e o génio do homem sabem trasladar para a tela o bom e o belo que da alma vêm assomar ao gesto. E ainda bem que as forças da natureza física não podem substituir a inspiração e a arte.

Há dias que tinha tenção de escrever a V. Ex.ª mas têm-me impedido mil bagatelas rústicas e o que pior é literárias. Decididamente não escapo ao meu destino. Esta mesma é escrita a correr.

De V. Ex.ª
am.º fiel e obrigado

A. Herculano

Am.º

[Vale de Lobos [1]].

Peço o favor de dar ordem ao seu feitor de Cadafais para me remeter para Santarém uma quartola de azeite fino entre 180 e 220 litros, conforme a vasilha de que para isso puder dispor. Se for nova deve mandá-la escaldar tantas vezes quantas forem necessárias para o azeite não tomar o gosto da madeira: se for servida, lava-se com soda fervida e depois com água fria tantas vezes que não reste o menor saibo de azeite ordinário.

Tive de mandar um casco do meu azeite aos Martins obra de mês e meio depois do seu e de lhes escrever uma carta *comprida* com todos os pontos sobre todos os ii. Intrigava-se muito para arredar o suplemento de Cadafais a Vale de Lobos, ao mesmo tempo

---

[1] Anteriormente a Setembro de 1874. Vid. cartas de 9-5 e de 8-9-1874.

que se faziam diligências para obter informações sobre o meu método de fabrico. Até que ponto os Martins sabiam ou consentiam estes manejos ignoro-o. A minha carta trouxe aqui no dia seguinte um deles. Ouviu o que esquecera na carta. Disse-lhe em definitiva que na primeira remessa iria o azeite de Cadafais misturado com o meu, para ver se os *espertos* adivinhavam que não era de Vale de Lobos. Ontem recebi um casco para nova remessa, o que ainda não esperava, e por isso desejo que a quartola chegue aqui o mais breve possível. Deve prevenir o feitor que, se não houver quartola capaz, mande uma pipa ou o que quiser, porque se for de mais para a mistura, ficará o resto para outra remessa.

Eu aproveitei o conflito para expor francamente aos Martins os meus projectos sobre a exportação e venda deste azeite em ponto grande: fiz-lhes sentir quanto este negócio podia ser sério para eles, e que ninguém estava mais no caso do que o meu amigo de entrar nessa empresa, e acrescentei que estava firmemente resolvido a não admitir mais ninguém, lembrando-lhes ao mesmo tempo que eu era um dos mais perfeitos teimosos de Portugal.

As miudezas do que houve em tudo isto

ficam para à vista. Agora o que eu quero é depressa o azeite cá.

Peço os meus cumprimentos para a Senhora Duquesa. Eu conto estar em Lisboa nos princípios de Setembro, e então nos encontraremos. Esta dirijo-a para Lisboa, onde decerto tem quem lhe remeta a correspondência para Sintra ou Cascais ou onde quer que actualmente esteja.

Am.º velho e obrig.mo

HERCULANO

Ex.mo Am.o

Vale de Lobos, 8 Setembro [18]72.

Aqui recebi uma quartola com os 256 litros de azeite que mencionava o feitor de Cadafais[1] numa carta que trouxe um homem que acompanhava o azeite, coisa aliás escusada, porque bastava remeter-mo para a estação de Santarém aonde eu o mandaria buscar. Lá foi num casco misturado com o meu para satisfazer a *fé* dos fregueses. Estivemos comparando os dois, eu e o meu Francisco: achámos o de Cadafais um pouco mais *gordo,* mas o cheiro, o sabor e a cor iguais. Como este ano é de safra hei-de ver se o Francisco pode dar uma saltada a Cadafais para ver como lá corre o fabrico. Desconfio que a diferença na grossura procederá do armazém, que, ao contrário das adegas, deve ser defendido do

---

[1] Freguesia de N. Sr.ª da Assunção, Alenquer. Junto da Vala do Carregado e banhada pela ribeira de Refugidos. Da capela-mor da igreja foi padroeiro Diogo de Sousa. Propriedade da Casa de Palmela.

norte e abrir sobre o meio-dia, de modo que conserve uma temperatura constantemente tépida.

Contamos com partir daqui no póximo domingo ou na segunda-feira imediata. Vamos para casa de meu cunhado Meira, que depois de muitas diligências encontrou uma casa consentânea com a lesão que padece e que lhe facilita aproveitar-se dos carros americanos. É na Rua Direita de S. Francisco de Paula, n.º 47.

Minha irmã foi passar este mês no Lumiar com o marido, o coronel Galhardo, que como subdirector da Escola do Exército tem férias até princípios de Outubro. Pede-me para lhe obter um bilhete de admissão na quinta do Lumiar, aonde deseja ir passear. Faz-me o favor de remeter o bilhete com o nome do coronel Galhardo (J. A. R.) dentro de um sobrescrito a Eduardo Rodrigues Galhardo, oficial do Colégio Militar na Luz, que é um sobrinho meu [1], em cuja casa estão os dois ve-

---

[1] Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo (1845-1908), filho de D.ª Maria da Assunção de Araújo, irmã de Herculano, mais velha dois anos do que ele. No posto de coronel, comandou a expedição de 1895 a Moçambique, vencendo o Gungunhana nos combates de Coolela e Manjacaze. Governador de Macau e da Índia

lhos? Tenha paciência com estas importunações de que não posso livrá-lo, nem livrar-me.

Peço os meus mais profundos respeitos à Senhora Duquesa, e tenha-me sempre na conta dos seus mais sinceros amigos.

A. Herculano

---

e Ministro na China, Japão e Sião. Ajudante honorário do Rei D. Carlos. Seu pai, o coronel, depois general de Artilharia, Joaquim António Rodrigues Galhardo, fora companheiro de mocidade de Herculano, com quem esteve envolvido na desordem da feira das Amoreiras (27-5-1828) de que resultou o gilvaz que o escritor tinha na cara. (Nemésio, *A Mocidade de Herculano,* I, p. 197).

Ex.^mo^ Am.^o^

[Lisboa] 3 Novembro [1874].

Peço o favor de recomendar que dêem ordem ao feitor de Cadafais que mande para *Santarém* com guia a J. Cândido dos Santos, da *Ribeira*, a quartola de azeite com a maior brevidade. A ordem para a remessa, que eu calculava não poder tardar, já estava em Vale de Lobos há dias.

Am.^o^

Herculano

Ex.^{mo} Am.°

Veja se faz dar um empurrão ao feitor de Cadafais. Escreve-me o Santos ontem que ainda não recebeu a guia da quartola. Os Martins apertam por outra parte.

Os homens do *Popular* descompuseram-me, como era natural; mas engoliram o desmentido. Fizeram bem. É um procedimento razoável. Um jornal não deve engolir em seco seja o que for.

Os meus cumprimentos à Senhora Duquesa é o que ainda peço e talvez até à noite.

De V. Ex.ª
am.° obrig.^{mo}

Herculano

[Lisboa] S. C. Novembro 7 [1874].

Il.mo e Ex.mo Am.o

[Lisboa] Novembro 20 [6.ª feira 1874].

O meu Francisco, atrapalhado com o trabalho incessante do lagar, e a direcção de Vale de Lobos na minha ausência, esqueceu-se de medir o azeite que foi de Cadafais quando o ajuntou ao de casa no casco cuja medida é sabida. Peço o favor de mandar saber do feitor de Cadafais quantos litros foram, porque vou mandar cobrar a importância do azeite, e quero deixar esta conta liquidade antes de ir para cima, o que conto fazer na segunda-feira próxima pela manhã. Deve por isso a nota do feitor estar na minha mão até domingo 22 à noite.

Am.o velho

Herculano

Ex.mo Am.o

[Vale de Lobos] 25 Janeiro [18]75.

Há bem 15 dias que recebi as roseiras e buganvilas e a sua cartinha em que me avisava da remessa. Queria agradecer, mas por umas cócegas de vaidade queria também dizer-lhe logo que tudo fora imediatamente plantado e arranjado. Infelizmente o único homem que me podia tratar disso tem judiado comigo de tal modo, faltando-me, que só no fim de dez dias estava tudo convenientemente disposto, e com boa cara de pegar, porque se conservou bem abacelado e resguardado. Agradeço, pois, e não é sem tempo; mas estes sítios não são Lisboa; são os Bairros.

Agradeço igualmente o não se ter esquecido do sulfurador, que vejo o Silva Pinto não aprontou ainda, em consequência de me dizer na sua carta, que tomava o incómodo de mo remeter logo que lhe chegasse às mãos.

Acabo de escrever uma carta tão comprida

ao Carlos Bento[1] a propósito do nosso Paulo de Morais[2] que preciso de fazer economias na verba epistolar, verba de despesa intelectual em que, aliás, nunca fui demasiado extravagante. Tem-me dado tantas provas de boa e singela amizade, que me atrevo a pedir-lhe mais uma, ajudando-me na tal poupança. Consiste em dizer ao Visconde, se ele por aí aparecer, que recebi a sua carta e prevenirei José de Sá logo que o veja. Sei que tem estado bastante doente, e grandemente embaraçado com a testamentaria do brigadeiro Gorjão[3]. A última vez que esteve aqui disse-me que tinha já algum dinheiro do Visconde. Lembro que talvez a procuração que ele tem não sirva para assinar a escritura do negócio em que o Visconde me fala.

---

[1] Carlos Bento da Silva (1812-1891), colaborador de Herculano n-*O Portuguez* (1840), par do Reino (1875) e ministro de Estado em 1870 e 1871.

[2] Autor do *Manual Elementar e Prático de Agricultura*, inspirado pelo *Livre de la Ferme* de Joigneaux. Comissário especial da 7.ª Região Agronómica (1878), publicou um notável *Estudo Geral da Economia Rural* da Extremadura.

[3] Pedro Vieira Gorjão (1806-1879), proprietário da Quinta de Gualdim, junto de Vale de Lobos, freguesia de Azóia de Baixo, que José de Sá geria em íntima relação com Vale de Lobos. Vid. pp. 133-134.

A Mariana recomenda-se vivamente ao meu amigo, e eu peço queira apresentar os meus respeitos à Senhora Duquesa.

Am.º velho

HERCULANO

Ex.^mo Am.^o e Sr.

Vale de Lobos, 2 Março [18]75.

Agradeço cordialmente o aparelho *Briel*, e mandarei satisfazer o custo do sulfurador.

Entregarei a quem se apresentar da parte de V. Ex.ª o livro e o manuscrito. Deus queira que o revisor tenha não só competência, mas também consciência.

Do nosso amigo Paulo espero que receba notícias frescas pelo *Jornal do Comércio*. Mandei-as ao Carlos Bento com a recomendação de verem lá as provas, e de ele não entregar o manuscrito senão na véspera de o publicarem [1]. Estes amigos imaginam que, por que

---

[1] Este período, bem como o datado da carta, estão sublinhados a lápis pelo Duque, que, com o Marquês de Sabugosa, se interessou muito pelo caso das inconfidências do *Jornal do Comércio*, que mostrava os originais de Herculano a Paulo de Morais muito antes de serem publicados. Trata-se da polémica sobre emi-

estou aqui enterrado, devo haver-me como se estivesse morto. O Casal[1], coitado, desconfio que entrou mal em cena. Veremos o resto.

Quanto aos desejos da senhora Duquesa e aos seus quesitos, quisera eu ter aqui os meios de lhe poupar indagações, mas estou com poucos livros, e esses bem alheios à questão. Entre as duas rainhas preferiria eu a D.ª Leonor, que legou à posteridade, na história, provas de esclarecidas e úteis virtudes, a Santa Isabel, que lhe legou, nas lendas, milagres de disputável autenticidade. A ambas preferiria D.ª Filipa, apesar de inglesa, (bem sabe que não morro pela moderna Cartago) como mãe e educadora daqueles tão nobres, talvez os mais nobres caracteres da nossa história, D. Duarte, D. Pedro e D. Fernando, sem falar em D. Henrique, de quem estou longe de ser tão

---

gração para a América, travada entre Herculano, no *Jornal do Comércio*, e Paulo de Morais, na *Revista Agrícola*, entre 1873 e 1875. As cartas de Herculano eram dirigidas ao Cons.ro Carlos Bento da Silva. (Vid. OPÚSCULOS, IV: *Questões Públicas*, III).

[1] José Maria Caldeira do Casal Ribeiro (1825-1896), Conde de Casal Ribeiro (1870). Membro da Junta Revolucionária coimbrã da «Maria da Fonte» (1846) e entusiasta da 2.ª República francesa (1848), foi deputado da Regeneração, ministro de Estado e plenipotenciário em Paris e Madrid. Amigo de Herculano. Vid. p. 181, nota 1.

devoto como o seu amigo Major [1]. É em grande parte à influência de D.ª Filipa que atribuo a feição do século XV em Portugal, e o século XV é, para mim, o nosso grande século.

Quanto a retratos, creio impossível a existência de um de Santa Isabel que seja genuíno, e dificílimo que os haja de D.ª Leonor ou de D.ª Filipa, e ainda talvez mais desta do que de D.ª Leonor, que viveu numa época em que já a pintura tinha tomado grande desenvolvimento.

Lembra-me que aí pelos anos de 1816 ou 1817 se publicou em Lisboa uma obra com o título *Retratos e Bustos de Varões e Donas* [2]. É um livro feito com certa consciência. Tenho ideia de que vêm aí os retratos tanto de D.ª Leonor como o de D.ª Filipa. Nas respectivas biografias costumam dar-se notícias das fontes a que se recorreu para fazer os retratos.

Na Batalha, na capela do Fundador, se não

---

[1] Ricardo Major (1819-1891), historiador inglês, autor de *The Life of Prince Henry of Portugal, surnamed the Navigator* (1868) e de *The Discoveries of Prince Henry the Navigator and their results* (1877).

[2] Aliás *Retratos e Elogios de Varões e Donas...*, T. I, Lisboa 1817. A maior parte dos elogios são do P.e José de Figueiredo, e os desenhos de J. da Cunha, segundo Inocêncio, s. v.

me enganam as minhas reminiscências está sobre a campa de D. João I o vulto de D.ª Filipa ao lado do do marido.

É o que neste momento me ocorre sobre o assunto. Se me lembrar mais alguma coisa, direi.

A Mariana agradece as suas amigáveis lembranças, e eu peço queira apresentar os meus respeitos à senhora Duquesa.

Am.º velho

HERCULANO

Ex.^{mo} Am.^{o}

Vale de Lobos, 9 Fev.^{ro} [18]75.

Muito e muito agradecido pelo enxofrador e pelo folheto, que veio a propósito, porque não acho o que eu tinha. Já o experimentei, enxofrando uns 80 almudes de vinho. Segui o processo de enxofrar a vasilha e deitar depois o vinho em corrente perene, porque não tinha torneira de passagem (que vou fazer de um pedaço de freixo) que dissesse com o tubo do sulfurador. O aparelho acho-o imperfeito. O encontro do ar que sobe com o vinho que desce produz soluços, que derramam vinho por fora, embora se diminua a secção da corrente deste. Já aqui se imaginou uma modificação que experimentarei para verificar se dá bom resultado.

Há uma circunstância que não é de omitir. Enxofrador, embalagem, folheto, transporte, custaram dinheiro. Deve já saber o total da despesa. Peço o favor de me mandar dizer qual foi quando escrever.

As ideias, como as palavras, são semelhantes às cerejas. Vêm ligadas umas às outras. Parece-me que tenho tirado vantagem da litina, e já mandei renovar as doses ao Azevedo. O aparelho de *Briet* não sei se é dele, se é seu. Se é seu demorá-lo-ei o tempo necessário, não fazendo aí falta. Se é dele, no caso de poder substituí-lo, não se me daria de ficar com este, dizendo ele o seu custo. Toma nota disto?

Apesar do justo terror que incute este singular Estio acompanhado dos prenúncios de um péssimo ano, a actividade dos trabalhos rurais é grande por estes sítios. Trago gente nas vinhas a 300 réis, e na praça têm chegado a 360, o que para estes bairros é monstruoso. Pobreza do país!

Peço faça os meus cumprimentos à Senhora Duquesa, e aceite as vivas recomendações da minha patroa.

Am.º obrigado

HERCULANO

Ex.^mo Am.^o e Sr.

Vale de Lobos, 6 Abril [18]75.

Não havia conjuntura mais excelente para eu fazer a viagem a Calhariz. Logo, porém, o acaso quis que estivessem aqui minha irmã e seu marido[1] há oito dias, sem ainda terem fixado o dia da partida, coisa que não se pergunta a hóspedes, ainda quando são íntimos. Apesar da repugnância a avistar Lisboa, doença moral que em mim cresce de dia para dia, parece-me que em breve terei de vencer essa repugnância e então aproveitarei o ensejo para a expedição, servindo-me de contravenenos às náuseas da capital os seus jardins e os seus pinhais, e as suas serras do Sul, se V. Ex.ª estiver de ânimo a ajudar-me nesse tratamento.

Não tendo escrito a agradecer as suas amigáveis ofertas de intervenção para se vence-

---

[1] Vid. p. 44, nota 1.

rem os *obstáculos* do *Jornal do Comércio*, porque as cartas de Carlos Bento, avisando-me sempre de que estavam vencidos, me deixavam perplexo se devia ou não recorrer a ela. Afinal a coisa saiu quando o nosso Paulo[1] acabou de gizar a sua sabatina improvisada. O homem sempre sabe muito! Agora, haverá 20 dias que lá está o complemento da 10.ª carta e provàvelmente o sábio já a estudou para outro *improviso*. Eu é que não estou resolvido a aturar mais nem ao Luís de Almeida[2] nem a ele. Corto a discussão do modo que terá visto hoje, se é verdadeiro o anúncio do Carlos Bento de que o tal raboleva se publicaria hoje. Tenho o meu editor e o meu público. Por que suportar espertezas do periodiqueiro? Acabo com o *improvisador* reduzindo as cartas a um livro cujas provas não irão de certo às mãos do Paulo de Morais. Espero que o *Jornal do Comércio* não terá outra ocasião de jogar comigo o jogo dos quatro cantinhos.

Penaliza-me a notícia que me dá de que ainda continua o incómodo da sua boa e amá-

---

[1] Paulo de Morais.

[2] Luís de Almeida e Albuquerque (n. 1816), Director da Escola Politécnica e do *Jornal do Comércio* (1.º número em 17-10-1853).

vel filha [1], posto o não suponha da menor gravidade, aliás, me parece, lhe teriam aplicado frequentes mudanças de residência, e não permanência no Lumiar ou noutra qualquer parte. Peço a V. Ex.ª queira apresentar os meus respeitos à Senhora Duquesa, e V. Ex.ª continue a contar no número dos seus mais dedicados amigos a

A. HERCULANO

---

[1] D.ª Helena Maria, Marquesa do Faial e 3.ª Duquesa de Palmela, então de onze anos de idade (n. 1864).

Ex.mo Am.o

6.a f.a, 7 Maio [1875?].

Na segunda-feira estará na estação de Santarém para o acompanhar aqui um criado com uma cavalidade em que possa vir, porque talvez aconteça não ter aí por qualquer eventualidade.

Não tive um tumor: tive sucessivamente dois: o último, sobretudo, moeu-me. Há dois dias apenas que o braço me desinchou de todo; mas os buracos ainda não estão completamente fechados. Qualquer esforço que faça com o braço doem-me os tendões, e por isso receio montar a cavalo. Já estou aborrecido de pôr papas vai para dois meses.

Mando esperá-lo no comboio que chega a Santarém às 9 e meia porque não creio caia no logro de vir no que parte daí às 11 e meia e que a Companhia conserva como uma homenagem à memória das antigas liteiras e caleças.

Espero que ao menos jante aqui comigo, quando mais não seja, pela novidade de jantar do tinelo de um barrão. É o nome que se dá aos pequenos lavradores dos *bairros* ou terrenos elevados do termo de Santarém. Se quisesse decididamente ser bonito moço ficava cá e ia no dia seguinte pela fresca da manhã. Era uma África que tinha para contar: o haver dormido uma noite nestas brenhas de Vale de Lobos. Os homens fizeram-se para os trabalhos.

Conversávamos sobre coisas agrícolas. O meu amigo só pode fazer cultura em grande; mas a agricultura em grande para ir bem precisa igualmente de atender às *nicas*, e destas sabe de ordinário mais o pequeno do que o grande lavrador.

Embora o meu braço me impeça agora de ir à Lagoalva, não me despeço de o acompanhar lá de outra vez. Tenho a consciência de que a minha visita não será de todo em todo inútil.

Peço os meus respeitos para a Ex.^ma^ Sr.^a^ Duquesa e V. Ex.^a^ tenha-me sempre na conta de

Seu am.^o^ verdadeiro

HERCULANO

Ex.^{mo} Am.º

Vale de Lobos, 16 Maio [1875].

Não respondi logo à carta de V. Ex.ª, porque estando costumado às demoras do *Jornal do Comércio* e tendo dividido em duas partes a 10.ª carta, de que só remeti a 1.ª pensei que esperassem pela 2.ª para as publicar seguidamente. Entretanto era pouco leal publicar um novo artigo do Paulo de Morais antes de imprimir completa ou incompleta a minha carta.

Hoje remeto a Carlos Bento a 2.ª parte. Ele escreveu-me no dia 12 dizendo-me que ia ao escritório do *Jornal* fazer imprimir imediatamente a 1.ª parte. O último artigo que recebi do *Jornal* foi o de domingo e ainda lá não vem, o que indica alguma resistência à publicação. Veremos amanhã quando receber o artigo de hoje.

No caso de ter a redacção alguma dúvida em publicá-lo, eu autorizo a V. Ex.ª para, de acordo com Carlos Bento, fazerem publicar o

que remeti e o que hoje remeto noutro jornal, lembrando pelas dimensões que tem a *Correspondência de Portugal*, e agradecendo as novas demonstrações da sua boa amizade pelo interesse que toma nas minhas coisas.

De V. Ex.ª
am.º obrig.^mo

HERCULANO

Ex.^mo Am.^o

[Vale de Lobos] 30 Maio [1875].

Aproveito a partida de José Basto que tem passado aqui alguns dias para lhe remeter uma coisa acerca da qual lhe peço um favor.

Depois de perto de 3 meses do uso da litina expulsei o maior cálculo que me tem aparecido. Dir-se-ia que a acção dela era aglomerar as areias, porque durante esse período nunca me apareceram. O meu facultativo daqui[1] mostrava-se um pouco incrédulo a respeito da litina, mas o cálculo que remeto foi o que me abalou a fé.

O mesmo facultativo pediu-me que fizesse analisar o cálculo por pessoa hábil quanto ao qualitativo e não ao quantitativo, porque não

---

[1] Dr. António Mendes Pedroso (1830-1906), famoso clínico do Hospital de Jesus Cristo (Misericórdia) de Santarém, onde nasceu e foi Presidente da Câmara. Deputado em 1885. Distinguiu-se no combate à febre amarela e à cólera. Tratou Herculano até à morte. (Vid. Maximiano Lemos, *As doenças e a morte de Herculano*, in-REV. DE GUIMARÃES).

tem aqui os meios de fazer a análise. A *qualitativa* diz ele que é a mais fácil e é a que lhe basta. Pediria isso ao Aguiar, se soubesse que ele já tinha vindo da Alemanha[1]. Como tratou da sua questão das águas de Sintra e Cascais é natural que esteja em contacto com pessoas competentes, e por isso lhe peço este favor como prólogo ao exame das águas de Vale de Lobos, de que brevemente remeterei exemplares.

Eu tenho passado bastante incomodado da parte arruinada deste barco; mas agora vou melhor.

Desejarei que a sua filhinha esteja restabelecida, e forte outra vez como aí, e peço os meus cumprimentos para a Senhora Duquesa, e aceite as recomendações da Mariana.

De V. Ex.ª
am.º obrig.^mo

HERCULANO

---

[1] António Augusto de Aguiar (1838-1887), químico ilustre, professor da Escola Politécnica, cujos estudos de química agrícola, principalmente vinícola, muito interessaram Herculano. Da viagem à Alemanha, a que esta carta se refere, saiu a organização do laboratório do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, de que Aguiar foi director.

Ex.^mo Am.^o

Vale de Lobos, 19 Junho [18]75.

Por uma série de impertinências e cuidados de diversas espécies que me têm distraído mais ou menos desagradàvelmente, deixei de agradecer logo a análise que teve a bondade de me obter do cálculo. Dessa análise infiro eu que talvez seja desnecessária a das águas. Sendo constituído o cálculo quase exclusivamente pelo ácido úrico e contendo apenas vestígios de cal, soda e potassa, é de crer que as águas não tenham grande influência na formação da pedra. Não creio que o ácido úrico venha nas águas, ou estas contribuam de algum modo para a sua existência. Comunicarei a nota do preparador ao meu facultativo daqui, pessoa hábil e com larga experiência. Veremos a sua opinião.

Agradeço do coração o seu amigável convite para Sintra. Mas poderei aceitá-lo? Acaba de passar aqui um mês a família da Mariana

e já tenho anúncios de que meu cunhado o General artilheiro[1] não tarda por aqui de novo. Tem, coitado, de matar o tempo depois que o reformaram. Não sei se o genro, o João Galhardo, virá com ele e com minha sobrinha, porque não sei se o mandarão como o ano passado examinar os alunos do Liceu de Santarém. Depois comprometi-me a ir mostrar o edifício da Batalha à Mariana, aproveitando a circunstância de estar ali agora administrador do concelho pessoa de antigas relações nossas[2]. Ajunte a isto ter de virar 3 vezes 537 páginas do 1.º volume da *História de Portugal* de que se está fazendo uma 4.ª edição. Nesse aborrecidíssimo trabalho é necessário às vezes consultar papéis e livros que não poderia levar para Sintra. Já vê que a satisfação dos seus e meus desejos não é fácil. Veremos o que o tempo dá.

De V. Ex.ª
am.º obrig.^mo

HERCULANO

---

[1] Vid. p. 45, nota.

[2] Herculano visitara atentamente a Batalha a 16-6-1853, na viagem de recolha dos documentos dos sécs. VIII-XV dispersos pelos arquivos do país (*Scenas*, pp. 165-166). O administrador do concelho da Batalha em 1875 era José Maria Monteiro Mora.

Am.o

Vale de Lobos, 11 Julho [1875].

Tinha tenção de lhe escrever uma carta comprida, e no cabo escrevo apenas estas linhas não só porque não sei para onde me vire com trabalho, mas também porque mesmo aqui no escritório, onde passo a maior parte do tempo, me constipei e estou com uma carregadeira que me torna custoso escrever.

Tive umas três sezões leves que logo deitei fora: entretanto não escapei à bisbilhotice da imprensa.

Bastava o Marquês de Sá[1] desejar que eu revisse o livro do Major[2] para eu romper por

---

[1] Marquês de Sá da Bandeira.

[2] *The Life*... (vid. p. 54, nota 1). Trata-se da tradução portuguesa: *Vida do Infante D. Henrique de Portugal apelidado o Navegador e seus resultados. Vertida do inglês por José António Ferreira Brandão*, Lisboa, Impr. Nacional, 1876. O Duque de Palmela escrevera em 28-1-1874 a Major para autorizar a versão, a rever pelo Marquês de Sá da Bandeira. Major consentiu, em carta de 4 de Fevereiro. Brandão era funcionário do Ministro da Marinha.

tudo e fazê-lo. Já se vê que é a revisão da frase, porque por muitas razões não poderia fazer aqui outra.

A Mariana teve dois ataques de estômago, mas vai agora melhor. Ela agradece as suas benévolas expressões e ambos pedimos queira apresentar à Senhora Duquesa os nossos agradecimentos.

Em Sintra nem é bom pensar. Passaria aí o tempo a vadiar. E, além das minhas coisas, da minha *lavoura de pena*, como rever o livro do Major e um poema do Amorim em 10 cantos que tenho às costas [1] e não sei quantas correspondências de que já me parece que não dou conta?

Já me desenganei de que foi debalde que fugi para aqui. O meu destino é morrer amarrado a um tinteiro. Resigno-me.

Am.º obrig.^{mo}

HERCULANO

---

[1] Francisco Gomes de Amorim (1827-1891). Poeta e biógrafo de Garrett. O poema deve ser *Os Fastos Adulterinos*, «de que o Sr. Amorim se declarava mero editor» (diz Inocêncio), atribuindo-o a um imaginário Conde Grimmos Fiera-mosca. Tinham saído excerptos no *Archivo Universal*, III, 1860, pp. 185-6 e 200-1.

Ex.^mo Am.^o

[Vale de Lobos] 22 Novembro [18]75.

Parti daí aborrido de mim e aborrido de tudo. Contava com o efeito do quinino, que tomei por impulso próprio e por aprovação do médico, mas que me produziu resultados inferiores aos que eu esperava. Logo no dia em que vim me achei melhor, e se não fossem uns restos de *bronchitis,* poderia dizer-me restabelecido em seis dias. Lisboa tem razão em não me querer, como eu não a quero a ela.

Peça em meu nome à Senhora Duquesa, me absolva de não ter ido receber as suas ordens antes de partir; mas a resolução foi tomada de repente e tomada por um velho de mau humor. Esta consideração servindo de base à indulgência e mediando a intercessão do advogado, espero apague o meu pecado de grosseria.

Quando puder dê notícias suas ao

Am.^o velho

HERCULANO

Estação Telegráfica de *S.ta Isabel*

Em *14 3.º* de 1876

RECEPÇÃO
N.º *152*
Linha *C. Sold.os*
Estação *P.al*
Entendido às *8* h. *13*
Recebeu *D. Fig.do*
Registado O. E. S. *Fig.do*
Expedido às *8* h. *17*
p.r *D. Fig.do*

S. Isabel de *Santarém*
N.º *88* p.s *13* g.
Em *15* às *6* e *44* m.

Ex.mo Sr. Duque de Palmela. Lx.a

Estou melhor, posto que não inteiramente restabelecido.

HERCULANO

Il.mo e Ex.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos, Fev.ro 18 de 1877.

O caixote que me anunciava no seu favor de 11 do corrente aqui chegou a porto e salvamento. Ainda alcancei plantar as roseiras, mas a chuva que sobreveio lá me conserva ainda abacelados os morangueiros até que se possa mexer na terra. Agradeço de coração o cuidado que teve nesta impertinência, no meio de mais sérios cuidados.

Vejo o que V. Ex.a me diz sobre as deliberações da Comissão de Socorros e sobre o anúncio já feito e sobre o que se há-de fazer [1]. Com a franqueza que devo a V. Ex.a, e certo de que a minha opinião ficará entre nós, confesso que ainda me conservo no meu modo de ver anterior, coisa natural, porque os velhos

---

[1] Sobre o motivo desta resposta, referente às grandes tempestades e inundações de Novembro de 1876, vid. nota em *Apêndice*.

são teimosos, às vezes bem sem razão. Três coisas me parecem neste assunto: 1.ª que a Comissão exagera o alcance dos seus recursos ou se esquece de que a sua acção tem de estender-se, não a um ou outro distrito, mas sim a todo o país sem excepção nem excepção de localidade: 2.ª que, seguindo-se nos meios empregados para a realização dos socorros o *chavão* oficial (e quanto mais oficial pior) hão-de obter-se principalmente dois fins importantes, aperfeiçoar os preparativos para futuras vitórias eleitorais, quer municipais quer gerais, tornar mais folgada a vida de um certo número de compadres e comadres que constituem o *país legal;* porque creio que V. Ex.ª não ignora que metade da classe média, da classe preponderante, que tem nas mãos o *chavão*, é comadre da outra metade: 3.ª que o anúncio da Comissão prova que ela vai começar pela última aplicação *contingente*, o que me não parece o caminho mais seguro para poder chegar à primeira aplicação *necessária;* isto é, vai tratar de remover embaraços, perdas mais ou menos sensíveis de gente mais ou menos remediada, (é gente remediada quem perde gados, sementes, trens de lavoura) e que por via de regra não caiu por isso em absoluta pobreza. O que sobejar daqui é

que chegará aos milhares, talvez, de operários rurais, que só possuem hoje uma casinha derribada ou pendida e quando muito algum conchouso areado ou com os valados rotos e o chão rapado dos enxurros que transportaram para as folhas de grandes propriedades os célebre nateiros do *Jornal do Comércio*. Estes de certo não perderam gados, sementes, trens de lavoura; só se fosse alguma enxada, alvião ou alferce, ou alguma galinha ou marrão encortelhado. V. Ex.ª tolerará à minha sinceridade e amizade dizer-lhe que no anúncio feito vejo o espírito de classe, o dedo do egoísmo do burguês de Lisboa, que só simpatiza com o seu Sósia, o burguês do campo. Pelo anúncio e pelos seus efeitos, afianço desde já os aplausos de toda a comadraria e compadraria de Portugal à Comissão de Socorros.

Com a sua clara inteligência, o meu bom amigo não podia deixar de ver as consequências da senda oficial por onde a Comissão se embrenhou; mas diz-me que aos banidos pelas paixões ou interesses dos funcionários locais resta solicitar justiça, e que nestes casos a Comissão buscará informações *aliunde*. Não vejo para isso senão dois meios: ou informar-se por diferentes pessoas particulares da lo-

calidade, caminho certíssimo para os membros da Comissão adquirirem em breve o direito de serem còmodamente aposentados na casa dos orates, ou enviarem agentes de confiança verificar *de visu* os factos. Mas se têm esses agentes, por que não mandá-los desde logo verificar todos os casos?

Pois a aristocracia e os *gros bonnets* da burguesia de Lisboa não têm nenhuns clientes ou servidores, ou conhecidos, que desempenhassem essa verdadeira missão de caridade? Afigura-se-me simples a operação dos *missi dominici* de nova espécie. Chegados a uma freguesia ou aldeia ou vila tomavam nota de todas as habitações humildes derribadas ou arruinadas e dos nomes dos donos. Percorrido um distrito, iam à repartição da Fazenda, e pelos registos das contribuições diversas examinavam se pela renda da propriedade ou de indústria esses donos estavam ou não no caso de reparar o dano, e iam riscando os nomes dos que o estivessem. Quanto menos informações vocais ouvissem, tanto melhor. Bem sei que os *gros bonnets* cá de fora são escandalosamente favorecidos na repartição do imposto, mas não a ponto de os confundirem com os que possuem apenas a casinha em que vivem e quando muito algum pequeno foro ou cer-

rado. Não as fazem tão calvas como isso. Quatro ou oito contos de réis que se gastassem nestas diligências eram excelentemente gastos.

Eu, em grande aperto, era até capaz de confiar esta missão aos jesuítas ou lazaristas. Desempenhavam-na bem e honradamente, só para provar que os liberais são uns cafres, incapazes de qualquer acto bom e honrado. Fazia-o, embora tivesse de remir esse enorme pecado *metendo os padros no fórne accesa: padros no fórne!* como quer o Gattai. Sabe que isto não custaria muito à minha natural ferocidade.

Pedia entretanto a pessoa competente que me traçasse o projecto de dois tipos de habitação modestíssima rural, um para habitação de família pequena, outro de família numerosa. À medida que fossem chegando as listas das freguesias de um distrito, pedia ao governo que exigisse dos párocos e regedores a declaração assinada, numa cópia da respectiva lista, de quantos indivíduos nela indicados a família excedia o número de 4 pessoas. Tinha assim uma base para negociar a arrematação das construções, pondo no programa dela as condições de ensecamento, ventilação, luz, facilidade de limpeza, etc. que não derivassem forçosamente do desenho. Daria a em-

preitada por distritos a quem por menor preço e com melhores garantias o fizesse. Se houvesse alguns sobejos, do que duvido, reparti-los-ia então pelos que tivessem perdido gados, sementes, abegoarias; quer dizer, pelos afilhados da autoridade e pelos agentes eleitorais.

A reconstrução sensata dos casebres do operário rural, reconstrução impossível para ele tão cedo, seja qual for a elevação temporária dos salários, não seria só esmola de um valor apreciável em réis; seria esmola de vida, de saúde, de conforto; seria um alívio para as Misericórdias, para os hospitais e para os coveiros. Seria, além disso, a guerra moral, a guerra do exemplo às cortes ou pocilgas humanas que nas nossas aldeias exprimem um grau de miséria que realmente lá não há; guarida dos arrepios no Inverno, das náuseas no Estio, e uma das causas mais proeminentes da decadência física do nosso povo.

Desculpe, meu amigo, estes despropósitos que me têm ido caindo dos bicos da pena. Desconfio de que tenho estado a fazer socialismo; mas também desconfio de que, se a classe média se não resolver sèriamente a fazer deste socialismo, é possível que algum dia venha outro que a desperte um pouco brutalmente.

Peço queira apresentar os meus respeitos à Senhora Duquesa. Comunicarei à Mariana a fineza das suas lembranças quando aqui voltar, o que brevemente espero. Tem-na retido em Lisboa mais do que ela pensava uma grave doença do irmão.

Escuso de afirmar a V. Ex.ª que tem um amigo sincero no

A. Herculano

Ex.^mo^ Am.^o^ e Sr

[Vale de Lobos] 3 Junho [1877].

Hoje domingo recebo a carta de V. Ex.^a^ de anteontem. Hoje não é dia de trabalho e ignoro por onde andará o pedreiro. Seria impossível, ainda quando o mandasse procurar, que ele arranjasse as suas coisas a tempo de partir no comboio da madrugada. Tem família, e ir a Lisboa, aonde nunca foi, é o mesmo para ele, que para um oficial de marinha inglês preparar-se para uma expedição ao pólo Norte [1]. Amanhã falarei com ele e irá o mais breve que se puder arranjar num dos dias imediatos.

Trago-o agora nos telhados da casa que a inverneira me deixou arruinados e chove-me em parte das oficinas. Tenho quedas de água desmoronadas, canos de água a limpar e con-

---

[1] Alusão graciosa à antiga profissão do Duque, que esteve como oficial da Marinha inglesa na guerra da Crimeia. (Vid. *Prefácio*).

sertar e para Julho vêm-me os pedreiros de Évora fazer umas abobadilhas, e é indispensável que à medida que eles as vão fazendo, outro vá carregando a pedra e cal os berços sobre as impostas. Aqui, não só os oficiais de ofício, mas quem possua uma colher, um camartelo e uma trolha vai fazer canal para as águas do Alviela irem a Lisboa, ou ficarem pelo caminho regando hortas improvisadas. Já vê que não posso deixar estar lá o homem por muito tempo. Não creio que um tanque, a não ser aluma almácega, se possa fazer em 15 dias. Há obras em que nos devemos zangar com os pedreiros por andarem devagar; outras em que o devemos fazer por andarem depressa. As obras de águas são destas, e a lentidão necessária não se anula na construção de um tanque com o número de braços, que só servem de se embaraçar uns aos outros. Se os seus pedreiros no fim de meia dúzia de dias não estiverem no caso de fazer o mesmo que faz o meu, aliás um pobre diabo, são uns reverendíssimos burros, e nesse caso mande-os em procissão ao prisioneiro do Vaticano levar-lhe seis vinténs para cigarros.

Recomendei ao Santos[1] dissesse a V. Ex.ª

---

[1] José Cândido dos Santos.

que a minha opinião era que V. Ex.ª se limitasse este ano a fazer a experiência com pouco vinho num pequeno depósito. O artigo que me deu aqui não basta para me convencer. É do engenheiro que constrói os tais depósitos. Quer que ele não os ache a melhor invenção deste mundo?

Era minha firme tenção ir este ano à Lagoalva, e tanto que já tinha pedido ao lavrador, prático em ponto grande, em que lhe falei, para nos acompanhar [1]. Pediram-me, porém, para ser louvado numa vistoria importante e não mo pedia pessoa a quem devesse recusá-lo. Há um mês que espero a intimação e só a recebi na última sexta-feira para se verificar o acto depois de amanhã. Por outra parte haverá 3 semanas que o Morier [2] me escreveu dizendo-me que tinha estado com a gota, mas que tinha tenção de vir aqui e ir na mesma conjuntura à Batalha. Mandei-lhe pedir me avisasse do dia da sua vinda para o esperar.

---

[1] Alusão graciosa ao próprio Duque. Vid. carta de 7-5-1875, p. 62.

[2] Roberto David Morier (1826-1893), diplomata inglês, íntimo de Doellinger, por quem foi recomendado a Herculano quando veio para Lisboa em 1876. Actuou junto do historiador na reacção contra o Papado. (Vid. António Leitão de Figueiredo, *Herculano e Doellinger*, 1938).

Até hoje não me respondeu. Para complemento tenho andado com uma irritação intestinal, que dias a dias me obriga a ficar em casa. Eis as razões porque não lhe tenho escrito a aprazar a viajata. Estou uma espécie de augusto prisioneiro de Vale de Lobos sem que haja uns cães de peregrinos que me venham trazer meia dúzia de moedas de cinco réis para suavizar a minha extrema necesidade.

Dá-me licença para não responder ao parágrafo da sua carta relativo às esmolas aos inundados[1]?

Ao pedreiro pode pagar como paga aos outros e a despesa da viagem. No fim dê-lhe a gratificação que entender, porque é pobre e contentar-se-á com pouco. Pode trabalhar ao domingo. Por aqui esta gente é pouco temente a Deus, e estão acostumados a ir ganhar alguns vinténs nesses dias com um ou outro biscato.

Dou ao pedreiro um bilhete para se apresentar e umas garatujas a lápis do corte do tanque para em caso de dúvida se governarem.

Folgo de que as intermitentes da Senhora

---

[1] Vid. carta de 18-2-1877, pp. 73 sqq.

Duquesa passassem, mas que se acautele, porque são fáceis em voltar, e este ano deve haver abundância delas. V. Ex.ª terá a bondade de lhe apresentar as homenagens do

De V. Ex.ª
am.º e c. obrig.mo

A. HERCULANO

Ex.^mo Am.^o

[Lisboa].

Mandei ontem procurar um bilhete para a diligência de Cascais, se partisse antes do meio-dia. A resposta foi que havia para as 4 da tarde.

Mandei depois a uma cocheira para tomar uma catrapona que me pusesse lá. Pediram uma tal exorbitância, que recusei, receando aplicar em ponto pequeno o sistema Penafiel [1].

Posso deixar para o ano a vista do novo parque [2]. Depois tenho estado incomodado assaz da garganta, que é fácil me não deixasse passear muito ao sol e ao vento de Cascais. Creio que me disse tinham tenção de voltar

---

[1] Alusão irónica ao fausto do 2.º Conde e 1.º Marquês consorte de Penafiel, António José de Serra Gomes (1819-1891), brasileiro naturalizado, cujas festas mundanas marcaram na Lisboa romântica.

[2] Parque da Casa de Palmela, em Cascais, hoje zona municipal a urbanizar.

a Lisboa (onde já estou) antes do fim do mês. É possível acharem-se aqui ainda a tempo de eu me ir despedir ao Rato.

Am.º e c. obrig.^mo

A. HERCULANO

Ex.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos].

Nunca pergunte se lhe dou de jantar, nem dormida. Venha quando quiser e como quiser. Come do que houver, dorme em lençóis lavados, e as restantes rudezas lembrar-lhe-ão a sua antiga vida de marinheiro, o que lhe será — aposto — colher uma destas longínquas, boas, e melancólicas saudades, que raramente se colhem na vida.

A Mariana está em Lisboa aonde foi a compras, e *um pouco* por causa do Príncipe de Gales.

De V. Ex.a
am.o obrig.mo

Herculano

Am.º

[Lisboa, Ajuda].

O Brigadeiro Guerra[1] recebeu o telegrama e está aqui. Não poderia dar cá uma saltada para combinarem a ida do Príncipe ao Alto Tejo? Ele não deseja ir ao Paço porque vem sem os *atafais*.

Am.º

Herculano

---

[1] Vid. p. 24, nota 1.

Ex.mo Am.o e Sr.

Vale de Lobos, 20 Novembro.

Aqui chegou a porto e salvamento a frota de plantas domésticas, ou antes domesticadas; que de outro modo não podiam chegar, dadas as prevenções de que vinham cercadas. Lá foram recolhidas à casa do oratório, onde são tratadas, não direi com tanta reverência, mas suspeito que com mais afecto (o coração humano é frágil) do que não sei quantas relíquias trazidas de Roma para minha mulher por um padre brasileiro[1] muito meu afeiçoado e diabòlicamente reaccionário, mas que suspeito de crer medìocremente em relíquias. Agradecendo a escolha e a prontidão, parece-me que o meu bom amigo se excedeu na quantidade. Quatro ou cinco vasinhos bastavam. Entre-

---

[1] Monsenhor Pinto de Campos, autor de *O Senhor D. Pedro II Imperador do Brasil,* com uma advertência de Camilo Castelo Branco, Porto, 1871. Vid. pp. 249-250.

tanto o desvelo será igual com todas; porque todas igualmente o merecem.

Eu aqui vou andando com a colheita do azeite que começa a ser contrariada pela chuva, de modo que ainda terei de aturar o rancho por mais de duas semanas. É verdade que já começo a admitir como possível a pretensão do meu Antunes e do lagareiro, que votam por uma colheita total de 20 pipas, sem falar do que darão as migalhas que os meus opulenntos vizinhos deitam fora [1].

Escuso de lhe dizer quanto estimarei as venturas suas e dos seus. Eu fico sendo cada vez mais

De V. Ex.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

---

[1] Alusão provável ao feitio desprendido de José de Sá como administrador da vizinha Quinta de Gualdim, do Brigadeiro Gorjão, e que é objecto de frequentes remoques na correspondência de Herculano com José Cândido dos Santos, adiante, por exemplo a pp. 133-134. Vid. p. 50, nota 3.

Am.º

Está aqui o Marquês de Sabugosa que deseja falar-lhe num negócio instante, mas que não pode tratar-se no Paço. É negócio em que também eu interesso. Não teria um quarto de hora para dar aqui uma saltada?

Am.º

Herculano

6.ª f.ª [Ajuda].

A JOSÉ CÂNDIDO
DOS SANTOS

Il.mo Sr.

Estou inquieto por não saber se José de Sá recebeu uma carta em que o avisava da remessa de 40 ovelhas e 1 vitelo que foram pelo comboio de ontem segunda-feira.

Peço o favor de saber se efectivamente vieram ontem buscá-las de Vale de Lobos, e, se a carta se perdeu e não vieram, de as mandar conduzir para lá.

Desculpe esta impertinência.

De V. S.ª
am.º e c.

[Lisboa] Maio 22 [18]66.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Mando a carta para o Marquês[1]. Mau foi não estar o Aguiar[2] e demorar-se em França. Parece-me que a Direcção há-de ter melindre em nomear empregados *permanentes* na ausência dele e sem ao menos o ouvir, sendo ele quem os há-de aturar. Entretanto atira-se o barro à parede. Às vezes as coisas fazem-se por bambúrrio e não pelo caminho que parece mais natural.

Folgo com as notícias das melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e queira Deus que progridam. Minha mulher muito se recomenda e eu estou sempre às ordens, como

Am.o e c. obrig.mo

[Vale de Lobos ?] 3 Maio [18]68.

A. Herculano

---

[1] Marquês de Sabugosa.

[2] António Augusto de Aguiar.

Il.^mo Am.^o e Sr.

Sinto sinceramente os incómodos que deve ter tido com a doença de pessoa tão estreitamente ligada. Minora, senão o desgosto, ao menos a impressão dele, o não se poder esperar depois de certas idades outros sucessos que não sejam destes.

Se no meio desses incómodos ainda vou apoquentá-lo com uma impertinência é porque ela começou quando eu ainda nada sabia do triste sucesso. O Manuel tinha escrito a V. S.ª acerca de uma pouca de batata para semente e V. S.ª tinha-lhe dito que se arranjava. Soube que ele se esqueceu de preveni-lo de que nos eram precisos 12 alqueires, e a pessoa a quem V. S.ª falou nisto não sabe provàvelmente a quantidade que há-de reservar.

Se V. S.ª tiver ocasião de a informar disto, será grande favor, e não menos quando tiver

ocasião mandar-me dizer de viva voz o preço dela para eu remeter a sua importância.

Minha mulher escreve à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e por isso fico aqui.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

[Lisboa ?] 2 Fev.ro [18]69.

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

Agradeço a remessa das batatas, cuja importância lhe peço me diga com a possível brevidade.

Remeto a carta para o Marquês [1]. A dificuldade que tem a pretensão lá lha indico eu no último parágrafo da carta, o qual peço que veja. Espero que ele ache solução a isso. Quanto à *dureza* de ter sido demitido da mesma Guarda lá verá como busco amaciá-la.

Não posso fazer mais.

Os meus cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José.

De V. S.^a
am.^o e c.

[Vale de Lobos ?] 22 Fev.^ro [1869].

HERCULANO

---

[1] Marquês de Sabugosa.

Ill.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 7.bro 13 [1869?].

Resolvemos definitivamente ir para Lisboa depois de amanhã, quarta-feira. Entendi que era melhor mandar adiante alguma fruta e vinho, para enquanto lá estivermos. Por isso vai a carreta, cuja carga peço despache do modo que for mais breve, ou hoje se couber no tempo ou amanhã.

Também resolvemos aproveitar a carruagem para ir pagar visitas, de maneira que vamos cair em casa do meu amigo a horas de jantarmos e irmos para o comboio das 6 h. e 12 m. porque não me atrevo a ir no expresso, que não pára a meio caminho, do que tenho medo por causa da minha bexiga. Permita-me, porém, que governe um pouco na sua casa, e que exija nos dê do que tiver, porque isso é o que corresponde ao que fazemos quando nos dá o gosto de vir aqui. Far-me-á por isso favor de prevenir o Macheiro

para nos ter o caleche em Vale de Lobos das 10 ½ para as 11 da manhã de quarta-feira.

Amanhã podem vir pelo Jacinto 10$000 réis, que serão bastantes para esta semana, visto que não levamos comnosco senão o dinheiro preciso para a viagem.

Sem mais, que já não é cedo para a carreta partir,

De V. S.ª
Am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

Desejo que continue na boa disposição em que o deixei, bem como a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José.

Remeto-lhe a inclusa guia de uma porção de bacelo que aí há-de estar na estação, dirigida a mim, e peço o favor de a tirar quanto antes e mandá-la carregar para Vale de Lobos, a fim de ser imediatamente abacelada, recomendando que não se plante nenhum sem eu ir, o que provàvelmente não passará do meado da semana que vem.

A Mariana, que muito se recomenda, pede-me que lhe pergunte se efectivamente vem a Lisboa este mês e se lhe pode dizer quando pouco mais ou menos virá.

Também lhe pede que se vir o Alfaiate [1] lhe

---

[1] Barqueiro do Tejo, que fazia as recovagens de Herculano, de Lisboa à Ribeira de Santarém e vice-versa.

diga que havendo-lhe assegurado o Marques marceneiro que o oratório estaria pronto de 8 a 10 de Dezembro, ele não tratou mais disso e a 8 de Janeiro ainda está em casa do dito Marques.

Veja se quer alguma coisa desta cidade e creia-me

Seu am.º obrig.mo

[Lisboa] 8 Jan.ro [18]70.

HERCULANO

[*Sobrescrito:* Il.^mo^ Sr. / José Cândido dos Santos / ausente. / Il.^mo^ Sr. / Augusto Rodrigues [1] / Ribeira / Santarém].

Il.^mo^ Am.^o^ e Sr.

[Lisboa] 3.ª f.ª 11 [Janeiro 1870].

Incomodei-o há dias para lhe pedir tirasse com a guia que lhe remetia uma porção de bacelo e o mandasse logo para Vale de Lobos. Hoje incomodo-o por prevenção. Escrevo a José de Sá para dar ordem de que, depois de amanhã quinta-feira, me tenham a égua na estação à chegada do comboio que parte daqui às 7 da manhã, e quando não vá nesse me esperem até à chegada do que parte daqui ao meio-dia.

Como os portadores para a Azóia são incertos, peço o favor, no caso de não aparecer aí o Joaquim amanhã, de mandar um garoto com

---

[1] Irmão da mulher de José Cândido dos Santos.

este mesmo aviso a Vale de Lobos para me não faltar a égua na quinta-feira.

A Mariana fica por ora em Lisboa.

Am. e c.

HERCULANO

Il.^mo^ Am.^o^ e Sr.

Como quer ter a bondade de vir aqui pessoalmente trazer-me dinheiro da letra que faz favor de receber, diga-me em qual dos três dias de quinta até sábado lhe convirá mais a viagem, e diga-me igualmente se quer a égua ruça ou a preta.

Trago um rancho grande a meter bacelo; e não sei a como sairão os homens para a semana, pois já nesta vieram a 200 réis. Assim, de prevenção, quererei aqui 60$000 réis, dos quais metade em prata.

Os nossos amigáveis cumprimentos à Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José e creia-me

Seu am.^o^ obrig.^mo^

[Vale de Lobos] 4.^a^ f.^a^ 10 Fev.^ro^ [1870?].

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Não só o autorizo para pagar o foro do Reguengo, mas rogo-lhe o favor de pagar qualquer coisa que sem eu o saber esteja em dívida relativa a Vale de Lobos, enquanto na sua mão estiver dinheiro para isso.

Quando se pagou a contribuição, e um foro de 12 alqueires de milho a umas Sr.as Limas, perguntei ao José de Sá pelo foro do Reguengo. Disse-me que o pagava em dinheiro em Fevereiro ou Março. Como depois que fechou comigo a conta de 1869, ainda não veio liquidar a de nenhum dos meses deste ano, apesar de mais de uma vez lho lembrar, ignorava se este foro do Reguengo tinha ou não sido pago.

Recomendações da Mariana e peço os meus cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria e para os seus hóspedes.

De V. S.a
am.o e c.

V[ale] de L[obos], 18 Abril [1870].

Herculano

P. S.

O rapaz leva uma tabuínha com um buraco e uma chave inglesa, que peço o favor de recomendar ao Alfaiate mande entregar em casa de meu cunhado na Calçada do Marquês de Abrantes (pagando-lhe quando voltar a despesa que fizer com isso ou qualquer frete para Vale de Lobos que casualmente possa dever-se-lhe). Não mando directamente porque receio de recado de rapazes. Desculpe a impertinência.

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa, 10 de Maio [1870].

Quando anteontem cheguei do Alentejo tive o gosto de ler as suas cartas, pelas quais vi que nem aí nem em Vale de Lobos havia novidade. Agradeço a repetição dos seus cuidados pelas nossas coisas, e que são provas da sua boa amizade.

Antes de partir para Évora [1], escrevi ao Pato [2] com a nota que me deu para os versos que queria para o teatrinho da Ribeira. Quando voltei de Évora achei-os aqui e levá-los-ei comigo. Encontrei ontem o Pato que me perguntou quando haviam de servir, porque se pudesse iria lá ensinar o modo de os recitar. Ele nisso é mestre.

Conto com ir daqui no comboio da manhã de quinta-feira 12 do corrente (depois de amanhã) se não tiver embaraço invencível. Pedia

---

[1] Certamente de visita a Joaquim Filipe de Soure.
[2] Bulhão Pato.

o favor de avisar o Eduardo para nos ter lá alguma coisa que nos leve a Vale de Lobos.

Apanhei ontem num destes canos de ventania chamados ruas de Lisboa uma reverenda constipação. Ainda que me não ache melhor, vou assim mesmo porque estou morrendo por me ver em casa.

Os meus cumprimentos e da Mariana à Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José e V. S.^a^ creia-me

Seu am.^o^ obrig.^mo^

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos], 2.ª f.ª [illegible] Junho [1870].

Pelo pedreiro soube que a madeira só chegava hoje. A minha tenção era já mandar de tarde, não querendo arriscar os bois a virem da Ribeira aqui com carga na força do dia, com este sol de derreter chumbo. Em todo o caso será necessário deixar um homem de guarda à madeira, porque não suponho que possam trazer de uma vez 130 varas, por curtas que seja grande parte delas. Recomendo até aos moços que não ponham grande carga, porque se for preciso levarão amanhã a carreta pequena.

Os carreiros levam ordem para me trazerem da Ribeira umas cordas de esparto. Faz favor de lhes ensinar onde se vendem?

Ontem estive à noite na Azóia e vim contristado do padecer contínuo do nosso amigo[1].

---

[1] O brigadeiro Pedro Vieira Gorjão, vizinho de Herculano na Quinta de Gualdim, que veio a falecer a [illegible] de Agosto desse ano.

Se há situação em que o suicídio seja legítimo é aquela. Felizmente ele ainda não está persuadido de qual é o seu único e verdadeiro mal. O desengano completo não faria senão aumentar-lhe as aflições, que ontem já se interrompiam só com breves intervalos. O Pedroso[1] tenciona deitar-lhe um cáustico. É alívio transitório; mas, enfim, é alívio.

Minha mulher recomenda-se e eu igualmente.

De V. S.ª
Am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

P. S.

O trigo velho está acabado, e posto que já haja do novo não quero mandá-lo para o moinho ainda quente da eira. Peço o favor de me comprar aí um saco de trigo durázio e mandar dizer ao Manuel moleiro que o vá buscar e depois deixe aí a farinha para depois o Joaquim a trazer às porções. Vai o saco.

2.º P. S.

Esta estava escrita quando chegou a sua carta. Ainda que fosse também a carreta de

---

[1] Dr. António Mendes Pedroso.

um boi, não creio possível vir toda a madeira, e para mandar pedir mais um carro a José de Sá, sei que lhe posso fazer desarranjo, porque devem carregar trigo esta tarde, não o tendo feito pela manhã segundo ontem ouvi. Por outra parte é bem preferível pagar uma noite a um guarda, a arriscar um boi por algum excesso de carga; que a estação não consente, mesmo de tarde. Peço também que se os carreiros quiserem fazer alguma brutalidade lha não consinta. Se ainda ficar muita carga irão amanhã as duas juntas e o turino.

Il.^mo Am.^o

Dei o seu recado e, como aqui vem, falaremos.

Temos ainda suficiente dinheiro, mas como terá para o meado do mês de fazer o costumado favor de receber uma pequena letra, e por isso, e por causa das ceifas que vão começar não há perigo de acumulação, far-me-á favor de trazer consigo uns 10$000 réis em prata, entre a qual alguns miúdos, se for possível.

Os meus cumprimentos à Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e continue a ter-me na conta de

Seu am.^o obrig.^do

[Vale de Lobos], Junho 1 [18]70.

HERCULANO

Il.^mo e Ex.^mo Am.^o

Vão 34 sacos de trigo, 12 do Antunes, 2 que deve e 20 de 2 moios meus. Os outros 3 moios irão logo que os sacos voltem, porque os que me ficaram cá não só são poucos, mas são os mais velhos e fracos que tenho.

Quem mediu o trigo foram os eirantes diante de mim. Não me parece que dessem nem tirassem, porque não ganhavam nem perdiam com isso. Entretanto qualquer diferença que possa haver é fácil de corrigir.

Mandei saber se na Azóia havia notícias do pobre Brigadeiro [1]. Não havia, o que não acho de bom agouro.

Tive esta semana de mandar vir dinheiro não só para as férias, mas para um alguergue de pedra que me veio para a prensa, barrotes, telha, etc. Se não vier aos Sítios [2], peço

---

[1] O Brigadeiro Gorjão

[2] Sítios ou Bairros, designação regional dos arredores rurais de Santarém. Vid. p. 62.

que divida cinco ou seis moedas em duas porções (ouro, prata e cobre) para o Joaquim não trazer tudo de uma vez; mas sim parte amanhã, parte na sexta-feira.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e creia-me

De V. S.a
am.o obrig.mo

[Vale de Lobos] 3.a f.a 26 Julho 187[0].

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

As notícias de hoje do nosso amigo[1] são as mesmas do costume, nem me parece que se possam esperar mais agradáveis. Entretanto vive, o que não sei se é um bem para ele, mas que de certo o é para os outros.

Esqueceu-me de lhe pedir para encomendar à pessoa que costuma mandar vir o tabuado duas dúzias de solho, e que se aparecesse por aí ripa a vender (o que me dizem acontece às vezes) me tomasse dez ou doze dúzias, achando-a boa e barata. Não a mandei vir do Santiago porque é barata mas excessivamente mofina e não dava nada. Talvez donde vem o tabuado possa vir também ripa, que se for na proporção deste deve ser excelente embora mais cara.

Agora mesmo ao escrever esta me saltaram e quebraram os óculos com um espirro. Remeto-os pedindo o favor de os mandar con-

---

[1] O brigadeiro Gorjão.

sertar à mesma pessoa que consertou os da Mariana.

O Joaquim pode trazer ou parte ou todo o cobre que há-de servir para as férias desta semana. Podem vir 9$600.

Os meus cumprimentos à Ex.[ma] Sr.[a] D.[a] Maria José e V. S.[a] desculpando todas as minhas impertinências tenha-me sempre na conta de

Seu am.[o] obrig.[mo]

[Vale de Lobos] 4.[a] f.[a] 3 Agosto [18]70.

HERCULANO

Il.

Agradeço o incómodo que tem tomado com as minhas coisas de Vale de Lobos, pedindo-lhe que continue os seus bons ofícios enquanto não posso safar-me daqui, o que não sei quando será.

Desejaria quando lá fosse que advertisse o pedreiro, no caso de terem corrido algumas telhas no telhado do lagar com o pregar do forro em que talvez o carpinteiro já tenha andado, de que não deve bulir-lhe enquanto eu não for, porque a segurança do teto, que principalmente consiste no equilíbrio, não consente que se comecem os consertos de um lado levando a eito para o outro, mas é necessário começar do meio para os lados não amontoando nunca grande porção de telha num ponto qualquer, e eu só fico tranquilo assistindo a esse trabalho.

Não estou certo de quando se arrendou a pastagem do Cervato. O Antunes, que ajustou, é que deve lembrar-se disso e tratar do pagamento.

Remeto ao meu amigo o conhecimento da contribuição pessoal como vizinho do concelho de Belém [1], e no Juízo da comarca do concelho de Santarém deve existir a comunicação oficial da Sentença da Relação que me julgou estranho ao concelho. Quando fosse a Marvila e tivesse ocasião de falar neste negócio para reclamar contra o excesso da derrama para o pároco ou qualquer outro imposto que tenha pago indevidamente, muito me obsequiaria.

Aí vai essa nota ou bilhete para o nosso amigo José de Sá que lhe peço leia, aceitando (desde já lho agradeço) o encargo que lhe ponho às costas, contando com a sua boa amizade. Bem sabe como ele não tem tempo, como se costuma dizer, para se coçar. Entregar-lho-á quando tiver ocasião e procederão ambos em conformidade.

Minha mulher recomenda-me que lhe dê muitas saudades e à Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José, para quem peço também os meus cumprimen-

---

[1] Por ter tido domicílio na Ajuda.

tos. Esperamos que seu cunhado esteja completamente restabelecido. V. S.ª creia-me sempre

Seu am.º obrig.mo

Lisboa, 21 7.bro [1870].

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

Lisboa, 28 7.^bro [1870?].

O negócio do Padre gorou-se. O empenho do *digno par Vaz-Preto* pode mais que a justiça. Não admira; estamos em Portugal.

Fiz um grande sacrifício em não dar uma descompostura ao chefe da Repartição dos Eclesiásticos, que me esteve a mentir um quarto de hora, sabendo eu a verdade. Mas infelizmente, para lha poder dar, precisava de comprometer o meu amigo Dulac, e tive de engolir em seco.

Que o padre veja se concorre a outra igreja, avisando com tempo para se tomarem os portos antes que outrem os tome, já que as coisas deste país não podem ir de outro modo, porque é o próprio país que assim o quer.

Não se esqueça de me dizer, logo que o saiba, o que há sobre a transferência do Mestre de Música. Isto tudo está tão patife, que não julgo impossível terem-me faltado.

Quando estiver na Azóia peço que insista com o José de Sá para que diga onde se paga a renda do Monte da Cavalhariça. Por doente que esteja não lhe custará muito dizer duas palavras. Se as Amarais estão em Santarém, o Antunes quando for pagar a renda da pastagem do Cervato (16$000 réis) pode falar com elas e saber quando querem que se lhes leve o trigo para estarem prevenidas com o recibo. Insisto nisto (aqui para nós) porque tenho apreensões quanto às rendas anteriores, visto dizer-se que a casa do Brigadeiro [1] lhes deve rendas das terras que delas traz, e receio que, apesar de figurarem nas contas do ano passado os 3 sacos que lhe pago, seja possível que esquecessem na Azóia e não chegassem a Santarém. Pagando eu directamente a renda deste ano, a coisa fica necessàriamente aclarada. Também pedia que lhe dissesse que contei a V. S.ª a história do ofício que escrevi ao Presidente da Câmara sobre o terreno da estrada e que lhe recomendei soubesse se o homem tinha respondido ou o que havia a este respeito; porque quero requerer embargo à obra se o tal amigo se fizer esperto.

Seria bom recomendar ao Antunes que faça

---

[1] Gorjão.

toda a diligência para apanhar o mais dinheiro que puder para o fim do mês; porque tendo eu tenção de pagar já, a ele e ao maioral, directamente o mês de Outubro, é natural que, depois de deixar de ser pago na Azóia, ache muito maior dificuldade em haver de lá algum dinheiro.

Respondi a uma carta de José de Sá em que me pedia notícias da nossa saúde, e nessa resposta avisava-o de que tinha recebido o dinheiro do azeite do Hotel Universal e perguntava-lhe se recebera o do Martins quando estivera aqui com José Correia, para no caso de não ter recebido mandá-lo eu receber pelo procurador. Veremos o que responde. O mais provável é não me responder.

Desejamos que V. S.ª e a Ex.ᵐᵃ Sr.ª D.ª Maria José passem sem novidade. Aqui vai tudo bem, quanto o consentem as mazelas e a idade.

De V. S.ª
am.º obrig.ᵐᵒ

HERCULANO

P. S.

Um amigo meu, que deseja comprar este ano algum azeite para negócio, pede-me para

eu saber se haverá na Ribeira de Santarém algum armazém a arrendar para retém de 20 ou mais pipas, tendo por condição ser fresco e seguro. Se souber de algum faz favor de me avisar?

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 7.bro 28 [1870?].

Sempre à espera do barco para ver o que poderia mandar por ele, tenho demorado escrever para conjuntamente avisar da remessa, mas até ontem não chegou e portanto não demoro mais esta carta.

A Mariana vai melhor, mas o restabelecimento há-de ser demorado. Não houve só derrame de sangue externo: a comoção do cérebro também produziu algum interno, e a absorpção há-de ser vagarosa. O médico ainda a faz conservar na cama, e apenas lhe consentirá vestir-se muito devagar e assentar-se ao pé do leito, fazendo os menores movimentos possíveis. Tem o corpo cheio de pisaduras, mas isso é o menos. A coisa foi muito séria.

Das suas cartas vejo que as coisas caminham regularmente em Vale de Lobos. Eu já recomendei ao procurador que me procurasse uma quartola grande, pipa ou casco em se-

gunda-mão para vinagreira, e agora estenderei a ordem a mais algum casco. Se aparecerem a tempo irão pelo barco. Por este hão-de ir 2 sacos de trigo durázio do Monsanto que quero experimentar nas ribeiras. Como deve ser semeado ralo, e quero semear ao pé dele algum durázio daí para comparar a produção, não mando mais e o Francisco que veja quem o terá bom para semente e que compre um saco dele.

Diz-me que choveu bem em Vale de Lobos. Parece-me que logo que enxambre o Antunes deve fazer estercar e endireitar a terra dos quarteirões que estava cavada, estercar-se e semear-se de aveia ou de erva da Beira enquanto as águas são mornas e a terra não esfria, que é o defeito dos quarteirões.

Seria bom ter alguém prevenido para arramar os tufos quando o tempo desse lugar, antes que o chão se encharque de água.

O Francisco que deixe ir abrindo a 2.ª contramina. Nada nos impede que continuemos depois a 1.ª e pode ser que com a 2.ª encontremos a veia mais perto. Num papel junto vai marcada com uma linha de pontos a direcção da 2.ª contramina. Esta direcção é que o Francisco deve recomendar muito ao mineiro e igualmente que o chão da contramina

vá sempre subindo. Quando tiver o comprimento da 1.ª poderá então voltar a esta.

A quartola do Duque há-de ser remetida para a estação do Carregado para António Alexandre Gomes de Brito e a guia deve ser sobrescrita a este mesmo indivíduo mas com a direcção = Vila Franca =.

O Francisco deve mandar dizer o comprimento e grossura de que quer o alfirme porque aqui toda a casta de cordas se vendem ao metro ou à braça, ou a peso.

Quanto à fruta eu contava com mandar pelo barco os cestos e os caixotes que vieram; mas já vejo que deita muito tarde. Assim mande o que quiser naquilo que tiver. Mas o que quero é que mande duas botijas do nosso excelente vinagre branco, que não há em Lisboa e umas poucas de azeitonas velhas tais quais estão na talha. É coisa que também aqui não há. As gamboas antes pequenas do que tocadas porque chegam cá podres. Que pergunte às mulheres se a lavadeira entregou uma manta e uma toalha de mesa que lá lhe tinha ficado.

Os alicerces das paredes do tanque novo ficam melhores feitos de Inverno do que de Verão, mas não quero que o pedreiro aí bula sem eu lá estar. Depois dos alicerces do co-

berto novo e de ter rebocado o lagar do vinho por fora (também do lado da porta do topo e do lado do jardim) pode rebocar a frente do palheiro, caiando logo o reboco em fresco. Acabado isso, tem, para aproveitar o tempo, de ir continuando a bordadura de telha das regadeiras dos quarteirões, e depois a continuação da regadeira ao lado da rua das pereiras.

Far-me-á grande favor de *apertar* com o Jacinto para ir apertar o rasto das rodas da carreta. Bem sabe como ele é. Peço-lhe também a nota do ferro que é necessário para se acabarem e porem a servir as rodas novas de azinho que vieram do Gavião, e se são precisos buxins inteiriços de outra dimensão que me dê as medidas de comprimento, grossura das paredes, diâmetro do buraco pela parte de dentro e de fora, ou então um molde que se pode lá fazer.

Não sei se o carpinteiro madeirou já o teto do forno e da casa das galinhas. Se não o tiver feito, o Francisco que chame outro por todo o dinheiro que o faça, de modo que se telhe quanto antes. Deve já estar aí o cabeçalho que encomendei para uma carreta própria das rodas grandes, que deve ser mais comprido. Ele ou o que vier em lugar dele

que vá aparelhando mesas, cadeias, sobrecadeias, etc., para ela, antes sobre o comprido do que sobre o curto.

Acabou-se o papel. Os nossos cumprimentos à Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José, cujas melhoras desejamos. O Meira recebeu a sua carta. Escreverá.

Am.º e c.

HERCULANO

P. S.

Quanto à criada, fez V. S.^a^ excelentemente. Não estaremos provàvelmente aí antes de princípios de Novembro.

Il.mo Am.o e Sr.

Não tenho escrito por não ter podido. Quaisquer negócios que se tratem em Lisboa não acabam nunca. E não é só nas repartições públicas: é o mesmo nos negócios particulares. Toda a gente pensa mais em passear do que em trabalhar. Deus me livre já disto.

Do negócio de seu cunhado, que estava muito mais torto do que ele pensava, por sua culpa (guarde isto para si) falaremos aí. Já procurei duas vezes António de Melo [1] para saber do músico, sem o encontrar, porque costuma demorar-se na repartição só duas horas. Da segunda vez deixei-lhe um bilhete de visita, onde escrevi a lápis que me deixasse a resposta ao porteiro. Hoje volto lá. Quanto ao

---

[1] D. António José de Melo e Saldanha (1803-1883), companheiro de Herculano na emigração, Director da 1.ª Direcção Geral do Ministério da Guerra desde 1869, no posto de general, e ajudante de campo do Rei D. Luís.

Padre deixarei a coisa prevenida até onde puder.

Suspendi os banhos[1], porque a Mariana esteve dois dias de borco, com um ataque de estômago de nova espécie que me deu cuidado, porque lançava quanto comia, sem arrancos e pequena dor na cabeça e no estômago. Desconfiei de um começo de dispepsia. Felizmente o médico dissipou essa ideia, e manda-lhe continuar os banhos depois de algum tratamento. Eu parei aos 21 porque me pareceu asneira pagar a um trem para ir uma pessoa só. Verei se elas vão alguns dias antes da minha partida, que penso será na próxima segunda-feira, e se tomo mais algum.

A cevada pode-se vender como julgar melhor.

José de Sá escreveu-me. Não tinha recebido do Martins, de quem já mandei cobrar. Diz que está por todas as condições que pus na minuta; mas que espera que eu vá para se fazer o escrito e o inventário. Escuso teimar; mas conto que tudo há-de ficar *feito numa semana.*

Aquela cabeça anda a razão de juros; sem combinar nada comigo; sem me dizer nada

---

[1] Em Pedrouços.

nem ao Dulac encomenda as ceiras para a prensa que eu encomendei também, e acho-me agora com dois jogos gastando agora o dobro do que devia gastar, não me servindo metade das coisas senão daqui a três ou quatro anos. Quem trata loucamente as suas coisas, não pode tratar melhor as alheias.

O carpinteiro não importa que vá passear enquanto eu não vou, porque a única coisa urgente é a adufa da prensa e essa há-de ser feita à minha vista. Quanto à chapa da fornalha quero também lá estar ao meter-se. O pedreiro tem os alicerces dos cobertos para ir andando enquanto não vou. O que ele podia fazer, se ainda o não fez, é examinar se o cano que gira pela frente das tulhas e vai dar ao poço de retém, está desempedido. Do azeite (em que o Sá me mandou falar) não devem ser 11 alqueires, porque não quero que *os herdeiros* do Sr. Brigadeiro[1] mo façam de graça, e isso é o que os caroços renderam. O Antunes que diga que tem ordem precisa para deixar lá a respectiva maquia seja ela qual for. José de Sá não tem direito de fazer presentes do que não é seu, e eu não quero dever favores nem sequer indirectos nem ao José Correia

---

[1] Gorjão.

nem ao filho. Se continuar a cair azeitona, o Antunes que a vá deitando numa das tulhas novas, e salgando. Depois se fará; que o azeite não se vai embora.

Nesta viagem do Alfaiate espero que vá para cima uma caixa com folha para 4 talhas, 11 ceiras de prensa e mais 3 de vara, e 6 sacos de fava, o que o turino pode ir buscar por duas vezes ou os bois numa.

Logo que veja o Duque, dir-lhe-ei que mande a procuração. Ainda nem sequer tive tempo para ir a casa dele.

O meu amigo do azeite não lhe convém um armazém tão grande, cuja renda há-de ser elevadíssima, visto que a especulação que quer fazer é muito mais modesta.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

[Lisboa] 5 Outubro [1870].

HERCULANO

Il.[mo] Am.[o] e Sr.

[Lisboa] 10 S.[bro] [1870?].

Desde anteontem sabia que o mestre de música estava servido, porque estive no Arquivo Militar com o D. António de Melo[1].

Nós desejamos as melhoras da Ex.[ma] Sr.[a] D.[a] Maria José; mas o que é certo é que sem fazer algum tratamento a cura de qualquer doença é difícil, e ela parece ser rebelde à medicina. Eu também gostava mais de estar em Vale de Lobos do que andar por aqui; mas sujeitei-me ao incómodo mais pequeno para evitar o maior.

Conto com ir daqui na sexta-feira 14 do corrente, se não mandar aviso em contrário. Se o Joaquim aparecer, peço que o previna para pedir a égua vermelha na Azóia[2] em que ele venha montado e em que possa levar-se a bagagem. O fim não é esse: é ver se a tal égua

---

[1] Vid. p. 131, nota 1.

[2] Na Quinta do Gualdim, em mão de José de Sá.

me torna à mão. Se não lha derem, que não se atrapalhe com isso, porque levará o mais necessário no saco de noite, e o resto ficará na Ribeira.

Quanto ao pedreiro, os dois outros dias que me demora depois de lá chegar esta, pode empregá-los, ou em rebocar os alegretes do terraço e crescer os pedaços de soco ao lado da porta do pombal, que hão-de ficar da altura do soco das grades (dando o desconto para a grossura das lájeas) e se chover, ir rebocando o subterrâneo do lado de fora do tapume, e acabando o último nicho que ainda não está ladrilhado, ou finalmente acabar de aparelhar a verga da porta do lagar do vinho que ainda ficou por acabar. Depois lá veremos isso dos alicerces.

O barco partiu daqui há 3 dias com os enceiramentos (3 de vara e 11 de prensa), uma caixa com latas e 6 sacos de fava. Não fiz negócio com as talhas porque saíam mais caras do que as feitas em casa e eram muito grandes. Se o barco chegar antes de mim peço o favor de avisar para Vale de Lobos para irem logo buscar essa tralhoada.

Rogo também queira lembrar ao Antunes que fale às pessoas que lhe podem dar bacelos para estarem prevenidas com tempo antes que

comecem a descarregar as vinhas, o que muitos costumam fazer no cedo. Eu já mandei pedir 3 a 4 milheiros de arinto a um grande lavrador[1]. O que ele aí deve pedir principalmente é trincadeira preta, malvasia, bastardo e fernão-pires. Para plantar mais alguma formosa em latadas à borda de ruas talvez a poda da nossa.

A Mariana e todos desta casa muito se recomendam a V. S.ª e à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José, e eu igualmente. V. S.ª creia-me

Seu am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

---

[1] Batalha Reis, de Torres Vedras, Quinta do Turcifal.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Lisboa] 8.^{bro} 31 [1870].

Constipei-me, quando vim, no caminho de ferro. Andei dois dias por Lisboa sem fazer caso disso, até que se me desenvolveu uma grande catarreira que me obrigou a não sair e a tomar uma xaropada. Hoje estou melhor, mas não sei se ainda hoje sairei de casa.

Conto com ir daqui e a Mariana, não havendo inconveniente, na sexta-feira 4. Os dias são pequenos, levamos matalotagem que é preciso pôr em ordem, e por isso marchamos logo da estação. Pedimos o favor não só de prevenir o Patroni[1], mas também a nossa gente para nos ter alguma coisa de comer arranjada.

Dei à Mariana o seu recado quanto aos tachos.

A Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José vi-a aqui um

---

[1] Carruagem.

dia destes quando voltava do banho. Pareceu-me com aspecto de muito melhor saúde. São os ares de Lisboa ou os banhos? Não sei. Mas eu creio que serão os banhos.

José de Sá tinha-me dito que vinha na sexta-feira e que aparecia por aqui. Contava com ele para me levar uma torneira que é precisa para a tarefa da prensa mas até hoje não apareceu. Provàvelmente terei eu de a levar, ainda que esteja fazendo falta.

Há agora cinco feriados juntos e naturalmente o Dulac[1] abalou para Alpiarça. Só na quinta-feira poderei saber alguma coisa a respeito do padre. Ainda que por aí encontre o chefe da Repartição dos Eclesiásticos, Branco, não lhe falo em nada, depois da injustiça que fez e das mentiras que me pregou para a encobrir. Não tenho cá a nota da igreja que o padre queria se pusesse a concurso. Se a tem aí veja se me dá cópia dela, a ver se acho algum caminho para o novo ministro.

Como é possível que sobrevenha qualquer embaraço à nossa ida na sexta-feira e o dia imediato é sábado, bom será pôr na mão do

---

[1] Amigo de Herculano, a quem fez a célebre fotografia em que o escritor está sentado num cesto vindimo.

José Antunes por toda a semana uns 40$000 réis para em qualquer eventualidade não deixar de se fazer pagamento à gente no sábado.

Creia-me sempre

Seu am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

Tenho presente o seu favor de 19 do corrente. Vejo o que me diz a respeito da venda de géneros. Poucos sobejos terei para vender, feitas as reservas necessárias para casa, comedias, etc.; mas, para ver o que há, preciso destinar um dia para medições. Espero poder tirá-lo esta semana, e a demora não terá inconveniente, não só por a coisa ser pouca, mas também porque a elevação dos preços deve-se ao estado geral da Europa, que não tem cara de mudar tão cedo.

Remeto o conhecimento da minha contribuição pessoal de Belém, por causa do negócio da côngrua do pároco da Póvoa [1] em que lhe falei, ou de qualquer outra contribuição que indevidamente pague por ser considerado como vizinho do concelho, estando julgado não-vizinho até por uma sentença da Relação. Já se

[1] Póvoa de Galegos, Santarém.

vê que isto não urge, porque este ano é já tarde para reclamar.

Êsta semana bastará virem 20$000 réis (dos quais dois ou três em cobre) porque sobejou bastante da semana passada.

Quanto a madeira o Antunes quer as 6 dúzias, porque tenho ideia de me ter dito de que apesar de trazerem agora costaneiras, estas dariam pouco mais ou menos o palmo de largo. Eu quererei uma dúzia.

Os meus cumprimentos à Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José, com cujos alívios muito folgo e V. S.^a^ creia-me

Seu am.^o^ obrig.^mo^

[Vale de Lobos] Dezembro 20 [18]70.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Jan.ro 1 de [18]71.

Aqui chegaram os novilhos sem novidade. O pior foi a maçada que lhe deram.

Eu não vou melhor da minha perna, e receio que o tratamento seja longo e impertinente. Será o que for.

Tencionamos partir para Lisboa no comboio da tarde de quarta-feira 4 do corrente. Peço o favor de prevenir o Eduardo[1]. Se o tempo não permitir que cumpra a sua promessa de uma visita a Vale de Lobos, recomendo-lhe que venha o caleche um pouco mais cedo para termos meia hora para aí falarmos.

A mistura este ano saiu superior à do ano passado. Na opinião de todos é igual a um bom vinho clarete. Mando uma amostra para ver se concorda.

---

[1] Cocheiro do Patroni, de Santarém?

Queria mandar-lhe outra do nosso azeite fino novo, mas achei-o ainda um pouco turvo, o que é devido ao frio, apesar de ser o armazém agasalhado. Fica para a volta se já tiver clarificado.

O maior curioso de uvas que há em Portugal manda-me de Coimbra uma colecção de bacelos e enxertos de trinta e tantas castas de uvas estrangeiras de estimação. Devem estar já aí na estação. Remeto a guia e peço o favor de as tirar de lá. Não quero entregar isso ao zaranza do rapaz.

Continue a desculpar as impertinências que lhe estou dando sempre e também o borrão que leva a carta, porque são três horas da noite e custa-me fazer outra.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem a Mariana escreve.

Am.o obrig.mo

HERCULANO

IL.^mo AM.^o E SR.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª 3 Jan.^ro à noite [1871].

Amanhã é decididamente a nossa viagem. Como não saio de casa, não vi hoje o rapaz, nem me lembrou antes de ele se deitar de lhe mandar que fosse por casa do Patroni recomendar-lhe que não nos faltasse com o caleche para irmos no comboio das 5 ½. Faz favor de lho dizer?

Temos aqui algum ouro para levar connosco, mas sempre é bom levar algum troco em prata. Para isso, para deixar à mulher com que faça a despesa da casa e ao Antunes para alguma despesa imprevista bastará virem 20$000 réis. O Antunes mandará depois pedir o necessário para jornais.

O negócio dos bois está combinado como lhe disse. O homem aceitou *a oferta*, ainda que, segundo diz, estava habilitado para os pagar de pronto.

Amanhã falaremos. Eu pouco melhor estou. Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.^mo^ Am.^o^ e Sr.

Lisboa, 9 Janeiro 1871.

Recebi a sua estimada de 7 e desejarei que nem a sua constipação nem a da Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José tenham aumentado, antes tenham diminuído.

Os furúnculos da minha perna continuam a estar impertinentes. O Abel[1] mudou o sistema de tratamento do Dr. Bernardino[2]. O novo é mais doloroso que o antigo, mas parece-me que há-de ser mais pronto. Veremos.

Dá-me cuidado o Antunes. Deus queira que por se achar melhor na sexta-feira não deixasse de ir no domingo consultar o Pedroso[3], e de fazer o que ele disser. Se fosse necessário para se tratar deixar de meter bacelo, não se perdia com isso a Casa dos Bicos.

Como me diz que na quinta-feira vai a Vale de Lobos e à Azóia, far-me-á favor de saber do Antunes, e de lhe lembrar o seguinte:

---

[1] Dr. Abel Jordão. Vid. p. 15, nota 2.

[2] Dr. Bernardino António Gomes. Vid. p. 16, nota 2.

[3] Dr. António Mendes Pedroso. Vid. p. 65, nota 1.

1.º — Se os bois se venderam e por quanto. Ele deve nesse caso pedir o dinheiro por semana (na quarta ou na quinta-feira) equivalente à quarta parte, de modo que em 4 semanas o receba todo, mandando na sexta-feira ou no sábado buscar o que faltar.

2.º — Ver se acha um rapaz que descasque as varas de castanho, para o carpinteiro ir armando parreira.

3.º — Mandar buscar 200 telhas e 100 tijolos e pagar estes e os que se estão devendo. As telhas são para acabar o segundo coberto e os tijolos para a chaminé da cozinha.

4.º — Logo que o tempo o permita arranjar os morangos. A planta que fosse necessária disse-me o José de Sá que a arranjava.

5.º — Que tome conta de duas prisões novas que ficaram na cozinha, e bem assim que entregue ao Francisco três cunhas novas e uma quarta cunha que há-de trazer o ferreiro, para depois dar conta delas. As três cunhas também ficaram na cozinha.

6.º — Que faça arranjar e bater o chão do primeiro coberto novo, porque pode ser preciso para bagaço.

7.º — O pedreiro deve fazer uma pia com uma bica na Fonte das Quebradas que se possa tapar e destapar para se regar o bagaço

quando lá se encovar, levando-se também para lá alguma água raça na barrica de rega que resta, ou, o que será melhor, empapando-o bem em água raça depois de carregado na carreta quando o levarem para lá.

8.º — Que será preciso tirar algum dia para arrancar cepa na mata, porque a lenha que há junto ao lagar decerto não chega.

9.º — Se achasse alguém que tomasse de empreitada ir arrancando alguns cepos das árvores cortadas à borda do rio na terra das pereiras, bom seria porque o freixo verde racha-se melhor e arde bem.

10.º — Não esquecer a tirada do esterco das ovelhas para ir curtindo o raspão que se deitou na esterqueira. Já não há tempo de mais para este se curtir até Abril.

11.º — Quando ou o turino ou os dois bois novos (o comprado e o dado) forem buscar pedra ao Reguengo devem levar mais estrume para o canto ao pé do Casal do Alexandre onde se começou a deitar, até o terem todas as árvores que ali se rebaixaram. É preciso também tirar algum dia para o ir enterrando ao pé das oliveiras que devem ficar bem cavadas.

Quanto à vinha nada digo porque é trabalho corrente que o Antunes bem sabe, salvo

lembrar-lhe que além da linha de tanchoeiras perto do valado, não esqueça meter outra para o lado dos cabeços, se a tira de formosa der largura para isso, e que não esqueça mandar tronchar a oliveira que se há-de tirar da estrada que vem da pirâmide perto do bacelo do ano passado, a qual pode dar algumas tanchoeiras, bem como as que se hão-de mudar do alto do mato da Papoila e das que estão além da estrada velha da Azóia no fim da tira da terra da Quinta. Quando não se possam mudar todas este ano, podem-se-lhes tirar as tanchoeiras que tiverem.

Basta de ladainha. Dou-lhe toda esta maçada porque não sei os dias que a minha perna me reterá por aqui.

Quanto a dinheiro não preciso, e ainda espero economizar algum para lá, a fim de ver se evito vender azeite antes de chegar aos 3$000 réis.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. HERCULANO

P. S.

É natural que as mulheres ainda tenham dinheiro. Se não, fará favor de lhes dar algum.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 30 Jan.ro [18]71.

Recebi a sua estimada de 28 a que ontem mesmo teria respondido, se as visitas mo tivessem consentido. Faço-o hoje antes que apareça alguma.

O médico no sábado deu-me alta para já poder sair ontem. O tempo não o consentiu, mas o pior é que me apareceu ontem mesmo outra borbulha do lado de fora da barriga da perna, e não sei se será uma daquelas pequenas que costumam vir depois dos furúnculos, se será um novo furúnculo. Veremos: estou revestido de paciência.

Agradeço todos os seus cuidados, e a pontualidade com que fez todas as recomendações ao Antunes. Quanto às talhas, ainda o meu amigo cá estava e esteve quando escrevi ao José de Sá, que nisso me falava, pedindo-lhe o favor de ver a folha que ainda havia, para eu saber a que teria de mandar, e pedia-lhe

ao mesmo tempo que me mandasse a conta das últimas remessas de azeite ao Martins e ao Mendes, porque tendo vindo para este nova encomenda, convinha receber o dinheiro da anterior e da última do Martins. Até hoje não me deu cavaco. *São perto de 30 moedas que estão dormindo na mão de devedores. Inconveniente de ter negócios de meias com gente rica que não precisa de dinheiro.*

Peço o favor de quando aí for o rapaz ou por alguém que casualmente vá a Vale de Lobos, avisar o Antunes de que mande quanto antes chamar da minha parte o funileiro para que me vá logo logo fazer uma talha. Calculo que tenho lá folha para isso e até de sobejo, mas quando assim não fosse, alguma que faltasse poder-se-ia mandar comprar a Santarém. Já encomendei que me fossem descobrir alguma caixa de folha, que remeteria a V. S.ª pelo caminho de ferro.

Vejo o que me diz a respeito do rendimento do bagaço, e se as coisas continuarem assim o produto total deve exceder as minhas provisões. Ontem o Dulac, que esteve aqui, disse-me que o azeite a bordo já estava a 2$600 réis. Peço o favor de ir tirando informações sobre se há aí compradores e ir tomando nota dos preços, porque se me parecer, ainda que

estes não cheguem à minha conta de 3$000 réis, como a 26, 27 ou 28 ainda o lucro é grandíssimo, talvez vá pondo algum fora, até porque é mais difícil vender junta uma porção grande, e me vão ficando talhas desempedidas. As talhas novas, deitando-lhe bem as contas, carregam em cada almude perto de 200 réis. Assim, vendendo entre 26 e 28 já vê que a perda não é grande, tanto mais, que, feitas as grandes remessas para Inglaterra e para a Rússia, é mais provável que o azeite estacione ou desça do que suba, por causa de muita gente que se meteu este ano a especular em azeite com pequenos capitais. Quando suceder ir a Vale de Lobos pode mesmo dizer ao Antunes que logo que por lá apareçam almocreves que ofereçam a 28 ou ainda a 27, vá vendendo.

Junta achará V. S.ª uma nota de 2 recomendações que ainda me esqueceram. Peço o favor de a mandar ao Antunes, que pode dá-la a ler ao Francisco lagareiro para saber o seu conteúdo.

Dei a sua carta a ler à Mariana, que ficou inteirada e muito se recomenda.

Vou encomendar mais algumas coisas para estar prevenido. O homem de lá, que viu o bom resultado dos consertos, provàvelmente

deixou-se da empreitada de as fazer novas; e não será isso grande desgraça.

Folgo, como pode supor, com as notícias que me dá das melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. A Mariana também lá vai com as suas boticadas e não pior. V. S.a creia-me sempre

Seu am.o obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 4 Fev.ro [18]71.

Apesar de não estar completamente fechada uma das feridas da perna, já tenho ordem do médico para sair; mas o temporal de vento e chuva tem-me posto embargos, o que me põe de mau humor por mais de um inconveniente que me produz.

Recebi a sua estimadíssima anteontem e fico inteirado de tudo quanto nela me diz. Como o azeite teve uma baixa continuaremos a esperar. A saída para fora é pouca. Segundo dizem os jornais, em Londres o azeite do Levante, de Espanha e de Itália está mais barato que o nosso. A paz, que é provável se faça, dará alta a tudo.

Quanto às sardinhas, havendo em que as meter e empilhá-las bem com sal, nunca serão de mais. Talvez um caixote dos que há por Vale de Lobos servisse para isso, ou algum barril de manteiga que talvez se vendesse em Santarém. Peço o favor de combinar

isso com o Antunes, caso esteja com ele depois de receber esta.

José de Sá escreveu-me finalmente com a conta do azeite vindo; e dizendo-me que a folha estava acabada, e que o tal esparteiro ainda não tinha apresentado a tal seira modelo. Escrevi-lhe para dizer que me mandasse a conta do que lhe pertencia no dinhiro recebido, e se queria que o entregasse aqui a alguém ou que lho levasse; e quanto ao esparteiro, que não era grande perda a da demora, porque eu pouca fé tinha na obra. Como me dizia, com certa complacência que eu bem percebi, apesar de disfarçada, que provàvelmente eu teria de mandar muitas seiras, respondi-lhe que já estavam encomendadas 4 e que acabadas e remetidas estas se iriam fazendo mais. Quanto à folha disse-lhe que já tinha expedido uma caixa ao amigo Santos, e que do que estava lá quando eu vim se deviam ter feito 3 talhas de 30 almudes e sobejaram 7 folhas das grandes, faltando só das pequenas, que se podiam ter comprado em Santarém por serem poucas e quase pelo mesmo preço de Lisboa. Com a remessa que fiz agora foram 24 folhas pequenas e 3 quilos de estanho para solda.

No que ele me não fala é na cal, que disse

me arranjava. Quando estiver com o Antunes faz favor de lhe perguntar o que sabe a este respeito?

Por esta ocasião me lembra pedir-lhe que recomende ao Antunes que a pedra, sobretudo a grande, que forem levantando, mande pô-la em sítio que não embarace o trabalho, mas que não venha para ao pé da casa sem eu ir, não só para indicar onde se há-de descarregar, mas porque me é precisa parte dela lá mesmo no Reguengo.

Os meus cumprimentos e da Mariana (que não tem passado bem) à Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José e V. S.^a^ creia-me sempre

Seu am.^o^ obrig.^mo^

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 11 Fev.ro [1871].

Acabo de receber a sua estimadíssima da data de ontem, que muito agradeço.

Conto com partir na terça ou na quarta-feira daqui para Santarém, mas como não posso dizer definitivamente o dia, avisarei com tempo. Lá teremos ocasião de falar. Quanto ao José Antunes nada tenho que dizer, visto ter ele governado lá bem o barco, e pelo que toca à sardinha, se forem baratas e boas, convém, porque se gastam muitas. O caso é haver lá onde se salguem. O José Antunes talvez possa informar a este respeito.

Com esta há-de ir a guia de quatro seiras que vão para cima. 2 são como as antigas e uma conforme a opinião do esparteiro, que entende que as seiras estouram por serem fortes de mais e muito fechadas na circunferência, de modo que o líquido acha dificuldade em sair. Nesta seira combinou-se a opinião

do esparteiro com a do Francisco, que, segundo V. S.ª me dizia na sua carta antecedente, entendia que vinha o mal de estar pouco unida a peça de dentro à de fora. A 4.ª seira vai conforme a opinião do esparteiro combinada com a minha, levando uma rede larga de corda de linho toda em volta.

Agora vou ver se o esparteiro faz algumas com a nova exigência do Francisco. Não creio que sirva de nada o trazer a camisa interior até à borda da boca da seira, visto que por onde elas agora rebentam é pela circunferência e o que as segura para não rebentarem é a peça de fora, e não a de dentro, que é mais fraca. A outra razão que ele deu primeiro parece-me melhor, porque não estando as duas peças bem unidas a prensa está a fazer força sobre a de dentro só, enquanto esta não une bem à de fora. Foi também essa uma das razões porque eu quis experimentar as cordas de linho por fora. Estas sendo cosidas secas à seira hão-de encolher quando se molharem e portanto apertar a peça de fora contra a de dentro, ao mesmo tempo que me parece hão-de ser muito mais fortes que o esparto. Entretanto o que vou fazer é deixar em todas a peça de fora menos basta na circunferência, não só porque me parece ver-

dade o que diz o esparteiro, que o muito tapado impede a saída do líquido com a rapidez que a pressão da prensa exige, mas também porque, segundo ele diz, noutras prensas em que se usam assim, não rebentam tanto, e o esparteiro não tem interesse em fazê-las deste ou daquele modo, porque as faz mais ou menos caras, conforme são mais ou menos bastas.

Pelo barco do Alfaiate que partiu daqui ontem vão duas mesas que a Mariana comprou, 2 barris pequenos, 2 bilhas de folha, e um barril de 7 almudes, que o Antunes deve mandar buscar e arrecadar. Quando vier a carreta buscar isso deve ele mandar panos ou sacos bastantes e cordel para as mesas serem bem embrulhadas, além dos panos que levam, para se não roçarem nos fueiros, e quase que é escusado pedir a V. S.ª que olhe por isso, porque sei que o faria sem mesmo se recomendar.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me sempre

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Lisboa] 16 Fev.^{ro} [1871].

Tinha tenção de lhe escrever ontem, mas não me foi possível fazê-lo.

Nós partimos daqui na quarta-feira de Cinzas, e aí vamos incomodá-lo. No caso de ocorrer algum embaraço imprevisto que se não possa vencer avisarei com tempo.

A caixa de folha aqui chegou. Era outra a que a Mariana queria consertada primeiro; mas como veio esta, irá consertada e virá depois a outra.

Do vinho não tenho a menor ideia. Se foi expedido da estação de Alenquer ou é do Duque de Palmela ou do Casal Ribeiro. Se foi de Lisboa será do Duque. Se é do Porto não sei de quem será.

Agora reparando melhor, vejo que foi pelo barco. Não atinjo de quem será a remessa. Lá veremos.

Quanto à carne de porco, para a família, e aos ovos, diz a Mariana que está de acordo; e quanto ao toucinho, como V. S.ª vai a Vale de Lobos pede que diga que o salgue a Maria Josefa, porque sabe por experiência que a moça tem mão de salga muito má.

Também peço que diga ao Francisco que na bilha de folha mais velha das duas que foram, deve vir bem rolhado um almude do azeite velho fino da talha grande (pela medida de Lisboa) fazendo-se diligência por aproveitar ainda esta viagem do barco. Este azeite, peço a V. S.ª que diga ao Alfaiate que é para a loja de conservaria italiana que fica na Rua dos Capelistas entre a Rua Augusta e a Rua do Ouro e que pertence ao Carlos Pucci ou Baltresqui, da qual loja provàvelmente o meu procurador há-de dar um bilhete, e que exija que despejem a bilha para ele a levar na volta porque hão-de vir assim sucessivamente 4 almudes, e eu não tenho bilhas para ir cá amontoando. Se o José de Sá tiver mandado mais alguma das que andam pela Azóia podem vir uma ou duas. O que peço recomende encarecidamente ao Francisco é que não lhes deite dentro o azeite, sem as ter lavado tantas vezes com água quente e soda, ou com sal e águas frias até que fi-

que bem certo que não tem cheiro nenhum de ranço.

Eu já escrevi ao Reis[1] a agradecer o bacelo e a pedir-lhe que me desse a conta da despesa, aliás era inibir-me de lhe pedir mais. Veremos o que o homem responde.

Quanto à plantação refiro-me à minha carta anterior.

Peço também que diga ao Alfaiate que há-de levar-me da loja do Tiago (a da Rua do Amparo) uma folha de zinco que lá deixei comprada e paga e que não lha troquem porque é da grossura logo abaixo da mais grossa. Custou 1$320, e logo pelo preço vêem de qual é. Isto para não haver engano.

À vista do recado do Antunes e do Francisco sobre as seiras, mandei logo suspender o fabrico de outras; mas hão-de ir no sábado duas que já estavam começadas. Como eles têm a certeza que as do homem de lá são boas (Deus queira que se não enganem) devem desde já encomendar-lhe mais algumas, visto que ele as faz a 1$500, e o menos que leva o esparteiro daqui são 2$000 réis. Não tarda que eu vá estudar a questão por meus próprios olhos.

---

[1] Batalha Reis, Quinta do Turcifal, Torres Vedras.

A Mariana, que vai passando entre bem e mal, muito e muito se recomenda, e eu peço os meus cumprimentos para a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e V. S.^a creia-me como sempre

Am.º e c. obrig.^mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª 27 Fev.ro [1871].

Folgo com as notícias que me dá da sua boa saúde e do restabelecimento da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

O Conde de Casal Ribeiro disse-me que vinha no dia 26 ou 27. Ontem não veio e provàvelmente não faria as suas disposições para vir hoje, atenta a cara do tempo. Bom será que demore mais a visita, porque a Mariana, depois de alguns dias bons, já ontem teve um incómodo de estômago. Eu próprio tenho estado esquisito. Atribuo-o principalmente ao caruncho, mas acidentalmente a este vento húmido de sueste que tem feito.

Se o barco tiver chegado eu desejaria saber até que horas na quarta-feira deveriam estar lá algumas encomendas no caso de ele partir de tarde ou na quinta-feira. Se partir na quarta cedo, tem provàvelmente de as deixar para outra viagem, ao menos parte delas,

que dependem de o funileiro que mandei chamar e espero hoje me fazer 2 bilhas. Entretanto peço desde já que recomende ao Alfaiate que me traga de Lisboa um cento de rolhas e meio quilo de carbonato de soda (soda do comércio) comprando na drogaria do Fernandes defronte de S. Julião, ou na do Serzedelo na Rua do Arsenal. Também peço que o encarregue de mandar pôr esse livro que vai embrulhado e atado, na Calçada do Marquês de Abrantes [1], por homem que não o perca.

O rapaz leva a canastra, e agradecemos a compra do bacalhau, que por cautela mandei espalhar ao ar, visto ter-se molhado.

A criada não nos desagrada. Deus queira que ature, visto que é incerto o tempo em que poderemos obter outra melhor.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

---

[1] Em casa do cunhado Meira.

Il.^{mo} Am.º e Sr.

[Vale de Lobos] Sábado 4 Março [1871].

Estive na quarta-feira à noite tão incomodado de estômago, que deu agora em doer-me, que não me lembrei de mandar ordem para Lisboa para entregarem 100$000 réis ao sr. Nunes. Fiz ontem à noite a carta para isso, mas vendo depois a nota que me deixou aqui datada de 18 de Fevereiro comparada com a do que depois tem vindo, pouco dinheiro *disponível* pode ter aí, e desse mesmo ter-se-á amanhã de gastar 12 a 15$000 réis e algum, ainda que pouco, será preciso no princípio da semana. Atendendo a isto, mando-lhe junto a carta com a ordem, que terá a bondade de expedir, se convier, e se não convier, retê-la, fazendo-me V. S.ª o favor de levar outra para

lhe remeterem os 100$000 réis pelo correio, visto que vai daqui a horas de a entregar para ir hoje mesmo.

Até depois.

De V. S.ª
am.º obrig.^mo

HERCULANO

P. S.

A estampilha vai solta porque, a não ir a carta, escusa de se estragar.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] Sábado 11 Março [1871].

Desejo que chegasse da sua excursão a estes Sítios com a saúde que mostrava, e que encontrasse a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José sem novidade.

Aqui recebi os 40$000 réis e a respeito do Joaquim falaremos na terça-feira em que a Mariana aqui o espera em companhia da Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José.

Sei que o Jerónimo tem procurado o José de Sá (que ainda creio está nas Fráguas) mais de uma vez. Provàvelmente é a questão da venda da terra. Em todo o caso eu quero estar prevenido e desejava saber as seguintes coisas, no caso de ter de vender azeite. Tenho já limpo 9 ou 10 pipas de azeite ordinário, sendo 3 do primeiro que se tirou do bagaço de fora, e o resto da massa de que se tinha tirado o azeite fino. Convirá mandar uma amostra lotada de um e de outro ou duas

separadas, uma de cada um deles, no caso, aliás quase certo, de ter de mandar primeiro amostra? Segundo creio, o comprador manda vasilhas em que vá o azeite. Será assim? Se for, costumam mandar cascos grandes? O frete é por conta do lavrador ou do comprador? Sendo por conta do lavrador, seria possível que se empregasse no transporte uma pipa de 25, visto que os bois que tenho são pequenos, e receio pôr-lhes uma carga maior? Estas perguntas não precisam resposta pronta, mas são para V. S.ª, que fala por aí com muita gente, me fazer o favor de ir tomando informações, e estarmos prevenidos para tomarmos uma resolução pronta, se porventura se chegar a fazer algum negócio a respeito da tal terra.

Sou como sempre

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo

A. HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Abril 23 (Domingo) à noite [1871].

O Antunes havia de ir pedir não sei quanto que ontem me disse precisava para pagar aos homens que traz no campo em uma seara que tomou e que queria lhe eu adiantasse. Não o vi à volta porque foi logo para a Póvoa, aonde o mandei saber do Vicente Cordeiro em que dia e a que horas o poderia eu encontrar em casa. Conforme a sua opinião vou tratar do foro.

Por estes dois ou três dias deve aqui chegar o resto da madeira (forro e ripa) para o lagar do vinho e talvez algum do lajedo que já encomendei. Assim, venham uns vinte mil réis de prevenção, (dez ou doze mil réis em cobre) porque não sendo necessários pela demora da madeira e do lajedo ficarão para férias.

Desejo que a sua boa saúde continue a ser-

-lhe fiel, e que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José possa imitá-lo. Saudades da Mariana para ambos e V. S.^a creia-me sempre

Seu am.^o obrig.^mo

HERCULANO

P. S.

Quanto às plantas para o oratório, as de que lhe fez favor sofreram bastante este Inverno, porque mesmo dentro de casa este clima é mais rude que o de Lisboa; e três ou quatro não resistiram. Não as quero de certo se o substituí-las der ao meu bom amigo o menor incómodo; se não der, e resolver trazê-las, sejam algumas que, embora não vivam ao ar livre, não sejam excessivamente sentidas quanto à temperatura.

Não se esqueça de perguntar no escritório o custo de cada barrica de enxofre para mo mandar dizer, ou trazer uma notazinha se vier breve a estes Sítios.

Creia-me sempre

Am.^o obrig.^mo e c.

HERCULANO

Il.^{mo} Am.º e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ª 8 Maio [1871].

Mando pelo rapaz ao Alfaiate três moldes de buxins para ele os mandar fundir na fábrica do Peters, que é muito perto da fábrica de serração estabelecida, pouco adiante da antiga que se fechou, defronte do jardim do Aterro no Cais do Pinho. Assim, ele poderia, quando fosse encomendar as 18 peças de madeira de que V. S.ª teve a bondade de levar o molde, encomendar também os buchins, e talvez, dando pressa, obtivesse trazer tanto uma como outra coisa na volta.

Mando também as bitolas para me comprar ferro para a grade do terraço e para três eixos para uma carreta de força e para outra mais leve e um sobressalente. Bem como nos moldes dos buchins, vão nestas bitolas as explicações necessárias.

Pedia por esta razão a V. S.ª que não só

apertasse com ele para se não descuidar deste negócio; mas que também o prevenisse do seguinte.

É provável que quando ele tiver de pagar estas coisas, o concunhado de V. S.ª o Sr. Joaquim Nunes tenha recebido do meu procurador uns 100$000 réis, que provàvelmente ele terá de trazer. Nesse caso paga daquele dinheiro e dá depois contas a V. S.ª. No caso contrário apresenta uma nota da importância total das encomendas em casa de meu cunhado Meira, e recebe aí o dinheiro necessário para as pagar.

Já estão negociadas obra de 20 moedas de bagaço a 60 réis o cesto (ou 480 réis por moedura) completando eu o que diminuir com bagaço meu. As moeduras, já se sabe, são postas no lagar e levadas depois à custa do vendedor. Vem-me a ficar a moedura entre 600 réis e 650. Se continuarem a render as 16 canadas que rendeu a que veio para experiência, é negócio em que se não perde. Os homens têm mais umas 100 moeduras que dizem iguais às 20 e querem deixá-las passar pelo laboratório com as mesmas condições. Vindo uma moedura a experimentar, não duvido de entrar nesse acordo, visto que os tais bagaceiros parecem bons rapazes.

Os nossos cumprimentos e vivas recomendações para a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José.

De V. S.^{a}
am.^{o} obrig.^{mo}

[*Sem assinatura*]

(Volte).

P. S.

O Alfaiate tinha prometido a José de Sá trazer nesta viagem 2 bilhas novas, uma de almude, outra de 2 almudes, que tinham ido com azeite fino para a pastelaria Baltresqui na Rua dos Capelistas. Essas bilhas, que são nossas, deviam vir para aqui, mas ainda não apareceram. Esquecer-se-ia ele de as trazer? Estarão por casa do Alfaiate? Viriam para a Azóia, donde não vejo ninguém há 3 ou 4 dias? Faz favor de perguntar por isso ao Alfaiate, e de lhe dizer que no caso de se ter esquecido, se lembre de as trazer desta vez.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 16 Maio [18]71.

Eu tinha recomendado ao moço que fosse a casa de V. S.ª para se abrir o pacote, porque a Mariana desconfiava que viesse com o cairo alguma encomenda. Como não veio, lá foi o cairo entregue ao esparteiro, que já esta manhã esteve aqui com uma coisa que se lhe encomendara. Fê-la pelo mesmo preço do outro esparteiro, mas o esparto é melhor, e quanto ao feitio é numas coisas superior, noutras inferior à obra do outro. Entretanto lá se lhe indicou o que devia melhorar, no caso de se fazer ainda alguma de esparto. Quanto às de cairo, ele supõe a obra muito exequível e levou ordem para fazer uma o mais depressa possível, a fim de a experimentarmos.

Como vem na sexta-feira teremos ocasião de falar. Quanto ao dinheiro mandámos dizer para baixo que como vinham na próxima

segunda podiam trazer não só os 100$000 réis, mas também a importância de um casco de azeite fino que foi para o Martins e que devem mandar receber no fim da semana.

Dinheiro não me será preciso esta semana apesar de ter pago e a pagar *aluguer* de bagaço, madeira, ferragem, cal, etc., porque vendi a lã, ao mesmo fabricante que comprou a do José de Sá. Vendi-a porque me tenho dado mal com o guardá-la para vender tarde.

Desejo que a Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José e V. S.^a^ continuem a gozar boa saúde, e até à vista.

Am.^o^ e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 26 Maio [18]71.

Tenho presente a sua estimadíssima de 24. Vejo por ela que só no domingo pode vir a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José. Irá por isso nesse dia a jumenta.

Devia ir pelo barco uma porção de azeite que está encomendado; mas não foi possível aprontar a tempo o barril. Irá para a outra viagem.

Como meu cunhado está aqui, peço que V. S.^a dê ao Alfaiate a porção de dinheiro necessária para comprar o ferro que lhe encomendei, os buchins, e as tábuas que estão a aparelhar na fábrica de serração. É natural que ele perguntasse qual era a importância da obra. O que me faz mais imediata falta é o ferro.

Dizem-me que há em Lisboa negociantes que vendem cairo mais barato do que nas lojas de cabos. Espero descobrir isto. Se o Alfaiate o soubesse, bom seria. Senão que me

compre uns 8 quilos dele nalguma loja, que é para o esparteiro ir adiantando alguma coisa, ainda que por ora me não sejam precisas, visto terem-me faltado os homens do bagaço. Prevenir-me-ei para o ano, de modo que não me suceda o mesmo. Agora já sei por onde hei-de entrar e sair.

Vai um colete para modelo. Escolha lá a fazenda que entender e como entender para dois.

O rapaz leva uma amostra da manteiga desta semana, que me parece não ter ficado pior de que a da anterior. Provará e dirá.

Junto remeto um pequeno rolo contendo três traçados com as respectivas explicações que peço o favor de dar ao tanoeiro para à vista deles poder fazer os balseiros de que este ano careço [1]. Ele falou e insistiu muito em dar-lhes o feitio *acanecado*, sobre o que não fiz grande reparo; mas reflectindo depois, vi que isso tinha inconvenientes para o modo como devo servir-me deles. Por isso cumpre que o mestre se atenha rigorosamente ao feitio que vai indicado no traçado.

---

[1] Infelizmente não se encontrou entre os originais das cartas nenhum destes esboços que Herculano fazia com frequência.

Eu disse aqui ao esparteiro que me fosse fazendo um enseiradouro para a vara, porque o que tenho está velho e incapaz, e este ano sempre haverá uma untadela. O homem não me pareceu muito habilitado para comprar bom esparto em Lisboa. Se lhe parecer que se lhe pode adiantar algum dinheiro para isso, talvez assim se obtivesse obra mais barata ou mais bem feita. Eu disse-lhe que se quisesse falasse a V. S.ª nisto.

Segundo ouvi, o Gomes não fez tanta falta como parecia. O santo varão de Alcanhões sempre vai até a África. As probabilidades de cá voltar não são muitas.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Junho 3 [18]71.

Não escrevi ontem pelo Joaquim porque tinha aqui um hóspede, o Casal Ribeiro [1], que era necessário entreter, porque as senhoras não estavam para isso nem o José Basto [2], que não tinha confiança com ele.

Como é dia de soldadas e vou comprar uma porção de boa lenha que se me dá barata e

---

[1] Vid. p. 53. «A sua última viagem à Espanha, de onde não voltou vivo, inspirara-lhe o fervoroso culto, nunca diminuído, à memória insigníssima de A. H., seu grande amigo e seu venerando mestre, a quem sempre respeitou e quis com piedade quase filial». (António Cândido, *Na Academia e no Parlamento*, Lisboa 1901, p. 199).

[2] José Manuel da Costa Basto, irmão de João Pedro da Costa Basto, funcionários do Arq. Nac. e íntimos de Herculano, bem como seu pai, José Manuel Severo Aureliano Basto (1789-1869), antigo escrivão dos órfãos em Grândola (1-2-1813) e discípulo de João Pedro Ribeiro. (Vid. Pedro de Azevedo, *A origem dos Bastos, funcionários da Torre do Tombo*, in *Boletim da 2.a Cl.* da Academia, VIII, p. 119).

que há-de vir mais tarde ou mais cedo a servir para a *fábrica* será bom virem uns 50$000 réis, dos quais 10$000 em cobre.

Desejo que a saúde não tenha desamparado o meu amigo, com que tem boas e antigas relações, e que a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José continue isenta dos seus frequentes incómodos.

O Vicente Cordeiro nada me tem mandado dizer a respeito do foro. Não quero escrever-lhe de novo sobre isso, não pense que o acuso de descuidado. Não creio mesmo que haja grande perigo de se vender o prédio. O Jerónimo tem posto anúncios na Azóia, Póvoa, etc., e ainda ninguém lhe ofereceu cinco réis. O dono do foro também não achará fàcilmente compradores para 20 pensões.

Aqui tivemos uma fartadela de excelente peixe com que o meu hóspede se regalou.

A tina está pronta, mas como tenho de dar uma demão de tinta à nossa, e fazer outras borraduras, parece-me que será melhor ir pintada, a não haver grande urgência dela.

Am.^{o} e c. obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 16 Junho [18]71.

Recebi a sua carta ou antes as suas duas cartas, e folgo que voltasse são e salvo da expedição à Barquinha.

Não serei extenso, porque tenho estado escrevendo duas cartas bastante compridas para Lisboa; é tarde e quero avisar o moço.

Como, porém, me diz que tem tenção de aparecer logo que chegue a madeira e fizer a repartição entre mim e o *Comendador*[1], teremos tempo de taramelar.

Estimo as boas notícias que me diz ter tido da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José. Não lhe posso dizer o mesmo da Mariana, que lá está de borco com um dos seus incómodos de estômago.

Podem vir uns 30$000 réis. Não me será

---

[1] Alusão graciosa a José de Sá, da Quinta de Gualdim, na Azóia? Ou a Paulino da Cunha e Silva, da Quinta da Comenda?

preciso tanto, mas é uma prevenção porque pode chegar um lajedo e cantaria que encomendei.

Creia-me sempre

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Peço o favor de virem 5$000 réis em cobre, ou parte em cobre e em miúdos.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] Calçada do Marquês [de Abrantes],
17 Junho [1871] à noite.

O portador desta é um homem que mando a Vale de Lobos para me trazer uma bilha de azeite para o Imperador, ou antes para a Imperatriz, que é irmã do Rei Bourbon de Nápoles e beata[1]. Come de magro nos dias de jejum apesar de doente e foi o Imperador que mo pediu para a *sua pobre mulher*. O meu empenho é mandar-lho na segunda-feira pela manhã.

Mas para isto é preciso que o homem a possa trazer consigo, ou pelo menos no mesmo comboio. Poder-se-á arranjar isto?

Se não puder, faz-me o favor de a despachar por grande velocidade, de modo que eu a tenha aqui o mais depressa possível.

---

[1] D. Pedro II do Brasil e D.a Teresa Cristina Maria (n. 1822), filha de Francisco I das Duas Sicílias e irmã de Francisco II, destronado em 1860. Casaram a 30-5-1843.

É negócio de capricho. Sei a quem o entrego, e por isso lho entrego.

Am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Está aqui a Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 8 Junho [18]71.

Remeto a tina, que, não ficando perfeita, ficou melhor do que era de esperar de um latoeiro da Romeira. Não tomei nota da folha que levou, nem do tempo, nem da pintura, porque foi arranjada de mistura com coisas da casa. Faz-me o favor de a aceitar como uma lembrança nossa?

Aí vai uma amostra do couval de Vale de Lobos e das cenouras portuguesas e francesas, de que temos abundância.

A Mariana manda a sua alfazema. Diz que um saquinho preto com ela que vai à parte pertence à Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José.

Estou desconfiado de que já me não chegam 2 dúzias de forro que esperava hoje e que me estão fazendo muita falta. Previno o pedreiro para esperar na feira o Joaquim, que levará recado para comprar 4 dúzias se estiverem baratas e 2 se estiverem mais caras,

no caso que não venham hoje as que espero. Disse-lhe que podia pedir a importância a V. S.ª e por isso o previno.

Desejo que tenha saúde e boas notícias da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Estava esta feita e fechada para ir pelo José César quando recebi a sua de hoje. Não vale a pena de devolver a madeira ao homem, até porque ele não pagaria o frete. Basta que fique conhecido por um tratante, do que será prova o recibo e a 1.ª carta dele (que devolvo) comparados com a última carta. A consequência será fazer agora vasilhas maiores e para o ano se farão mais pequenas, e assim não se estragará madeira. Quanto ao carpinteiro, se não aparecer outro que trabalhe em carretas, aproveitá-lo-ei nos dias grandes, sem me obrigar a conservá-lo de Inverno; e mesmo tal será ele que o conserve por mais algum tempo. Vamos a ver.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Julho 24 [1871].

Hoje não me foi possível arranjar as coisas de modo que mandasse aí buscar as encomendas do barco e as vasilhas, porque tive de recolher uma porção de grãos, abóboras e batata, e até porque seria arriscado não estando ainda prontas de todo no sábado as peças dos cascos. Governar-me-ei conforme as notícias que hoje receber.

Os leitos não é possível torná-los a mandar. O parvo do Joaquim transtornou um recado de João Urbano por tal modo que eu esperava viessem aqui ficar no sábado ele, o Dulac e um Caldas. Achava a coisa um pouco estranha, mas era possível e precisava ter camas arranjadas. Fui eu próprio armar os leitos: trabalhei mais de duas horas e nunca pude arranjar mais de três parafusos em cada leito: num deles o parafuso nem sequer cabia no buraco da peça da cabeceira. Naquele

aperto não tive remédio senão metê-los a martelo nas porcas, depois de alargar à lima o buraco por onde um deles não passava. O que não queria era ter de fazer alguma cama de chão para os hóspedes se viessem e isso consegui-o. Hoje o Dulac e João Urbano vieram aqui e explicaram-me o rebate falso.

Quando se for buscar a tralhoada que aí está, irá a carreta ou carretas por sua casa. Não sei se poderá ser amanhã de tarde. Em todo o caso, se sair, deixe prevenido para saber o José César para onde e donde deve levar o tonel.

Do Antunes nada lhe digo senão que me apareceu ontem (domingo) depois do almoço dizendo-me muito atrapalhado que vinha fazer entrega, mas que tinha coisas no quarto da mãe, que não estava em casa. Paguei-lhe os 20 dias que tinha, perdoei-lhe uns 6 mil e tantos que lhe emprestara para a seara, ou antes para ajuda do que o Alturas lhe tem comido a propósito da seara, e disse-lhe que era o Francisco a quem havia de fazer a entrega de sementes, ferramentas e que eu queria um revólver que lhe tinha emprestado. Respondeu-me que estava no quarto da mãe, e com isto foi-se. Hoje mandou buscar uns cortiços que aí tinha e não apareceu. Man-

dei-lhe recado para que avisasse de quando vinha entregar ao Francisco as coisas a seu cargo.

Eis o que se tem passado. Tenho dó daquele cego; mas tenho maior dó quando me lembro de que a cegueira lhe há-de passar. A respeito dele o meu amigo tem carta branca para fazer tudo o que entender, com a restrição única de que a mulher é por tudo e para tudo uma entidade completamente suprimida, tanto para a Mariana como para mim.

Os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e a V. S.a é escusado protestar que sou

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 9 Agosto [18]71.

Com os excessivos calores dos dias e o arrefecimento das noites têm por aqui picado as sezões. Eu com os meus raspalhismos tenho-me fortificado contra elas; mas o Francisco lagareiro, que andou uma noite toda a regar um luzernal novo que semeei este ano, está com uma camada delas. Faz-me falta, mas far-me-ia mais se o Antunes não tivesse voltado ao aprisco. A febre aftosa já anda aqui de roda, e tenho um boi, que desconfio está ameaçado dela. Veremos. Eu sempre achei que o Verão era muito bom para as cobras e para as lagartixas.

Como me diz que deita cá um dia com a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, fica para então a palestra.

Os tanoeiros não vieram hoje nem a coisa é de pressa. Tinham-me prevenido de que talvez viessem noutro dia.

Tenciono mandar entregar a seu cunhado uns 140 ou 150$000 réis. Dir-me-á se não há nisso inconveniente, visto que não vai provàvelmente a Lisboa senão para os banhos, e não são por ora cá precisos.

Ainda que o negócio da manteiga é da Mariana, eu meti a minha colherada aconselhando-a a que mandasse ao meu amigo um boiãozinho dela para repartir com o futuro freguês, a fim de ele não comprar nabos em saco. Depois, parece-me inconveniente mandar logo um quilo (a não ser família que gaste muito) quando o moço vai a Santarém um dia sim outro não. A manteiga fina e com pouco sal, que é a que come a gente de gravata lavada nos países de gente branca, precisa de ser conservada com certas cautelas, que nem todos têm, nem sabem ter, e se em Inglaterra e na Holanda essas cautelas são como dez, em Portugal, sobretudo nesta estação, têm de ser como vinte. É verdade que o paladar português vive em boa camaradagem com o ranço. Não admira. Os Samoiedas do que mais se espantam nos hábitos das nações civilizadas é de poderem sofrer a comida sem ser temperada com azeite de baleia. Se, pois, o freguês não faz um enorme consumo, basta que lhe vá duas ou

três vezes por semana a necessária para os dias intermédios.

Muitas recomendações nossas à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Acabo de saber que um homem da Azóia trouxe duas redes de palha, cheias a fazer, da eira de Francisco Cordeiro, à razão de 2$000 réis a rede. Venderá ainda alguma pelo mesmo preço e igualmente a fazer? Eu queria nesse caso 2 redes.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 27 Agosto [1871].

Estava anteontem tão cansado de mexer todo o dia, coroada a tarefa com o arrumar convenientemente os dois cestos para Lisboa, e alagado em suor do calor, que não tive ânimo de escrever e de dar resposta às perguntas de V. S.ª e tanto mais que o negócio do arroz e do sal não eram urgentes. A Mariana deseja esperar pelo arroz novo, mas sempre será preciso algum, talvez 6 quilos (seis) para não dar sempre legumes aos moços, e esta porção porventura se arranjará por aí ou melhor ou mais barato do que mandar buscar à tenda em quantidades menores. Quanto ao sal vou mandar arranjar uma escolha de sacos mais fortes para vir de Lisboa, e se entretanto chegar a faltar manda-se buscar um alqueire dele para remediar. Como eu demiti de mim esse negócio da fruta depois de arrumados os ces-

tos, por isso esqueceu, o que é bem sabido, que da fruta se paga adiantado. É mau haver fartura de queijo em casa porque dizem que faz perder a memória.

O moço leva amanhã a jumenta para trazer os barris. Não sei se poderá trazer todos 3 porque a pozolana é pesada; mas talvez por ora baste um para a obra da ponte, que já está fora da água, que era o principal. Agora só trato de fazer o betão para os canos de ferro e ficará o resto da obra para depois, porque fica fácil acabá-la levando o rio água.

Estou com empenho de fazer um casco de vinho de moscatel, fernão-pires e malvasia. Toda a minha uva está boa, mas a que tenho não chega para o casco. Assim comprei a uva de uma vinha onde predomina o fernão-pires e malvasia, de modo que poderei dar curtimenta num balseiro e encher um casco. Tenha a bondade, por isso, de me mandar 20$000 réis, e depois verei o que preciso para pagar férias e soldadas que se pagam esta semana.

Se por aqui aparecesse algum trigo ruim e sujo que se vendesse barato (até cruzado) seria preferível comprar um pouco, na falta de avaria, a comprar milho a 280 ou 300 réis para dar à criação, porque o trigo rende muito mais. Talvez aparecesse também alguma ervi-

lhaca estreme, de que se pudessem comprar alguns alqueires para os pombos.

Folgarei que vá resistindo a estes horríveis calores com que eu ando meio morto, e peço os nossos cumprimentos para a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José.

De V. S.^{a}
am.^{o} e c. obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª 29 Agosto [18]71.

Vão os 2 quilos de manteiga conforme a sua recomendação. É da mais antiga que havia e leva portanto um começo de cura. Apesar disso o sal que leva sobre o pano que a cobre deve ser tirado com cuidado levantando o pano pelas pontas. Este sal servirá para fazer uma salmoura com que a manteiga deve ficar coberta, ainda que não seja senão a grossura de dois vinténs. Deve-se tirar para uso com uma colher de pau, não sendo provável que lá haja espátula própria para isso. Depois de tirada a porção que se quiser gastar em um ou dois dias, deve-se igualar a superfície quanto for possível, com a mesma colher, tornando a deitar-lhe por cima a salmoura que se terá tirado para uma tigela. Estas precauções são para a manteiga conservar o aroma que raras vezes conserva no barril, ainda a melhor que vem de Inglaterra ou da Holanda.

Como esta semana é fim de mês, bom será virem uns 25$000 réis.

Segundo me diz, vem na quinta-feira aqui. Falaremos acerca dos pêssegos que muito e muito agradeço, e do mais em que houver que parolar.

Vivas recomendações nossas à Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José e V. S.^{a} considere-me sempre como

Seu am.^{o} obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

Lisboa, 12 7.^bro [18]71.

Logo ao segundo dia de estar em Lisboa apanhei uma constipação de tal modo que aqui estou metido em casa a tomar suadouros, sem poder tratar coisa alguma. A Mariana também tem passado incomodada.

Recebi carta do Francisco com as notícias de Vale de Lobos, menos da morte da bezerra, que, segundo infiro, ainda se não tinha dado. São ossos do ofício. Parece-me acertado aproveitar o coiro para a obra da prensa. Estou persuadido de que resiste. Se não resistir, a todo o tempo se compra um par de piaçás. Comprar um coiro para muitos anos só valia a pena sendo muito barato.

Soube o meu procurador por um irmão do mestre do barco do Alfaiate, que este não vinha para baixo senão a semana que vem. É um grande transtorno, porque preciso da bilha que aí está para ir o óleo de carvão de pedra, sem o qual não posso assentar o segundo

cubo do moinho e fechar a parede da presa, sendo certo que logo que o rio traga água o Cordeiro há-de querer aproveitá-la. Se pois houvesse um barqueiro que viesse esta semana e partisse logo para cima eu pediria a V. S.ª o incumbisse de a trazer, encher e levar. Se não houvesse, pediria que a trouxesse na sua bagagem para eu a mandar encher e remeter pelo caminho de ferro.

Escrevi a José de Sá para saber se queria que lhe remetesse para lá, e como, o dinheiro que lhe pertence do que cobrei cá das últimas remessas de azeite fino. Nessa carta fazia várias recomendações para Vale de Lobos. Se aí aparecer alguém de lá, peço que lhe diga que no caso de ter o alveitar picado os tumores dos bois levem do Pereiro, onde o Joaquim disse que havia unto sem sal nem ranço, o que for necessário para a cura, comprando em Santarém a cânfora em pó necessária para a pomada canforada de dois ou três dias enquanto não chega a que talvez amanhã partirá daqui, num caixote em que vão outros objectos, pelo caminho de ferro. Que o Francisco se não descuide de pedir aos seus conhecidos que vão a Santarém que busquem sempre no correio se há carta para ele, mandando, além disso, o Joaquim um dia sim outro não;

o Joaquim ou quem o substituir, se ele se for embora. Que o Antunes trate de semear a erva da Beira na terra estrumada e cavada, se virem que o rio dá água para ela ser regada, o que é provável à vista do que tem chovido. Que, quanto à uva formosa, será bom, depois da água que tem caído, i-la apanhando aos poucos nos dias em que cozerem, metendo-a no forno depois de tirar o pão, para a enxugar bem, para o que é necessário que pouco mais esteja do que morno, e depois disso deixá-la sobre a palha, depois de bem catada dos bagos podres ou feridos. Que logo que chegue o óleo de carvão de pedra, para pintar o cubo, e o litargírio para lhe fazer o betume, o pedreiro largue tudo para se assentar o cubo, betumarem-se ambos, e tapar a pedra e cal não só o vão que falta, mas um buraco de bomba que há lá na parede da presa, e o carpinteiro que não levante mão do conserto do rodízio e das tampas dos cubos apertando com o ferreiro para fazer a ferragem para as ditas tampas, de que deixei o risco ao Francisco e mandando-a fazer ao ferreiro de S. Pedro se o outro se puser com vagares.

Fiquei com cuidado no que vem no fim do bilhete do Francisco a respeito de um boi doente. Doentes estavam ambos com tumores

no pescoço. Infiro que a algum deles sobreveio alguma novidade. É natural que José de Sá me responda, e que aí ache notícias a este respeito.

Isto de estar em Lisboa sempre é muito agradável! Longe do que me importa, para ter o gosto de ouvir bisbilhotar em coisas que me não importam para nada.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.ᵐᵒ
HERCULANO

[*A lápis, do punho de José Cândido dos Santos:*]

Os bois estão melhores. — O ferreiro vem sexta-feira. — A bilha para o óleo de carvão. — O pedreiro ficou entregue do recado. — Caixote vai hoje — Ficou entregue do recado das uvas. — Falar com respeito a venda do azeite. — A mina precisou escorada à custa do patrão. Água já corre no chão do milho.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 9.bro 6 [18]71.

Contávamos com partir daqui depois de amanhã, mas o tempo está tão mau que não sei se poderemos acabar amanhã os restos de arranjos e despedida. Assim, assentámos em transferir a partida para quinta-feira 9 no comboio da manhã, e por isso rogo o favor de prevenir o Patroni para nos ter o caleche na estação, visto que nos faria transtorno demorarmo-nos aí, e até podendo dar-se o inconveniente da chuva, ficando para outra vez a aceitação da sua amigável oferta.

Ainda desde que vim não pude pôr pés em casa de meu cunhado Galhardo a quem incumbirei o negócio do marido da Maria Josefa, recomendando em todo o caso que tenham cuidado com os documentos do homem.

Fez V. S.a òptimamente recomendar ao Francisco que não mandasse pedir dinheiro senão por escrito. Não é grande escriturário; mas a requisição pode fazê-la em breves pala

vras e quando lhe falte tempo, porque ele escreve de vagar, tem lá o José de Sá. Entretanto é inconveniente que desaparece com a minha ida.

O barco tem-se demorado aqui muito, pela dificuldade, segundo o ouvi, de vender o trigo que trazia. Ainda não recebemos aviso para irem para bordo as coisas que faltam destinadas a ir por aquela via. Nós pelo caminho de ferro só levamos bagagem. O barco, além dos objectos que já indiquei, há-de levar os dois caixotes do João Urbano com louça (voltando depois de vazios de Vale de Lobos para casa dele) e uma barrica de garrafas de cerveja inglesa, e também duas barricas que tenho tenção de mandar vazias ao Peixoto para ele mas mandar encher de pozolana no armazém do Cais de Santarém, e levar-mas também. Não sei se na carta anterior mencionei uma porção de pregos e uma pua que vão da loja do Tiago, e que ele me disse não poderiam caber em menos de duas alcofas. Com elas deve o Peixoto entregar um masso de parafusos da mesma loja, de que ele já tinha tomado conta na viagem anterior. Também lhe está recomendado que leve duas bilhas vazias que estão na Rua dos Capelistas e que são para vir azeite.

Se o Francisco mandar pedir dinheiro será bom que não vá. Eu levarei dinheiro suficiente, e talvez deixe aí algum. Escusa de se acumular em Vale de Lobos.

Por aqui fervem os defluxos e constipações com este mau tempo: Deus queira que por aí tenham evitado os seus efeitos. Eu e a Mariana recomendamo-nos muito à Ex.^{ma} Sr.ª D.ª Maria José, a quem muito e muito pedimos não vá à estação na quinta-feira se o tempo estiver húmido, para não desfazer o efeito dos banhos com imprudências e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

Herculano

P. S.

Se aparecer alguém de Vale de Lobos peço que mande recomendar ao Francisco que não me aproveite para azeite fino nenhuma azeitona de que tenha a menor desconfiança de que possa alterar-lhe a qualidade.

Il.^mo Am.^o e Sr.

Vale de Lobos, 8 Dez.^bro [18]71.

Aqui chegaram as encomendas. Agradecido pelo incómodo que com isso teve.

Agradeço igualmente o favor do seu convite. O Francisco espero que já aqui esteja na segunda-feira; mas vai comandar as mulheres a ajuntarem raspão no Cervato, e eu ando à testa de um troço de homens a dirigir certos trabalhos pequenos enquanto o Antunes anda nos maiores com o rancho maior. É preciso aproveitar o tempo estio, que não tem cara de durar muito, até pelo excesso do frio. Não seria isto causa para me embaraçar a ida, se não fosse esta negação quase invencível de me mexer de Vale de Lobos, e sobretudo o medo do frio a cavalo, que me incomoda muito, e nada girando a pé como aqui faço todo o dia. Podia ir a pé, mas não tenho calçado tinto e digno de ir *à cidade* próprio para marcha. Chamam os franceses a isto *as pequenas misérias* da vida.

Faz favor de dizer à minha patroa que recebi a sua carta e fico certo do seu conteúdo;

que não escrevo, porque, além desta, acabo de escrever ao José Basto, e três cartas de uma assentada é de mais para o amor que eu tenho a este género de ocupação.

Como ela tem tenção de vir na segunda-feira, que lhe lembro convirá ter o trem à porta logo depois do jantar, por duas razões: primeira, para evitar o frio do anoitecer; segunda, porque vindo de dia escusa companhia, e pode vir só.

Se levou a carta do Casal Ribeiro e escrever daí para Lisboa que não se esqueça de a mandar, para D.ª Antónia ver que se fizeram as diligências. Será bom notar que pela imprudência e leveza com que deram o lugar por vago, obrigaram-me a revelar o nome (inùtilmente) da pessoa para quem se pedia; o que era bem escusado não se obtendo.

Peço queira fazer os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e dizer-lhe que, se achou por cá frio, se agora estivesse em Vale de Lobos havia de achar obra mais bem acabada. Hoje pela manhã cedo o termómetro marcava apenas 9 graus acima de zero.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 11 Jan.ro [1872].

Tendo eu de voltar a Lisboa no princípio de Fevereiro assentámos em que a Mariana, que por causa do tempo pouco tem podido arranjar as suas coisas, ficasse em Lisboa, voltando eu entretanto a Vale de Lobos para dar impulso às coisas que se devem fazer necessàriamente neste mês.

Corto por tudo, e parto daqui depois de amanhã, sábado, no comboio da manhã, e por isso peço o favor de mandar um bilhete ao Francisco para que me arranje uma égua do José de Sá que me espere na estação à chegada do comboio.

Ponho aqui ponto, porque tenho muito que fazer.

Am.o

Herculano

P. S.

Acabo de receber a sua carta, que agradeço.

2.º — Se por qualquer acidente eu não puder ir, peço que volte a égua a esperar-me no domingo.

Il.^mo Am.^o e Sr.

Lisboa, 5 Fev.^ro [18]72.

Aqui estamos, a bem dizer, metidos na água, porque o ambiente que nos rodeia não sei se é composto mais de água do que de ar; nem as esperanças de que isto mude são demasiadas.

Ontem fui com o Dulac ao Campo Grande por causa de vacas. Não fizemos nada, porque nada havia, mas regalámo-nos de apanhar uma tremenda casaca de água. Não me fez mal, porque vim a pé desde meio caminho e me pus em enxuto logo que cheguei a casa.

Faço ideia de como os três estupores de Vale de Lobos aí chegariam do S. Brás, porque sei como estava o caminho, e experimentei como esteve a tarde do sábado, em que cheguei a casa do mesmo modo que ontem. Ao menos levou-lhes o diabo as sécias, o que não foi mau.

Também acredito que o Francisco o que quis foi ir à festa. Entretanto tinha-me já dito que fazia isso, para não apanhar inùtilmente laranjas, ou ter de as vender ao desbarato.

Com os barris de azeite que hão-de vir, virá uma bilha dele para o meu médico, que não me aceita dinheiro e que me trata até como enfermeiro, e não me devo esquecer dele, porque não o ocupo agora, o que Deus queira suceda por muito tempo. Fiz um bilhete para o Alfaiate saber para onde ia e para pagar os direitos e frete por minha conta. Ele sabe onde é, por já lá ter levado encomendas. É na Calçada da Muralha do Carmo à esquina da Calçadinha do Tijolo no 3.º andar (Dr. Abel Maria Jordão[1]). Não estou seguro de ter dado o bilhete ao Francisco. Peço por isso o favor de prevenir o Alfaiate.

Desejaria que tirasse do Francisco se ele ainda estava em casa quando as mulheres partiram, ou se estava o Domingos e se ficou, ou se abalou. O conhecimento dos factos a este respeito há-de-me servir a seu tempo.

De certo ir ver chover em Vale de Lobos é o mesmo que ver chover aqui, e ainda me

---

[1] Vid. p. 15, nota 2.

zanga mais estar vendo que nada se pode fazer. Além disso como o Imperador[1] já saiu de Paris, pode ser que [me] encontre com ele aqui, o que seria matar de uma cajadada dois coelhos, e talvez possa ainda ir ao mercado da Chamusca. Por isso o mais provável é estar por cá ainda alguns dias.

Fez excelentemente em recomendar ao Francisco que prevenisse a Isabel acerca do bagaço. Quando ele aí voltar pode o meu amigo dizer-lhe que a avise da minha parte que se me constar que torna a bulir no bagaço vendido a ponho no meio da rua, e ao nosso próprio porco deve dar-se algum melhor do das Quebradas, se é que se esqueceu de reservar uma porção para o de casa.

Eu não teria dúvida em dar mais do que os 1$200 a um bom criado; mas a questão é o ser bom e já não há que fiar em informações nem em nada. Exemplo a tal Emília, que não suponho com intenções de se dar *à arte*, mas ser já *da arte*. Assim, ao menos, fica-se logrado na fazenda, mas não no preço dela, como me sucedeu com um pedaço de tubo de guta-percha que aqui comprei da

---

[1] D. Pedro II do Brasil. Cf. a carta de 13-3-1872 ao Duque de Palmela, p. 29.

outra vez e em que me roubaram por ambos os feitios, embora em pequena soma. A propósito do que, diga ao Francisco que não se canse mais com o cano do sifão, porque há-de vir outro e esse fica para a casa de banho quando se fizer.

A Mariana tem passado muito melhor e muito se recomenda, assim como o

Seu am.º obrig.^{mo}

HERCULANO

P. S.

Se vir o José de Sá ou lhe escrever antes de ele vir a Lisboa, peço que lhe lembre a nota em que me falou para o Visconde da Lançada.

(Volte).

2.º P. S.

Reparo agora que na sua carta não se mencionam como idos pelo barco senão uma bilha com azeite de purgueira, a pozolana e a madeira. Mas no barco iam também um cesto com vários objectos miúdos (2 ratoeiras, um gral e 2 tachos de arame), um rolo de lona

embrulhando uns estores de janela e uma bilha de folha pequena vazia. Peço que veja não se tenham descaminhado[1].

---

[1] A seguir, a lápis, muito ténue, do punho de Santos: «fogareiro de ferro».

Il.^{mo} Sr.

Mandei dizer ao ajudante do Procurador Geral da Coroa que diligenciasse a expedição do negócio do homem de Abrantes. Espero que ele faça o possível. Ontem falei com o Procurador Geral da Coroa; mas ele é estranho perfeitamente a esses negócios judiciais, porque os entregou perfeitamente ao cuidado dos seus dois ajudantes, Visconde de Algés, e Seixas[1].

Na quinta-feira 8 mando daqui pelo comboio respectivo duas vitelas turinas e um vitelo. Tomo a liberdade de mandar meter a guia num sobrescrito a V. S.ª. Avisei para a Azóia a fim de estar aí quem os levasse; mas receio alguma trapalhada e que os animais fiquem aí ao desamparo e sem comer. Se vier

---

[1] Dr. Caetano de Seixas e Vasconcelos, o lavrador de Cancelos (Meda, Beira Alta), em casa de quem Herculano se hospedou, na companhia do Dr. Ferrer, a 14-8-1853, na sua viagem pelos arquivos do país. (*Scenas*, pp. XXVII-XXX e 192-197). O Procurador Geral da Coroa era Martens Ferrão.

buscá-los só um homem, far-me-á o favor de lhe arranjar quem o ajude a conduzi-los e José de Sá que lhe pague lá.

Desculpe a impertinência e creia que sou

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

[Lisboa] 3.ª f.ª 6 Fev.ro [1872].

Il.^mo Am.^o e Sr.

Lisboa, 12 Fev.^ro [18]72.

Está escrito que não posso demorar-me em Lisboa sem apanhar uma boa constipação. Há dois dias que estou em casa a curar uma não tão perfeita como a que tive da outra vez, mas sofrível.

Demoro-me, não por vontade de estar aqui, o que muito me aborrece, mas porque ainda quero ver se no domingo próximo o tempo me dá licença para ir ao mercado da Charneca, tratar da compra de uma vaca. Se vir na quinta-feira que há probabilidades disso escreverei para V. S.^a ter a bondade de avisar o Antunes para vir no comboio de sábado à noite, a fim de ir comigo, e levar directamente a vaca, se se comprar, à estação do Poço do Bispo ou dos Olivais e evitar a en-

trada em Lisboa, o que é um não acabar de passos e despesa.

O que peço torne a recomendar com a maior instância é que não dêem ao gado erva que estivesse debaixo da cheia. Eu tremo do *não tem dúvida* dessa gente. Se eu aí estivesse mandava-a cortar e lavar no chamado bebedouro das ovelhas, mas nem por sombras quero falar nisso estando longe. Antes me metam dois homens a limpar rama de oliveira se for necessário. Atendendo ao preço do gado, não perdi menos de 25 moedas no gado que morreu por causa da erva ennateirada.

V. S.ª fala-me na carne de porco que mandou ir: peço-lhe que nunca me dê satisfação dessas coisas, em que V. S.ª é melhor piloto que eu, porque as pensa com mais resguardo. Nessas coisas de azeites e vinagres sou uma lástima. De uma vez para sempre, tudo o que V. S.ª ordenar neste assunto está muito bem ordenado.

Deus queira que o José de Sá não se descuide de envasilhar o azeite que há-de mandar-se e que sobe a 33 almudes, cuja importância se há-de receber logo e que é portanto dinheiro realizado, sendo dele talvez metade. Digo isto, porque ele, como sabe, é descuidado até nas coisas do seu mais particular interesse. Se o

Francisco aparecer por aí amanhã, que volte logo a apertar com ele, de modo que se não perca a viagem do barco.

Peço também que recomende ao Alfaiate para me levar do armazém de ferro dos Fernandes, no Pelourinho, uma chapa de ferro cortada em três pedaços que lá tenho comprada, as quais devem ficar em casa do ferreiro de S. Pedro para se fazer uma obra que eu direi quando for.

Se o José de Sá não vier a Lisboa (tinha-me dito que vinha a semana passada) peço que lhe mande dizer ou diga que me remeta as notas do azeite que está agora em dívida dos Mendes, e do que vem para o Martins e para o Enes, a fim de eu mandar cobrar a importância.

Lembro a V. S.ª que seria bom ir deitando inculcas para uma criada do meio, visto que a Emília se vai decididamente embora, o que não é grande desgraça.

Verei se descubro alguma avaria e pedir-se-ão os sacos, se a houver, ao Alfaiate.

Sabe que não tenho relações pessoais com o Fontes; mas procurarei alguém que as tenha para recomendar o memorial do Sr. Tavares, ainda que ele não venha muito em termos de se apresentar ao ministro.

Peço os meus cumprimentos e da Mariana para a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José e V. S.^{a} creia-me

Seu am.^{o} obrig.^{mo}

HERCULANO

P. S.

Peço desculpa do papel, que só reparei estava escrito quando voltei a página[1].

---

[1] O que se lê na 4.^{a} pág., invertida, é, de outro punho: «Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. / Constou-me agora mesmo».

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa, 15 Fev.ro [1872?].

Esta serve para acusar a recepção da sua carta de ontem, e dizer-lhe que fico ciente do seu conteúdo.

Hoje o dia apareceu muito melhor, posto que ainda não seguro. Quando esta chegar estará provàvelmente V. S.a já de volta de Vale de Lobos e da Azóia, mas é provável que apareça de lá alguém até sábado pela manhã para mandar ordem de vir o Antunes no comboio da noite, no caso de não estar o tempo de chuva cerrada. É melhor vir por aí para lhe dar dinheiro para o caminho de ferro de que ir pedi-lo ao Francisco.

O José de Sá vejo que vem a Lisboa, mas não sei se irá a tempo de dar este recado.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me

Seu am.o obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Lisboa, 19 Fev.ro [1872].

Acabo de receber a sua de ontem, que agradeço.

Ontem estive no mercado e comprei uma vaca e o Dulac outra, as quais o Antunes devia conduzir até à estação de Sacavém para aí as meter num vagão que o Dulac alugou aqui para conduzir outras que já tinha comprado. Depende do embarque destas o das outras, e por isso não sei se o Antunes chegará hoje ou amanhã.

Quanto à nossa ida, está fixada para a próxima quinta-feira 22. Agradecendo muito e muito o seu convite, nada posso dizer de positivo, visto que a chuva continua. Se o tempo estiver chuvoso, e de lama, não desejo que a Mariana esteja com os pés húmidos até a tarde ou apanhe uma molha, para o que não tem saúde, e nesse caso peço o favor de fazer estar o trem à nossa espera na estação, a fim de irmos em direitura dali para Vale de Lo-

bos. No caso contrário aceitaremos o seu favor. Na dúvida, bem sabe que é inútil sair do ordinário: eu não saio da sopa e dos bifes (até agora, os meus rins não me dão licença de beber vinho) e a Mariana, que anda em uso de remédios, está no mesmo caso. Assim, com uma pouca de carne mais, que, se não se gasta hoje, fica para amanhã, está prevenido para os hóspedes e para a falta deles. Esta franqueza sobre questões de azeites e vinagres é lícita entre nós.

Pedimos muitas recomendações para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, e o resto fica para a vista, evitando o encher mais papel.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 6.ª f.ª 15 Março [1872?].

Dou-lhe as boas vindas pela sua chegada sem novidade, embora com o desgosto do incómodo da Ex.^{ma} Sr.ª D.ª Maria José. Ainda bem que o Pedroso entende não ser coisa de cuidado. É verdade que nem por isso deixa ela de padecer.

Agradecemos o mimo do pão que, para barrões, acostumados à amassadura doméstica, é belo. Para uso contínuo não sei se a saúde o agradeceria. Por excepção e como gulodice é de estimar.

O que eu desejava eram dois foles para mandar construir dois enxofradores por um sistema que reputo melhor que nenhum. Estes podem servir assim, e talvez dar-se-lhes uma volta. Como quatro enxofradores não são de mais, virão quando calhar dois simples foles para fazer os outros. Não vale a pena de recambiar os que vierem. Recebi junta-

mente a fita e o metro e agradeço o cuidado. Deixei uma nota de várias sementes de horta de que precisava para o procurador mas comprar, e não sei se mais alguma nica. O que sei é que não recebi nada, nem me dizem nada. Só cá chegou aquilo que V. S.ª teve a bondade de tomar a seu cargo. Tinha lá deixado também uma carta e umas medidas para o Dulac, sobre o que ele me devia ter escrito anteontem. Silêncio absoluto. Creio que não lhe entregaram nem mandaram tais coisas. A gente da sua actividade e pontualidade é mui rara.

Uma vez que há tão boas antecedências e informações de tal criada a Mariana aceita-a com a condição de não lavar casas (para mim é a mais admirável qualidade que ela tem). Que seja de meio ou da cozinha serve, porque a Jacinta, a pretexto de se tratar, lá anda por Santarém, e apesar de ela se não ter despedido, nem levado o baú, estamos convencidos que não voltará.

Diz a Mariana que o saco dos presuntos está na lavadeira, que vai o que veio ùltimamente e quanto ao azul não tem ideia de ele cá estar.

Com o pagamento do portão de ferro e duas libras à conta do lajedo para o lagar do vinho

dei cabo do pouco ouro que tínhamos trazido, menos uns 30$000 réis em moedas de 5$000 réis que a Mariana gosta de guardar. Sempre é bom ter algumas libras à mão: queira por isso mandar-me cinco ou seis, e uns 20$00 réis em prata para as despesas e férias, que chegam com o que está cá.

Quando puder não se esqueça dos seus papéis higiénicos.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

Esta vai pelo Francisco. O rapaz irá no sábado com a canastra.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 26 Março [1872].

Sinto que os incómodos da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José tenham continuado com a intensidade que me diz. No meio, porém, desse mal há um bem, e é que eles indicam não estar a origem do mal no peito, mas na região inferior do tronco. Tenho sempre ouvido dizer aos médicos que as doenças da cintura para baixo incomodam mais e assustam mais os doentes, mas são incomparàvelmente menos perigosas em geral do que as da cintura para cima.

Vão as carretas para trazer as encomendas do barco, e levam 6 sacas de grossaria para o arrais entregar no armazém de ferro do Fernandes ao caixeiro António Domingues, da minha parte, dizendo-lhe que lá irá o meu procurador falar com ele. Deve também prevenir este de quando o barco volta para cima porque tem de trazer uma encomenda de carvão e ferro.

Do dinheiro podem vir 40$000 réis porque fica já para pagar as soldadas no princípio da semana que vem.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo^

HERCULANO

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Março [1872].

Não são boas essas contínuas oscilações na saúde da Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José, que indicam uma causa permanente de perturbação, e parece-me que ela não deve por caso nenhum arriscar-se às intempéries deste mês, que geralmente é agreste, mas que este ano, vai péssimo.

Aqui se receberam os presuntos, que foram logo preparados para o fumeiro visto não estarem ainda devidamente curados.

Depois de amanhã vai para o caminho de ferro um casco de azeite. Parece-me que os tachos virão menos arriscados dentro de um cesto ou sobre uma pouca de palha na carreta do que na jumenta.

O saco dos presuntos foi por um dos carreiros do Cordeiro.

O carvão foi um pouco que o Jacinto mandou vir, por se ter acabado o meu. Estou à

espera de que ele me traga uma nota de certa porção de ferro que é aqui precisa para escrever ao meu procurador a fim de que compre no armazém dos Fernandes o dito ferro, e ao mesmo tempo carvão para vir tudo junto no barco, ou se urgir muito, no caminho de ferro.

Quanto a dinheiro, faz favor de mandar os 20$000 réis em prata.

De V. S.ª
am.º obrig.mo e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] Março 28 [18]72.

Sinto que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José passasse incomodada do peito; mas, como já lhe disse, estou persuadido de que todos esses incómodos são sintomas de uma única doença sem gravidade, mas que nem por isso aflige menos a quem a sofre. Nós os homens não podemos apreciá-la senão por conjectura.

Se não tiver comprado hortaliça nem peixe, diz a Mariana que fará favor de não comprar para hoje, bastando arranjar peixe para outro dia em que isso caia a talho de foice.

Vão as outras duas botijas para vir a aguardente com a qual e outros elementos se comporá logo bebida para a metedura de bacelo e depois para a cava da vinha.

Agradecemos o lombo, que ainda não provámos, porque se não pode ainda hoje assar.

O arroz vem muito a tempo, visto que os homens estão a 300 réis e por este preço não me convém fazer nada.

O lavatório remedeia muito bem.

O rapaz vai hoje por causa da carne, porque não sendo muito boa a de ontem, e esperando hoje alguém de Lisboa a Mariana quer estar prevenida.

Pergunta ela se há já alguma notícia definitiva a respeito da criada. A da cozinha não parece má.

No domingo é fim de mês; mas havendo-se recebido algum dinheiro de vendas e sendo pequena a féria da semana, basta que venham 20$000 réis (vinte).

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Março 30 [1872].

V. S.a não quis que os meus hóspedes de anteontem fossem daqui sem saberem o que pode Santarém a respeito de ovos e açúcar! Não sei se a propósito de 62 anos valia a pena de tal profusão[1]. Em todo o caso agradeço cordialmente a sua amigável lembrança.

Tenho-me visto hoje abarbado com trabalho de pena, sobretudo com cartas. Esta faço-a depois da meia-noite, e por isso já a dato de 30. Fica para mais vagar escrever mais extensamente.

De V. S.a
am.o obrig.mo

Herculano

---

[1] Agradece a José Cândido dos Santos um presente destinado à mesa do dia de anos. É a alusão aos 62 anos que permite datar a carta. Herculano n. a 28-III-1810.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Vale de Lobos, 6 Abril [18]72.

Estimei a sua carta pela notícia das melhoras da Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José, cujo recado dei. Creio que a Mariana lhe escreveu ou escreve directamente. O rapaz não foi ontem porque teve de ir na quinta-feira buscar carne, e não havendo coisa de urgência, desarranjava cá um pouco o serviço ir ele três dias a fio a Santarém. Quanto a dinheiro, trouxeram-me de Lisboa algum que por lá se tinha recebido, e longe de precisar mandá-lo vir daí, tenho uma porção dele já de parte para fazer o favor de mo levar para lá quando por aqui aparecer. Quanto à criada, bem desejo a conclusão deste negócio. Pode supor porquê.

O estrangeiro era um polaco emigrado que estava em Sevilha e que escrevia num jornal republicano. Creio que se adiantou com a canzoada, e como os governos em Espanha não são tão macios como os nossos, puseram-no a andar. O homem, pelos papéis que vi, tem relações com certos patriotas de Lisboa, onde

esteve há anos, e vai ver se obtém viver ali de dar lições de francês e de alemão. Pelas alturas de Abrantes achou-se sem vintém, e como eu sou uma espécie de cão ruivo para os patriotas de cá e ainda de fora, lembrou-se de procurar onde era Vale de Lobos. Lá me apanhou uns vinténs, porque em estes diabos de emigrados revolucionários topando comigo, lembro-me logo que o fui também no meu tempo, e caio sempre como um pato.

A respeito da criação, por ora não é precisa, e para não estar a sustentá-la até o ser, parece mais prudente adiar este negócio.

Quanto à jumenta, fiz meus entes de razão se lha devia mandar hoje, ou no domingo pela manhã. Reflecti que era melhor ir hoje e ficar lá no palheiro do seu vizinho, porque partirá assim às horas que quiser, e não ficará dependente do rapaz acordar mais cedo ou mais tarde, arriscando-se a vir com sol muito alto, o qual já hoje achei suficientemente quente.

Os meus cumprimentos à Ex.ma Sr.a D.a Maria José; e sou

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 12 Abril [1872?].

Tenho andado tão atrapalhado com hóspedes e negócios desagradáveis em Lisboa que pouca atenção tenho prestado às coisas daqui. Entretanto não me esquecerei de lhe agradecer o ter ultimado a questão da palha, pagando ao homem. Eu temia que ele se fizesse grave, porque as coisas saem mais caras nesse caso, por via de regra.

Desejaremos que nos dê notícias mais agradáveis do estado da Ex.ma Sr.a D.a Maria José. A Mariana está com tenção de aproveitar a ida de José de Sá a Lisboa esta semana para o tomar por companheiro. Mas tem riscado ir daqui algumas horas antes do comboio para visitar a Ex.ma Sr.a D.a Maria José.

Não sei se o sr. Nunes já avisou de ter recebido os 200$000 réis que mandei lhe entregassem. De Lisboa disseram-me que isso se ia fazer, há dias; mas nada mais sei.

Quanto a mais palha, por ora quero ver se atrapalho o negócio com aquela rede, visto não estar ela muito barata. O Vicente da Póvoa sei que a tem; mas deste, receio muito que não me diga o preço, nem aceite dinheiro, e por isso tratarei de evitar essa colisão.

Sou de V. S.ª
am.º obrig.mo e c.

A. Herculano

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Vale de Lobos, 16 Abril [18]72.

Pelas viajantes e pelos viajantes soube ontem que tencionava dar amanhã um passeio até Vale de Lobos.

Como teremos então ocasião de falar inútil é escrever. Esta é só, por isso, para saber como passou a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José, que admirei ter resistido no domingo à atracção do Santo Milagre, e para lhe pedir me mande ao competente cirurgião o meu *galego*[1] que remeto e cujos ossos ontem completamente se desconjuntaram. Espero recomende façam a cura forte, de modo que o tal galego resista à dura vida a que está condenado.

De V. S.^{a}
am.^{o} e c. obrig.^{mo}

Herculano

---

[1] Guarda-chuva.

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Abril 30 [1872?].

Aqui chegou a madeira e agradeço o cuidado. As carretas não foram mais cedo porque recebi a sua carta à uma da tarde, e os bois estavam por pensar.

A Mariana escreve também por causa da direcção de uma carta para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, de quem desejaremos venham notícias de mais positivas melhoras.

Apesar de ainda aqui restar algum dinheiro, além de cava de vinha e sacha de batata e milho, fim de mês, e provàvelmente conta de cantaria para o lagar, será bom virem de prevenção uns 40$000 réis em prata e cobre.

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 4.a f.a 8 Maio [1872].

Ainda bem que na notícia do novo incómodo da Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a coisa ficou sòmente em susto. Deus queira que haja cautela para o facto se não repetir; mas as cautelas e a previsão não são o forte das Senhoras.

Como vem amanhã limito-me a dizer que peço o favor de trazer uns 40$000 réis, podendo vir em ouro 3 ou 4 libras, para não lhe carregar tanto a algibeira. Os jornais de gente são poucos; mas quero estar prevenido para a conta do lajedo e cantaria do lagar, de que só adiantei 2 libras, e que talvez venha esta semana.

Como sempre

De V. S.a
am.o obrig.mo e c.

Herculano

Il.^mo Am.° e Sr.

[Vale de Lobos] Domingo 12 Maio [1872].

Recebi aqui uma circular impressa da Comissão que dirige o Asilo de Infância de Santarém na qual se pedem auxílios para o dito Asilo. É tesoureiro o Sr. Alexandre Marques Sampaio. Não conheço os estatutos e da circular não se infere precisamente se pedem cotas anuais, se uma dádiva única. Peço o favor quando for a Marvila (não é preciso ir de propósito) de falar com o Sr. Marques Sampaio e saber dele a qual das duas coisas se refere a circular. No 1.° caso darei o mesmo que já dou para os Asilos de Lisboa e para um de Belém, 1$200 réis anuais. No 2.° caso peço o favor de lhe entregar uma libra da minha parte.

A Mariana cá recebeu as escápulas.

Quando houver resposta de Abrantes desejaremos saber o que há; porque é impossível que a Júlia pare muito sem se despedir. Já

fala em que seria conveniente haver outra criada. Creio que ela reservaria para si, nesse caso, o trabalho de comer e dormir.

Folgaremos de saber que recebeu notícias agradáveis da Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José. Sou como sabe

Seu am.^{o} obrig.^{mo}

HERCULANO

Sobrescrito: «Il.^{mo} Sr./José Cândido dos Santos/ /R. do Caldeira a S.^{ta} Catarina/N.º 30/Lisboa».

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

Vale de Lobos, 28 Maio [1872].

Espero que a minha terra nesta sua breve demora lá lhe tenha subministrado aquelas diversões que tão agradáveis são para quem da província lá vai estar alguns dias, mas que para quem lá vive se tornam por fim indiferentes ou antes aborrecidas. Folgarei em saber que as melhoras da Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José lhe têm consentido gozá-las sem nuvens de desgosto.

Nós por aqui vamos como velhos. A Mariana com o seu incómodo do estômago. Eu com estes brônquios e bexiga que começam a não prestar para nada. São as condições de quem vive até tarde. Não há que queixar.

Junta achará uma autorização para receber mais do Martins a importância de um casco

de azeite que ele mandou ir para o Poço do Bispo pelo caminho de ferro. Já agora tenha paciência porque desse dinheiro são do José de Sá 76$500 e a ele de certo fará conta recebê-lo por ocasião da sua volta.

Pedia também o favor de me comprar uma onça de semente *de repolho de pé curto* num homem que vende plantas e sementes na Rua do Ouro, no 2.º quarteirão da direita vindo do Terreiro do Paço.

Como naturalmente gira pela Baixa, far-me-ia favor de indagar nas diversas lojas de ferragem que lhe parecer o preço de cada caixa ou meia caixa de folha grande dobrada, e também o preço da folha grande delgada, e quantas folhas tem a meia caixa ou caixa. Esta pergunta procede de que as coisas vão pintando para termos boa safra de azeite.

Provàvelmente nada quer destas brenhas quem está na corte, mas se quiser diga-o ao

Seu am.º obrig.mo

A. Herculano

Sobrescrito: «Il.mo Sr./José Cândido dos Santos/ /Rua do Caldeira a S.ta Catarina/N.º 30-1.º/Lisboa».

IL.MO AM.º E SR.

Vale de Lobos, 1 Junho [1872].

Aproveito a ida do Domingos para Santarém e limito-me a duas linhas sobre o negócio da folha.

Não sei ainda o que sucederá ao azeite que ainda está em perigo. Entretanto é necessário prevenir, não tanto por se comprar mais caro ou mais barato, mas porque na ocasião pode não aparecer por nenhum preço. A elevação do da folha não é por ora devida ao azeite. É à elevação do preço do ferro e do carvão. O ferro subiu 25 p. c., que é proporcionalmente o mesmo que vejo ter subido a folha.

Tenha por isso a bondade de me comprar uma caixa da folha grande (100 folhas) e meia caixa da pequena (cruz) (112 folhas).

Esta resposta deve chegar aí amanhã (domingo) e por isso muito a horas do vendedor cumprir a palavra quanto ao preço.

Am.º obrig.^mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] Domingo 9 Junho [18]72.

Pela sua última carta de Lisboa devo supor que chegou ontem a Santarém e que provàvelmente o acompanhou a Ex.ma Sr.a D.a Maria José, a quem a Mariana escreve.

Como me avisava que amanhã viria fazer uma das suas excursões a estes sítios escusado é ser extenso nesta carta, porque teremos ocasião de falar, embora tenhamos nesse dia provàvelmente umas visitas de Lisboa que suponho passarem hoje em casa de António Marques Sampaio, e que são de maior intimidade da Mariana do que da minha. Andaremos assim mais à solta para conversar.

Cá me tenho governado com o dinheiro que havia em casa. Peço o favor agora de me trazer 40$000 réis, sendo pouco mais ou menos metade em prata.

O dinheiro do José de Sá é:

De 1 remessa em 14 de Maio (131 ½ litros) 39$450.

De dita em 25 de Maio (255 litros) 76$500.

É uma continha de que ele podia meter na algibeira mais de metade sem escrúpulo porque o favor é a ele e não à casa, mas que irá integralmente para o sorvedouro logo que a receba.

Até amanhã.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Junho [18]72.

Estimarei receber notícias das melhoras da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José e de que V. S.^a continua a disfrutar a sua habitual saúde, que quase chega a ser escandalosa.

Tenho tido uma semana assás atrapalhada com a doença do carpinteiro. Está quase acabada uma carreta nova para trazer não só a madeira mas também a bomba para esgotar e empedrar o poço, além de outras coisas que estão para vir. Veremos se arranjo acabá-la outro carpinteiro. Não me fio na velha para carretos longe e pesados.

Êsta semana trago 2 valadores, dois cabouqueiros, 2 pedreiros, etc. É preciso aproveitar o tempo. O Verão vai a fugir. Custa-me já a correr toda essa via sacra mas felizmente vou melhorar da minha gosma.

O que me atrapalhou hoje foi a visita de

um brasileiro que trouxe o papagaio prometido à Mariana pelo P. de Campos [1].

Tem-me vindo muita cal e é possível que venham buscar o imposto. As férias também devem ser pesadas. À cautela, peço o favor de mandar 50$000 réis.

Am.º e c. obrig.mo

P. S.

Peço alguma prata com miúdos ou cobre.

---

[1] Monsenhor Pinto de Campos. Vid. p. 89, nota 1.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 5.ª f.ª 11 Julho [1872].

Faço ideia que esta semana tem tido com que se entreter, e sem dúvida com que se zangar mais de uma vez, visto ter obreiros em casa. Que farei eu há tantos anos!

Vão para os respectivos facultativos dois enfermos; o relógio, que ora anda, ora pára (suponho que será sujo) e o meu guarda-chuva mestre, que tem uma das escoras de ferro quebradas. Basta que o meu amigo indique ao rapaz aonde os há-de ir levar.

Esta tarde poderei enfim começar a fazer transportar para aqui a madeira. Se quiser, pode ir o rapaz por aí com a carreta, ou mandar-me dizer o sítio onde estão guardadas para ele lá ir ter directamente.

Creio que esta semana será de sobejo virem uns 30$000 réis.

Nós por aqui vamos um pouco *marafujos,* como se diz cá nos Bairros. Em Lisboa diz-se

andar com a pevide, o que é injustiça da natureza, porque a consciência não me acusa de ter sido muito galinha quando moço, para ter pevide depois de velho.

Estimarei que a Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José continue com melhoras e V. S.^{a} com essa boa saúde que parece ter tomado de arrematação.

Am.^{o} obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 21 Agosto [18]72.

Tive de acabar esta noite uma carta assás extensa para o Imperador do Brasil e resta-me pouco tempo para esta. Mandei ontem buscar uma rede de palha, hoje uma carrada de estrume ao Patroni e amanhã de tarde o tonel há-de vir se não houver transtorno. A outra rede mandarei buscá-la quando apanhar algum homem que vá com o que leva os bois para o ajudar a carregar. O Pedro, que foi da outra vez, maltratou-o de tal modo o turino que não sei quando poderá trabalhar. Os transtornos quanto à gente vêm-me todos os dias.

Esta semana não preciso de dinheiro porque o José de Sá trouxe-me o meu quinhão do preço de um casco de azeite que foi há pouco para o Martins. Esses 40$000 réis em notas peço o favor de os guardar lá para os trocar quando houver ocasião.

Provàvelmente e pela carreta que for buscar o tonel, mandarei a encomenda da fruta para casa de meu cunhado, que entrego ao seu cuidado.

Peço os meus cumprimentos para a Ex.^ma^ Sr.^a^ D.^a^ Maria José, cujas melhoras cordialmente desejo.

Sempre seu

Am.^o^ obrig.^mo^

HERCULANO

Il.^mo Am.° e Sr.

[Vale de Lobos] 29 Agosto [1872].

Tenho andado tão preocupado com coisas daqui e do mundo (que parece já se devia ir esquecendo de mim) que só agora me oferece ocasião de responder à sua pergunta sobre o imposto municipal Quanto ao vencido não há senão pagar. Quanto ao futuro, se os outros proprietários pagam para o concelho a 8.ª parte da contribuição geral directa, não tenho de que me queixar. Se não pagam assiste-me o direito de gritar e hei-de fazê-lo, citando o nome dos favorecidos; porque não receio que me não elejam coisa nenhuma. É a mesma questão da côngrua do páraco para a qual me lançaram seis mil e tanto. São questões que guardo para quando estiver mais desocupado.

Esta semana será bom virem uns 30$000 réis, porque embora cá tenha ainda dinheiro para as despesas ordinárias (que aliás são agora maiores) é no sábado fim do mês.

Estimarei que a Ex.^{ma} Sr. D.^{a} Maria José esteja livre dos seus incómodos. Não falo do amigo, visto ser o arrematante da boa saúde.

De V. S.^{a}
am.^{o} obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] Setembro 18 [18]72.

A carta que escrevi ao Aguiar [1] e que mandei pelo criado voltou pelo mesmo caminho, porque o homem tinha partido doente para a Madeira. Não sei quem o ficou substituindo. É natural que o seu amigo o saiba. Talvez seja pessoa conhecida. Bom era vir o nome; a não ser que as mudanças que se iam fazer ficassem adiadas até à volta do Aguiar.

Estimo que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José vá melhor. Tenho ouvido maravilhas das águas de Vidago em certas afecções de estômago. Desejarei que neste caso elas mostrem mais uma vez a sua virtude.

Já suprimi com o quinino as ameaças das quartãs e espero amanhã ou depois começar os banhos.

Junto achará uma ordem de 150$000 réis

---

[1] António Augusto de Aguiar. Vid. p. 66, nota 1.

que terá a bondade de cobrar quando lhe fizer jeito. Deste ou do dinheiro que lá está peço o favor de dar a José de Sá 30$600 que lhe pertencem na importância de uma porção de azeite que veio ùltimamente para Lisboa.

Peço que quando vir o Francisco lhe recomende o seguinte:

Oito dias depois de entrar no balseiro para curtimenta o vinho novo, ele deve prová-lo tirando uma gota com o sifão de guta-percha. Se tiver sabor a vinho bem pronunciado, algum travo e estiver claro ou quase claro deve passá-lo para o tonel espremendo pouco a baganha e deitando esta com água no balseiro em que se fez o ano passado o vinho branco para se fazer a água-pé. Feita esta, é que a baganha se deve espremer a valer para ela ficar boa. Se o vinho não der prova aos 8 dias, vá-o provando todos os dias até o achar em estado de o passar para o tonel. Que não se debruce nunca no balseiro, sem primeiro agitar bem o ar que está dentro com uns ramos, tendo a boca e o nariz virado para o lado. É coisa que lhe recomendo muito, porque é perigoso respirar o gás-ácido carbónico que anda ao de cima de vinho enquanto ferve.

Os oito dias de curtimenta ou os mais que forem deve-os aproveitar em trasfegar o vi-

nho do ano passado, tanto o tinto (se este se conservar livre do ácido como o achámos quando ùltimamente o provámos) como o branco, para os garrafões de grés e se não chegarem devem estar ainda na Azóia 10 ou 12 que são meus. Se o branco ainda estiver um pouco turvo, pode clarificá-lo com as claras de 2 dúzias de ovos (cujas gemas as moças aproveitarão). Para isto deve batê-las muito bem numa bacia ou alguidar com uma porção de vinho (3 ou 4 canadas) que tirará com o sifão pelo batoque, botando a mistura depois dentro com uma vara de modo que esta não chegue ao fundo. Então deve deixar em descanso alguns dias e quando vir que está claro, trasfegá-lo.

As quartolas do vinho tinto devem ser logo bem lavadas e enxofradas, e bem assim o casco em que está o branco (se se puder despejar a tempo) para ficarem de reserva, bem como 2 ou 3 garrafões também enxofrados, porque não sabemos o vinho novo que sobejará depois de se encher o tonel. A água-pé deve arrumá-la nas vasilhas ou vasilha que lhe ficar depois de alojado o vinho.

Previno tudo isto, porque começando os banhos só amanhã ou depois não sei quando me poderei ver livre desta maldita Lisboa.

Peço também que diga ao Francisco que, dado que os carpinteiros achem muito tortos os paus de choupo para o madeiramento da casa do depósito de bagaço, façam este com os paus de castanho mais curtos e delgados e não me estragando nenhum dos mais compridos e direitos, salvo um no pau de fileira. Que olhe por isto, porque os carpinteiros são largos em estragar madeira. Os paus de choupo (que são os tirados do palheiro) podem dar os níveis, e o resto eu o aproveitarei a seu tempo.

Acabou-se o papel.

Am.º e c.

HERCULANO

Il.[mo] Am.[o] e Sr.

[Lisboa] 7 8.bro [18]72.

Não pude satisfazer à sua indicação de estar lá hoje a minha resposta, porque quando a sua carta aqui chegou (conforme sucede sempre) foi das 11 para o meio-dia, horas a que eu já estava em Lisboa, aonde me foi indispensável ir. A coisa não teve, porém, inconveniente, porque eu estou mais inclinado a guardar a marrã para gasto doméstico do que a vendê-la. Segundo me informa o Soure[1], o Alentejo não tem bolota, e os espanhóis

---

[1] Joaquim Filipe de Soure (1805-1882), grande lavrador de Évora e homem de Estado. Presidente da Câmara dos Deputados, par do Reino (1861), Ministro da Justiça com Palmela (Fev. 1842 e Maio 1846) e com Saldanha (Maio 1851). Abandonando a política, consagrou-se à lavoira (herdades de Cabida, Évora), entrando numa parceria que explorou o Calhariz da Arrábida, da Casa de Palmela, com Luís Teixeira Homem de Brederode, tio do 3.º Duque, e com Herlano, que figurou como arrendatário e eles como fiadores (22-11-1854). O arrendamento era por nove anos (Jan. 1855 a Dez. 1863) e 800$000 réis anuais.

têm vindo comprar os porcos magros para os engordarem a trigo. Do distrito de Évora já têm saído mais de 1.000 para esse fim. Assim a carne deve vir a estar cara e embora a da marrã não seja tão boa como a de montado, para os rapazes serve bem, e talvez se venda melhor um dos que vão ser engordados com a bolota dos carvalhos.

Relendo agora a sua carta é que vejo que me enganei; que vai a Vale de Lobos na quinta-feira e não na quarta. Por isso esta chegará a tempo.

Peço, visto o José de Sá ter abalado, que diga ao Francisco que no caso de ele não ter arranjado a aveia, como prometeu, que a procure ele em Santarém. Pelo modo, quem costuma tê-la é o Fernando dono do barco. Supondo que não a tenha, poderá talvez mandar recado ao arrais para que a leve de Lisboa. O Francisco verá os alqueires que são precisos.

A fruta aqui chegou a salvamento. Como a carta e a guia se receberam aqui perto do meio-dia, não mandei logo porque tinha ideia de que não se despacha nada nos domingos depois do meio-dia, e não quis mandar o moço debalde. Foi na segunda-feira. As pêras mais maduras sorvaram. O Francisco ainda não

tem experiência do estado em que se deve apanhar a fruta que há-de ir para longe, nem isso admira. As uvas chegaram em excelente estado. Das azeitonas britadas nada digo, porque não gosto. Há umas que não são más para isso, as mançanilhas: dessas temos só uma árvore pequena, mas o Antunes é que sabe onde ela é (ao pé dos pinheiros que bordam a estrada real; na rampa que desce para o pomar novo). Tinha algumas: não sei se lhe caíram.

Esta é escrita a fugir porque tenho aqui visitas. Desejarei que a Ex.ma Sr.a D.a Maria José enfim se resolva a restabelecer-se de todo, visto que na sua idade é isso possível. Queira dar-lhe recomendações de nós todos.

De V. S.a
am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 20 — 8.bro [1872].

A carta do Martins refere-se à que eu lhe tinha dito que ia escrever. O homem supôs que eu tardasse em fazê-lo. Portanto o azeite pode partir.

Como o José de Sá estava aí, não sei se virá misturado algum da Azóia. Em todo o caso a nota que me vier para se cobrar o dinheiro deve dizer simplesmente *Tantos litros de azeite fino de Vale de Lobos remetidos ao Il.mo Sr. Jerónimo Martins em tantos de tal na estação do Poço do Bispo.* Se não vier assim, peço a V. S.a que a inutilize e faça outra.

Eu tinha dito ao Antunes e não sei se ao Francisco que declarassem ao rancho que para mim era indiferente pagar todas as semanas ou no fim; mas os que quisessem receber às semanas haviam de deixar a primeira em dívida, porque era este o meio de não desertarem quando lhes parecesse, como sucedeu

o ano passado. A condição devia ser-lhe imposta quando se ajustaram. Vejo pelo bilhete do Francisco que isto se não fez. Agora é fácil dizer que não houve quem aceitasse a condição; o que não é fácil é eu acreditá-lo.

Como me dizia na sua última que o rancho passava do pousio da folha da Preta para o Reguengo peço que recomende que logo que esteja ali (no Reguengo) desembaraçada uma porção de oliveiras falem com os limpadores para começarem imediatamente com a limpeza, que se deve reduzir a desensaiar por dentro as árvores e a recuar apenas algum braço que esteja muito desarvorado ou seco. Prevenidos assim, eles sabem bem o que hão-de fazer.

Não sei quando poderei ir daqui porque a coisa não depende só de mim. Entretanto diligenciarei que não passe da próxima semana.

Se o pedreiro também não for esta semana peço a V. S.ª que lhe diga de viva voz ou por escrito que não continuando a trabalhar em Vale de Lobos senão quando lhe convier, que pode procurar sua vida.

Pedi ao Soure que me mandasse fazer um par de rodas de carreta em Évora para servirem de modelo. Tenho tenção de as mandar desmanchar em chegando a Vale de Lobos pe-

los carpinteiros que fizeram a nora, para verem bem como é a copa, os entalhes, as pinas, etc. Têm habilidade e estou persuadido que aprenderão a fazê-las bem feitas. É o único meio de não estar preso ao José Constantino, que, em vez de se aperfeiçoar, cada vez as faz pior. As do Alentejo duram anos e anos. As daí estão sempre a escangalhar-se. O carpinteiro é barato; mas que importa, se no fim o trabalho me sai mais caro? São economias de pernas para o ar.

Desejarei que as melhoras da Ex.ma Sr.a D.a Maria José não sejam ilusão. Entretanto a medicina hoje reconhece que o estado moral do doente contribui para a cura. Bom é que ela se persuada de que está melhor, tanto mais se a moléstia é, como me persuado, uterina e nervosa.

São horas de deitar a carta na caixa para ir hoje.

De V. S.a
am.o e c.

HERCULANO

P. S.

Encontrei um dos Martins: disse-me que já tinham recebido as botijas, o que não sei como fosse, visto que na sua última me diz

que as mandava hoje. O azeite tem diversa cor nas diversas talhas e costuma-se misturar para ter uma cor uniforme. Como arranjou o Francisco isto para as amostras serem de cor igual à do azeite do casco, enchendo as botijas antes de encher este? Faz favor de lho perguntar?

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 27 — S.bro [18]72.

Sinto que aos incómodos próprios viesse ajuntar-se para os aumentar a doença da sua boa vizinha. Para a doença, a meu ver, em grande parte nervosa da Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José esses desgostos e cuidados são um grande inconveniente. Como, porém, não é possível vivermos isolados no mundo, não há remédio senão aguentar as consequências dessa condição da vida.

Eu aqui estou, desesperado com o tempo, que não consente que a Mariana acabe de fazer os seus arranjos para nos recolhermos a casa, o que é mais que tempo de fazer. Se não fosse preparar futuros incómodos e despesas, tê-la-ia deixado cá e abalado para Vale de Lobos. Para mais ajuda apoquentavam-me de tal modo as dores de dentes, que me obrigaram a ir anteontem tirar um.

O azeite chegou; mas o Martins ainda anteontem não o tinha mandado vir do depósito para conferir à minha vista o do casco com o de uma botija, ficando a outra fechada para qualquer dúvida futura. Ficou a coisa para hoje, mas o tempo está tão mau, que duvido de lá poder ir, tendo feito uma fomentação para as dores reumáticas que o médico Abel me receitou.

Duas vezes procurei Carlos Ribeiro[1] na Secretaria das Obras Públicas sem o encontrar. Não sabiam mesmo se estava em Lisboa. Resolvi por isso incumbir o negócio a José de Torres, chefe da Repartição de Estatística[2] e por isso colega *no mesmo grau* do Margiochi[3].

---

[1] (1813-1882). General de Artilharia e ilustre geólogo. Foi chefe da Repartição de Minas do Ministério das Obras Públicas. Com ele trabalhou Nery Delgado. Em 1862 dedicou-se aos trabalhos da Carta Geológica de Portugal, tomando parte importante no Congresso de Antropologia e Geologia Pre-histórica (1880). Camilo fez-lhe o elogio: *O General Carlos Ribeiro.*

[2] José de Torres (1827-1874), jornalista e arqueólogo distinto, nat. de Ponta Delgada. Autor de *Viagens ao Interior da Ilha de S. Miguel.* Colaborou em *O Futuro,* órgão do Duque de Loulé, e no *Panorama* (nova série, 1854). Perito bancário e estatístico. Sócio da Academia (1862).

[3] Como se vê do contexto, havia pelo menos três Margiochi conhecidos. O que os dicionários biográficos registam é o Cons.ro Francisco Simões Margio-

Ficou de falar com este e mandar-me dizer a resposta que obtivesse. Tinha-me já lembrado do Margiochi, pai, para falar ao irmão; mas está há muito doente, e na opinião do Abel não escapa desta. É notável o número de pessoas conhecidas que este Outono têm falecido em Lisboa. Em Setembro a estatística deu mais 150 óbitos do que em Setembro do ano passado.

Não tenho podido calcular aproximadamente a despesa que V. S.ª tem feito e que se tem feito em Vale de Lobos por minha conta. Contava com levar comigo algum dinheiro; mas vista a demora, peço o favor de olhar para a respectiva gaveta, e se achar muito magro o depósito, o de mo mandar dizer, porque remeterei algum pelo Marques Sampaio, ou pelo arrais do barco, se ainda cá estiver, e me disser que posso mandá-lo por ele.

O homem do arrais ainda aqui não apareceu. Pelo barco o que tenho a mandar são

---

chi (1812-1879), secretário do Tribunal de Contas (1849) e accionista do Banco de Portugal e da Companhia das Águas. Polemicou no *Jornal do Comércio*, em 1869, com o general miguelista Azevedo Lemos. Herculano era íntimo amigo de João Anastácio Simões, lavrador à Cruz das Oliveiras (Monsanto) e membro desta família.

dois relógios de parede, cestos e bancos de ferro e cabeceira de uma barra. Os baús hão-de ir pelo caminho de ferro nas vésperas de irmos nós.

Não creio que o tempo lhe permita ir a Vale de Lobos, porque não vale a pena de apanhar só por isso uma boa molha. Entretanto, se for, desejaria soubesse do Francisco se os vizinhos já por aí apanham azeitona, e se ele tem deitado algumas linhas para adquirir azeitona de vara a troco de azeite velho, conforme tínhamos combinado. O negócio há-de ser muito guerreado por todos os donos de lagares, mas a vantagem para as partes é tão clara, que me parece impossível não haver quem o queira fazer. Bem sei que com o pouco rendimento e azeite fino que está ou, pelo menos, estava dando a azeitona, o negócio não é tão bom; mas ainda assim vale bem a pena.

Peço os nossos cumprimentos e lembranças para a Ex.ma Sr.a D.a Maria José e V. S.a creia-me sempre

Seu am.o obrig.mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 6.a f.a 8 Nov.bro [1872].

Junta achará uma carta para o novo chefe da casa Bertrand, que creio bom rapaz, mas em que não posso ter ainda a absoluta confiança que tinha nos tios[1]. Entretanto ainda não lhe falaria nos tantos réis que lá tenho, se não fosse melhor tê-los cá para o que der e vier no negócio do azeite. V. S.a vai autorizado para receber a importância do que eles pagarem, que não sei se será a minha parte em um volume ou dois. Vai juntamente um rolo com manuscritos para outros volumes que se começam a imprimir, e que espero o meu amigo tenha a bondade de entregar ao dito Bertrand. Creio que sabe onde é a loja que tem hoje numeração nova, que me esqueceu, mas que é na esquina abaixo da igreja dos Mártires (Chiado).

---

[1] João Augusto Martin, sobrinho de Jorge e Francisco Bertrand.

Desejo saber as horas a que parte no sábado, porque a ser muito cedo, mandarei um caixote com fruta e um barrilinho de água-pé ao Meira, que é doido por ela. Nunca a vi tão boa, como verificará quando voltar de Lisboa, e por isso a mando, porque se poderá despachar como vinho do campo, visto que, ao menos de antes a água-pé não tinha despacho. Digo que se for muito cedo mandarei isso esta tarde a horas de se entregar na estação; se for mais tarde, mandarei no sábado de madrugada, isto para a fruta estar encaixotada o menos tempo que for possível. A água-pé, que não pode provàvelmente ir com a fruta, lá que a mandem depois despachar advertindo-lhes que a despachem como vinho.

Com o sal, livros e barra vieram dois barris sobrescritados a V. S.ª e cujos sobrescritos o Francisco rasgou desatentadamente. Não me parecem meus.

Há 4 dias que tomo o quinino e já cá estão os 36 grãos que trouxe de Lisboa. Depois do forte ameaço que tive na segunda-feira, tive na quarta-feira um pequeno, e ontem que era o dia próprio não tive sinal algum de ameaço. Veremos se a coisa passou[1].

---

[1] Sezões.

O rendimento do azeite vai figurando melhor. Verifiquei o rendimento de 26 moeduras de casa e achei uma média de um pouco mais de 10 alqueires por moedura, sendo mais de 5 do fino. A 1.ª da comprada pelo Antunes também rendeu bem.

Quando tiver a sua bilha de azeite fino despejada, mande-ma para cá, para se encher, porque as botijas podem alguma vez quebrar-se no caminho. Se não deitou para ela o das botijas pode vir quanto antes, para o Francisco a lavar bem nalgum ensejo que tenha, porque agora não o morde a pulga.

Os nossos cumprimentos à Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me sempre

Seu am.º obrig.mo

HERCULANO

P. S.

O dinheiro será melhor em prata, ou pelo menos a maior parte.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 19 Nov.^ro [18]72.

Não sei se a sua constipação despedida dessa casa veio voando até Vale de Lobos. O que sei é que estou desde ontem com uma grande carregadeira, que me torna quase impossível o escrever com a tosse e expectoração pouco ou nada cozida. Não sei se terei de ir à cama para acomodar isto.

Peço o favor de mandar 40$000 réis em prata com alguns miúdos ou cobre. Pode vir por duas vezes, visto que o rapaz ainda tem de aí tornar antes de sábado.

As nossas recomendações à Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José, e sem mais por hoje.

De V. S.^a
am.^o e c.

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 10 Dezembro [18]72.

Para me não esquecer, começo por uma recomendação da Mariana que lhe pede queira mandar amolar umas 4 facas para a cozinha que o rapaz leva e além disso uma tesoura que também vai.

Esta semana acaba-se a azeitona, e ficará apenas uma porção de bagaço para remoer e ir à prensa, o que conservará o lagar aberto mais alguns dias, mas ficarei livre do rancho. Parece-me que o azeite fino sempre chegará às 12 pipas, e apesar do ordinário que tenho dado por azeitona, ainda ficará deste uma untadela sofrível.

Peço o favor, se der o seu passeio até os Sítios, de trazer consigo uns 40$000 réis e no caso contrário de os mandar pelo rapaz.

José de Sá não foi ontem a Santarém. Disse que ia hoje, mas creio que não foi, porque não apareceu por aqui. Tenho agora uma boa ra-

zão que dar para não esperar pelas demoras dele. O Manuel do Alexandre[1] anda dizendo, para se vingar da descompostura que mamou e a que tinha todo o direito (isso não diz ele) há-de ir picar-me a renda da charneca do Cervato e tirar-ma, ou fazer-ma levar muito salgada. Se tem tenção de o fazer, o homem é tolo em o andar dizendo. Mas em todo o caso é bom quanto antes tratar com as mulheres. Eu preferiria renovar o anterior contrato, comprando um corte de mato para tirar em 4 anos, dando as mesmas 8 moedas, e menos o que parecesse razoável, se tivessem vendido já algum corte do mais crescido. Também faria, se elas quisessem, arrendamento mas então havia de ser dos de longo prazo. Por exemplo 99 anos. Nesse caso daria além disso de 8 (oito) moedas e até as 10, e daria além disso de renda as 2 moedas anuais (que em 4 anos correspondem às 8 do anterior contrato) ou até 12$000 réis, os quais, aqui para nós, me parece eu tiraria, sublocando também por longo prazo um vale que lá há com uma sofrível nascente que corre todo o Verão. Sobre qualquer destas duas bases poderia o meu amigo

---

[1] Manuel Rodrigues. (Vid., adiante, carta de 15-12-1872, pp. 271-272).

negociar. Em todo o caso o que desejo é antecipar-me ao tal garoto, para o que, como sabe, não há que fiar no Sá.

Preciso de escrever por estes dias ao Casal Ribeiro para lhe dizer o jornal que os limpadores pretendem para ir à Corujeira e as mais condições, a ver se lhe servem. Se antes de V. S.ª cá vir o Sr. Afra pudesse redigir um memorial circunstanciado sobre o seu negócio, esperava mais uns dias e mandava-o juntamente ao Casal com recomendação. No caso de não vir, podia trazê-lo o rapaz depois de amanhã e iria no sábado para baixo.

Peço o favor dos meus cumprimentos para a Ex.ª Sr.ª D.ª Maria José a quem a Mariana muito e muito se recomenda.

De V. S.ª
am.º obrig.^mo^ e c.

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 15 de 10.^bro [18]72.

Sinto que a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José tenha passado mais incomodada. Queira Deus não seja isso devido a alguma festa da Imaculada Conceição. Por aqui também isto não vai bom; resiste-se. E não é pouco.

Veja lá se o tal Sr. Manuel Rodrigues fez ou não o que prometeu. Na minha mão está fazer-lhe perder por ano mais do que ele me pode fazer perder no Cervato. Ao menos há-de-lhe custar um susto.

O que me parece mais eficaz para as velhotas fazerem o arrendamento de longo prazo era a questão das luvas. Receberem em vida uma soma que podem gastar consigo sem perderem a renda do mato enquanto forem vivas, ficando aliás essa renda aos seus herdeiros, é uma grande vantagem na sua idade. Entendo eu que esta ideia é a que mais se lhe devia apresentar por todos os modos e da sua carta

infiro que a omitiu por ora. Mas como me diz que a conversação foi larga e que o tal Manuel da Póvoa provàvelmente não fará nada, suspendo o meu juízo até falarmos.

Quanto aos papéis do Sr. Afra devolvo-os porque para mim são escusados, e seria impróprio e imprudente mandá-los para Lisboa com o memorial, que talvez conviesse ser mais forte e particularizado.

Se vir aí nalgum jornal notícias do Casal Ribeiro avise-me. Nos que eu recebo não tem vindo notícia de estar pior nem melhor. Suspeito não houvesse algum transtorno de cabeça como o que já teve, e que por isso os periódicos se abstenham de falar a tal respeito.

À vista lhe direi a ideia que me ocorreu, para o caso de não estar o Casal em estado de se lhe entregar este negócio. Parece-me que o caminho não será pior.

Esta semana que vem já não tenho rancho; mas conservo uma porção de homens para acabar de arranjar o rio novo de modo que à primeira cheia se não perca parte do que está feito, e para tratarem da poda e escava da vinha e bacelo. Também conto que no fim da semana acabe o lagar e por isso terei de dar ao Francisco uma gratificação equivalente à diferença que vai do ordenado mensal ao que

dantes ganhava como lagareiro. Será bom por tudo isso que venham ainda uns 40$000 réis.

Como o tempo está bom, se continuar, cá o espero. Até então.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 21 — 10.bro [18]72.

Aproveitando o seu favor, dou ordem para que a carreta que leva as encomendas vá por aí, ou que procurem V. S.a antes de tratar da entrega na estação. Vamos a ver se deixam ir tudo numa só guia. Pus por fora a indicação dos objectos, a ver se na Casa fiscal em Lisboa não revolvem tudo, e se [se] contentam com levar os direitos que lhes parecer.

Quanto à cal já V. S.a pode prever que não convindo à fábrica mandar senão uma grande quantidade, não tendo eu experiência da obra que ela faz, e sendo mais cara apesar da diferença de medida, esperarei ou pela outra, ou que a venham vender a Santarém para a experimentar e não ir de olhos fechados.

Vai aberta a carta para meu cunhado, para ter a bondade de meter dentro a guia, e mandar comprar meia carta de estampilhas, pôr-me as precisas, e mandar-me o resto porque só agora reparo que não as tenho cá.

Faz favor de pagar lá o transporte do Caminho de Ferro; porque indo fruta hão-de querer recebê-lo aí.

Visto que o Sr. Afra espera pela minha ida a Lisboa parece-me que seria melhor fazer outro memorial, talvez mais especificado e em papel de quarto. Esqueceu-me entregar a V. S.ª as cartas que lhe pertencem a ele. Se forem precisas irão pelo rapaz, mas talvez fosse melhor irem quando V. S.ª cá tornasse.

Peço os nossos cumprimentos para a Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José e V. S.ª creia-me

Seu am.º obrig.mo

A. HERCULANO

P. S.

Pedia o favor de pôr também uma estampilha nessa carta para Casal Ribeiro, que vai a Deus e à ventura.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 7 Janeiro [1873].

Recebi a sua carta que muito agradeço. Nós temos passado mal: Eu com o meu incómodo dos brônquios: a Mariana com coisa que não sei se será mais grave. Anteontem caiu de cama com dores de cabeça e bastante febre. Veio ontem o médico, que a pôs em toda a cautela com caldos simples, mistura salina, fomentação sobre o fígado, sinapismos, etc. Pareceu-me o homem recear-se de bexigas, que andam muito acesas, sobretudo neste bairro. Hoje veio muito cedo, a horas que eu dormia porque me tinha deitado às duas da noite. Não falei com ele. Mandou continuar o tratamento. Eu acho-lhe menos febre. Veremos.

Vejo o que me diz a respeito de Vale de Lobos. Mas fico em suspenso a respeito do que o Francisco queria dizer-lhe e que V. S.ª já sabia. O que for soará. Infiro apenas das suas

palavras que é coisa contra ele. Se é intriga perdem o tempo. Bem sei que era negócio para muita gente, sobretudo para os donos de lagares, sair ele de Vale de Lobos. Quanto ao negócio do Jerónimo e às promessas do Manuel garoto [1], o que me parece que se deve fazer é dizer ao homem que eu dou os 150 ou 160 mil réis se ele terminar o negócio; mas que se andar com essas fosquinhas das promessas do garoto, não lho quero depois por dinheiro nenhum. Que o que o garoto quer é fazer-me pirraça, e quando vir que eu não quero a coisa não lha compra, porque não lhe serve para nada; e que se ele quer experimentar a verdade, exija do garoto que lhe faça uma declaração por escrito de que se obriga a dar-lhe pelos dois pedaços de terra mais 10 moedas do que eu ou outra qualquer pessoa lhe der. Verá se ele lha faz.

O Francisco que observe ou mande observar se na estrada, tanto para o lado de Pernes como para o de Santarém se começou a escolher a pedra britada que está em montes, e a removê-la, ou se tudo se conserva no mesmo estado e que me avise por sua via do que houver.

---

[1] Vid. cartas de 10 e 15-12-1872.

A Ex.^{ma} Sr.^{a} D.^{a} Maria José estava boa ontem antes de jantar porque estava aqui.

Não fez bem o Sr. Afra em me entregar quando vim o rascunho do Memorial, em vez do Memorial em limpo; porque era possível eu achar outro caminho mais directo e positivo do que o Ávila[1], sem, até, ele se incomodar. Seguiremos portanto esse caminho logo que eu possa.

Esta é escrita a troncos e barrancos, no meio de visitas importunas. É uma delícia estar em Lisboa. Cada vez morro mais por isso.

De V. S.^{a}
am.^{o} e c. obrig.^{mo}

HERCULANO

---

[1] António José de Ávila (1806-1881), então Marquês de Ávila (24-5-1870). Duque de Ávila (14-3-1878) e Bolama. Notável homem de Estado e chefe de partido, várias vezes Presidente do Conselho. Herculano, estimando-o, punha reservas à sua orientação política.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Lisboa] Janeiro 11 [18]73.

Recebi a sua de ontem que agradeço. A Mariana vai melhor posto que sem sair da cama, porque o tempo não o consente. Eu vou com a minha gosma e obrigado a resguardar-me do terrível temporal que por aqui tem feito e faz. Tivemos uma noite de chuva e ventania desesperada e o dia pouca melhora promete. Entretanto hoje mesmo se puder sair irei tratar da procuração. Peço que avise o Francisco para vigiar ou fazer vigiar se algum animal pertencente ao Jerónimo pasta nas vinhas do Reguengo (onde um jumento dele já me roeu muitas tanchoeiras) ou se alguma porca entra nas ribeiras, e que faça agarrar seja o que for e conduzi-lo a Santarém para o homem ser multado, e que ao mesmo tempo proíba severamente aos rapazes, sob pena de serem imediatamente despedidos, que gado *nenhum* meu passe as extremas da quinta.

Quanto aos foros em dívida, o homem tinha aí deixado uma porção de azeite para se encontrarem os foros. Não sei se isto se chegou a fazer, porque nesse caso não há para que o citar. Se não se fez é preciso que o Francisco lhe mande entregar esse azeite sem dizer nada e então ficaremos habilitados para proceder judicialmente.

O tal procurador, se é *bom*, podia desde já, ajustando o que se lhe deve dar mensalmente, ser encarregado de se informar a respeito do que se faz no empedramento da estrada, e das pessoas a quem o Sr. Manuel[1] tem comprado e vendido géneros, e se está ou não inscrito na lista dos jurados: enfim tudo aquilo que possa *servir*. Para isto, bem vê que é preciso ter as mãos largas, e a mim não se me dá de as ter neste caso. Esmagado bem este sujeito, evitarei, pelo exemplo, de ter porventura zangas e contrariedades futuras, e um negócio dispendioso pode ser pelas suas consequências um negócio altamente económico.

A procuração verei se o tabelião ma faz de modo que possa servir para o procurador tratar de diversos assuntos sem todavia ter uma procuração geral e absoluta, evitando assim

---

[1] Vid. cartas de 10 e 15-12-1872 e de 7-1-1873.

fazer uma procuração para negócio de que o incumbir.

Como logo que o tempo o permita o Antunes tem que fazer, principalmente no Reguengo, o Francisco que lhe recomende da minha parte, para que não consinta que gado de trabalho do Jerónimo passe pelo Reguengo e que vigie se algum anda a pasto ou pela bacelada ou mesmo no Olival, e bem assim se algum rapaz nosso com gado passar as extremas por aquele lado o faça voltar assentando-lhe quatro sopapos; e que me zangarei muito se ele não fizer isto e se não agarrar qualquer alimária do Jerónimo que ande por lá, para ser mandada para Santarém.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

P. S.

Porque não manda quando for preciso um recado ao Francisco para que lhe vá falar, em vez de andar com este tempo a caminhar para Vale de Lobos?

Il.^mo Am.^o e Sr.

Lisboa 15 Jan.^ro [18]73.

Foi-me impossível ontem escrever, como desejava, porque logo pela manhã tive um emprazador e tive de estar na rua às 11 horas para apanhar o Lobo de Ávila em casa, onde na véspera o procurei 3 vezes sempre debalde. Era o inconveniente que eu via em vir o Sr. Afra a Lisboa, onde talvez tivesse de se demorar por isso, e onde a vida não é barata. Apanhei com efeito o homem (que me reteve 3 horas com conversa) e que se encarregou do negócio, ao que me parece, com boa vontade, ficando de me dar solução dentro de 4 ou 5 dias, e de ma vir trazer aqui a casa, para eu não andar em busca dele. Espero que o homem não falte.

Apertei de tal modo o João Urbano (creio que ele mostrou as minhas cartas) que efectivamente o Quinhones, depois de uma inspecção, resolveu rejeitar a pedra broeira, exigir

a remoção da terra que ia misturada com a pedra e obrigar a rebritarem a pedra boa que ia mal batida. É negócio de bom par de moedas num empedramento de mais de duas léguas. Pedem-me, porém, para deixar extrair pedra de Vale de Lobos, onde e pela forma que eu indicar, porque é a única por aqueles sítios assaz boa para o efeito. Não posso decentemente negá-la; nem a desgraça é grande: adquirirei com isso terreno para meter bacelo equivalente a metade do que acrescentaria comprando ao Jerónimo a tal Murtinheira, sem me custar nada. Vou pois dizer-lhe que sim; mas que esperem que eu vá para assentarmos definitivamente este negócio. Imagina porquê. Parece-me que tenho o tal Manuel debaixo dos calções [1].

Peço que recomende ao Francisco ou ao Antunes (se falar com ele) que trate quanto antes de aproveitar o tempo enxuto para se abrirem as covas do pomar novo ao pé das faias grandes, dando-se quatro metros de árvore a árvore em linha, abrindo-as em pé de galinha, e alinhando pela rua que fica no topo da terra da aveia, conforme vai marcado nesse papelinho. A primeira linha deve ser de pereiras

---

[1] Vid. cartas de [illegible] e 15-12-1872 e de 7 e [illegible]-1-1873

e de cavalos para se meterem garfos delas: a segunda de pessegueiros ou de cavalos de amendoeiras para se enxertarem; a terceira de cavalos de amendoeira, uma sim outra não até eu ir, porque talvez eu arranje por aqui uns alpercheiros, que é o que há-de ir nessa linha. No resto das linhas mais curtas que aproveite as maceiras[1] que por lá tiver, alguns rebentões com raiz de abrunhos de França que por lá haja, ou cavalos de outros abrunhos para se enxertarem depois, e algumas covas sem nada, porque talvez eu possa arranjar por aqui alguma árvore boa.

Quanto ao Jerónimo fiquei descansado com a permanência na oferta dos 160$000 réis. Deixar caçar a furoa, e quanto à procuração para o citar pelos foros, como não há perigo na demora de alguns dias, lá assentaremos a quem há-de ser dada, ou para isso só, ou com poderes mais extensos.

Tenho de sair e é um pouco tarde. Paro por isso aqui.

De V. S.ª
am.º e c.

HERCULANO

---

[1] Macieiras.

Il.mo Am.o e Sr.

[Lisboa] 17 Jan.ro [18]73.

Foi-me impossível ontem responder à sua de 15; mas a coisa não tem inconveniente, salvo a respeito dos bois, mas se o rapaz aí for amanhã ou no domingo pode mandar dizer por ele ao Francisco que se sirva deles, visto que nesse dia não trabalham em casa, e que quanto ao trigo é melhor semear ainda alguma fava mais (posto que seja um pouco tarde) ao menos na terra onde já está estrume e uma porção dela semeada, e depois o trigo, que não tem grande pressa porque é ribeiro.

Neste momento recebo a sua de ontem e o bilhete do Francisco. Quanto ao caminho do Cervato, é uma estrada funda que carrega à esquerda no fim do caminho que vai pela extrema de baixo do Casalinho, e que depois passa em frente da arribana que o Alexan-

dre tem no Casal das Rapadas e que vai sempre pela extrema deste até o mato do Cervato. Atalha-se indo por dentro do Casal, mas isto é que se deve evitar. Admira-me a pergunta porque o Antunes sabe perfeitamente isso. Quanto à prensa da Granja, que a vá limpar, se estiver para isso.

Pelo que toca ao jumento, como creio que a questão foi encetada em nome do Francisco parece-me que o melhor é entregar o negócio ao tal procurador que V. S.ª tinha indicado, e se for preciso procuração fazê-la aí o Francisco como meu caseiro. Deixo isso tudo à sua deliberação.

Escrevi ontem ao João Urbano no sentido de dar licença *quando eu fosse*, porque poucos dias me demoraria por aqui, e que desde já excluía de me entrarem lá carros da Póvoa para o transporte. Dizia-lhe que as minhas informações não davam as coisas tão correntes como ele as pintava, e que me constava que o empreiteiro queria mangar com o engenheiro quanto ao britamento da pedra; que a todo o tempo ele seria testemunha de que eu tinha feito todas as diligências para evitar que o Governo interviesse neste negócio. E parava aqui. Eles que o entendessem. Assim nada se fará sem eu ir, e se o engenheiro achou boa

a pedra do José de Sá, não há inconveniente na demora. Também dizia isto ao João Urbano.

Quero dar aqui um presentinho de manteiga. O Francisco que me arranje ou num cesto ou num caixote um ou dois boiões dos grandes e duas garrafas do vinho moscatel novo se já estiver caído e acabe de encher o cesto ou caixote com algumas dessas poucas tangerinas que há este ano e algumas laranjas que lhe pareçam mais maduras e que mande tudo por grande velocidade; mas que arranje a manteiga e o vinho de modo (com papéis) que as garrafas se não partam contra o boião.

Do ferro e do carvão já mandei tratar. As indicações do ferro não são claras porque os três pedaços que se pedem de 1 ½ centímetros não sei se é bandeta, desta grossura, se vergalhão em quadro. Lá vai à ventura porque ferro nunca se perde, e mando ir três bandetas mais, para rastos de roda, porque me hão-de em todo o caso ser precisos, visto que me vem um rodado de Évora.

Faz favor de dizer que *na linha de alperceiros* deixem seis covas abertas sem nada (uma sim, outra não) e que nas restantes metam cavalos de amendoeira para se enxerta-

rem depois ou das castas que há em Vale de Lobos, ou das que forem daqui.

Tenho que dar voltas e por isso vou sair. Tenha saúde como lhe deseja o

Seu am.° obrig.mo

HERCULANO

Il.^{mo} Am.º e Sr.

[Lisboa] 21 Jan.ro [18]73.

Esta serve só para acompanhar a guia de 6 alperceiros que lhe vão dirigidos pelo caminho de ferro e que peço o favor de mandar por um próprio, se não aparecer a tempo o rapaz, com ordem de os plantarem na respectiva linha do pomar novo, logo que o tempo o permita, abacelando-os entretanto.

Anteontem procurou-me o Lobo de Ávila para me dar uma satisfação de não estar resolvido o negócio do Sr. Afra nos 5 dias que me pedira para isso. Disse-me que fora inevitável ouvir o Chefe da Fiscalização, por ser essa a praxe; e que ouvido ele, se resolveria conforme a justiça. Que o Sr. Afra tenha a bondade de ver se pode contribuir para o negócio subir quanto antes para a Secretaria. Não desejava sair daqui antes que ele se resolvesse, porque as coisas irão melhor assim, me parece; e eu não posso demorar-me por Lisboa muitos dias.

Mande-me o nome todo do seu sobrinho, a ver se posso *encamá-lo* por alguma parte.

Se a minha demora transtornar o andamento da obra da estrada autorize V. S.ª o Antunes para marcar o sítio onde a hão-de arrancar do modo que elle disser, ou onde a tem andado a tirar para o suporte da terra na estrada da Azóia e para o aqueduto novo, ou no pousio da folha da Preta, onde lhe parecer que poderemos aproveitar o chão para vinha. Podem arrancar e britar. O que não podem é levar antes de eu ir; porque quero saber de quem são os carros que fazem esse serviço.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.^mo^

HERCULANO

P. S.

O pedreiro pode ir fazendo as paredes lateraes ao tanque novo do lado do Norte, com as mesmas dimensões das do lado do Sul, se tiver lá pedra para isso.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Lisboa] 24 Jan.^{ro} 1873 [6.^{a} f.^{a}].

Desculpe escrever em meia folha, para não avolumar a carta com a que vai junta para o Sr. Afra.

Desculpe também de não o avisar da recepção do vinho e da manteiga e fruta. Tenho tantas coisas em que cuidar, que admira não me esquecerem mais quando lhe escrevo.

O José de Sá também me escreve sobre o azeite; mandou misturar azeite novo com o velho. Não gostei, embora não tenha outra consequência senão a quebra do rigor do meu contrato. Esta gente está costumada a isso. Que lhe hei-de fazer?

Quanto à pedra, o Antunes disse-me que sabia de um sítio no pousio da folha da Eira onde ela se podia tirar à alavanca. Se o Francisco pudesse combinar com ele para um ou dois dividirem a gente e ir o Antunes com os que escolhesse arrancar alguma, e o Fran-

cisco com os outros fazer outro serviço como (*verbi gratia*) ir arrancar a oliveira que está tronchada em Vale de Forno e mudá-la para defronte num claro que o Antunes sabe, ou abrir a cova para ela, que deve ser de 12 palmos em quadro e funda de 6 ou mais, ao menos ao meio; se isso se pudesse fazer seria excelente.

Quanto à rama, visto haver pouca comida para as ovelhas, o que me admira não tendo havido geadas, pode o Pedro continuar com a limpa, mas há-de ser nas oliveiras à borda da estrada no pousio dos entulhos da estrada acima do canavial da fonte, que são mais castiças que as da terra da quinta e que estão assaz sujas. Depois verei o que se há-de fazer.

Conto com ir na próxima segunda-feira 27. A Mariana fica, e recomendei ao médico que viesse todas as semanas vê-la para governar o barco. Evidentemente ela sofre menos aqui; porque isto é menos frio, e indo alguma coisa mais tarde, será em época mais próxima da Primavera. Estou um pouco endefluxado, o que agrava a minha gosma habitual; por isso prefiro ir no trem ou no *char-à-bancs* a arriscar-me a alguma chuva ou vento, indo a cavalo. Peço por isso que previna o homem e mande prevenir em Vale de Lobos.

Quanto ao pedreiro providenciarei na segunda-feira.

Tenha saúde como lhe deseja

Seu am.° obrig.^{mo}

HERCULANO

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos] 7 Fev.ro [18]73.

Devolvo os papéis da Papoila e do Alfaiate. Nas duas escrituras há duas velhacadas que, como vem no domingo, à vista lhe explicarei.

José de Sá disse-me que ia no domingo com o Jerónimo a Santarém para falar com o tal Alfaiate e tratarem da transferência da hipoteca. É natural que ainda por aqui estejam quando chegar, porque o José de Sá sempre vai tarde para Santarém.

Cá chegaram em excelente estado as plantas que vieram de Lisboa. Agradeço o cuidado.

De V. S.a
am.o e c.

Herculano

P. S.

Peço o favor de mandar 20$000 réis em prata.

Il.^mo Sr.

O safio era magnífico e agradecemos o cuidado que teve, visto que estamos proibidos pelo nosso garoto de comer peixe.

Mando-o para trazer as batatas de que me fala na sua carta, e que vem bem a propósito para fechar a sementeira.

Eu e minha mulher desejamos saber se a Ex.^ma Sr.^a D.^a Maria José, para quem pedimos lembranças nossas, passa melhor. Quanto a V. S.^a esperamos se tenha conservado no estado em que o vimos.

Creia-me

De V. S.^a
am.^o e c.

[Vale de Lobos] Sábado 15 Fev.^ro [1873].

Herculano

IL.^{mo} AM.^o E SR.

[Vale de Lobos] 17 Fev.^{ro} [1873].

Recebi o seu favor de ontem. Não se arrependa nunca de me fazer lembranças, porque, como sabe, tenho muito com que dividir as atenções e o espírito vai envelhecendo como o corpo. Na quinta-feira mandarei as encomendas; mas parece-me que terei de mandar o Pedro com o turino, pela dificuldade de arrumar na burra tudo o que quero mandar. Mas de um ou de outro modo lá irão ter pela manhã.

Fez-me rir a peta da minha chamada a Lisboa por causa da política. Bem doente devia ela estar para até querer receituário meu. Eu que há tantos anos não exerço essa casta de alveitaria.

Folgo com a notícia que me dá de ter agora passado melhor a Ex.^{ma} Sr.^a D.^a Maria José. Naturalmente efeitos do tempo, que para quem não se levanta cedo e não vê a geada, pode passar por Primavera.

Quanto a dinheiro bastará que venham 30$000 réis para esta semana e para deixar de prevenção ao Francisco para a outra. Conto com estar cá no fim dela; porém como é possível um embaraço imprevisto, sempre é bom prevenir por causa dos jornais. As soldadas pagarei quando voltar. É mais dia menos dia.

Bom será que o comprador da marrã venha. Escolherá a que quiser, porque conforme a escolha assim o preço. A outra ficará acabando de cevar para a Páscoa.

Am.º e c. obrig.^mo^

HERCULANO

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 3.ª f.ª à noite [18-2-1873?].

Dei ordem para de madrugada ir um homem pacato com a marrã mais gorda até a Ribeira sem apertar com ela, de modo que chegue em bom estado. O homem aí procurará a V. S.ª.

A mim afigura-se-me que a marrã terá acima de 6 arrobas. Se ela se pudesse vender a olho seria o melhor; porque neste gado de chiqueiro quase sempre o peso real é abaixo do calculado. Entretanto lá deixo o negócio à sua disposição, que não há-de ir por mal cozinhado. O caso é ver-me livre dessa, para atirar à outra com toda a metralha de modo que esteja boa na Páscoa.

De V. S.ª
am.º obrig.^mo

Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 20 Fev.^ro [18]73.

Vai a carreta com as encomendas. São 2 cestos, 2 barris e 1 bilha numerados. Seria conveniente ir por grande velocidade, porque V. S.^a poderia amanhã cedo mandar a guia a casa de meu cunhado a fim de tratarem logo do despacho. Se forem precisos bilhetes nos volumes, é fácil porem-se-lhe à vista da nota que remeto. Espero que a carreta esteja aí a horas disso se deslindar.

Soube que ontem a marrã deu trabalhos. Mandei com ela um homem de termos porque já receava alguma coisa, mas tanto não.

Lembrei-me de que o Sr. Afra fosse a Lisboa durante a sua e a minha ausência. Por isso remeto uma carta para ele procurar o Ávila[1], se lá for. Como verá, tomo sobre mim a responsabilidade da importunação. Posso bem

---

[1] Marquês de Ávila. Vid. p. 286.

com ela. Quase todos estes excelentíssimos conselheiros os conheci ginjeiras e tratei como crianças. Triste vantagem, que significa que estou velho.

Tenho passado estes dois dias muito incomodado do meu reumatismo no joelho. Apesar disso lá vou ficar a Lisboa na segunda-feira, salvo o caso de não poder absolutamente mexer-me.

Boa viagem, e até lá.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

HERCULANO

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 2.ª f.ra 10 — Março [18]73.

Hoje de tarde esteve aqui José de Sá e disse que o Jerónimo o procurara pedindo, se fosse possível, para amanhã se fazer a escritura. Respondi que era preciso prevenir primeiro a V. S.ª e que assim só poderia ser na quinta-feira 13, se V. S.ª não tivesse nesse dia negócio próprio de que tratar. Esta resposta mandei pelo Francisco directamente ao Jerónimo. Creio que já aí tem a procuração: veja se é precisa mais alguma coisa. Avisarei o Jerónimo que vá direito a sua casa, porque ele poderá enquanto se lavra a escritura ir chamar o Alfaiate e a Papoula para assinarem ou fazerem perante o tabelião as necessárias declarações, ou chancelarem primeiramente as hipotecas conforme o tabelião indicar.

Se esta maçada lhe fizer desarranjo na quin-

ta-feira, terá a bondade de mo mandar dizer, marcando-me outro dia para eu avisar o Jerónimo.

De V. S.ª
am.º obrig.mo

A. Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

[Vale de Lobos], 9 Abril [18]73.

Desejaremos que amanhã o rapaz nos traga notícias de que a recaída da Ex.ma Sr.a D.a Maria José não teve maiores consequências e que se acha restabelecida.

Se, como é natural, já o seu vizinho lhe disse o preço da palha, eu desejaria sabê-lo, e se no caso de vir a ser precisa mais alguma, ele poderia cedê-la.

Do dinheiro basta que venham esta semana 10$000 réis.

Sem mais, porque me deu esta noite um grande ataque de sono e escrevo esta à pressa às 11 horas para aviar o rapaz que tem estado à espera,

De V. S.a
am.o e c. obrig.mo

Herculano

Il.mo Am.o e Sr.

Não atinei na ideia de que o vinho puríssimo podia aproveitar à doente. Vamos a ver se acerto melhor agora. Hoje achei no morangal a primeira dúzia de morangos maduros, coisa que nunca me lembra de acontecer em meado de Abril. Vão num pires com todo o resguardo, e servindo de calço não sei quantas laranjas das de uma árvore nova a que as tirei hoje por causa da flor. Parece-me que a deixarão comer qualquer das duas frutas porque são o contraposto do vinho: não irritam; refrescam.

É natural que já saiba do caso do Muheiro (se não foi patranha o que contaram aqui, ou pelo menos exageração). Dizem que, quando ferira ou matara o filho, ferira de morte um criado que se interpôs entre ambos. Se foi assim, o homem é uma fera. Entretanto o que eu desejo saber é se a empresa dos *char-à--bancs* parará por causa disso para vermos o que se há-de fazer na volta da Mariana, ou

pelo menos ter arranjados os aparelhos da jumenta para ela vir a cavalo. V. S.ª lá fará favor de apurar o que há a este respeito quando for a Marvila.

Será bom virem esta semana 30$000 réis porque já temos esta semana dois fornos de cal abertos, ambos por preço igual, e quero mandar vir duas carradas dela de cada um, pois estou sem nenhuma quase, e pretendo compará-las na *quantidade* e *qualidade*.

Desejarei que tenham continuado os alívios da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c.

[Vale de Lobos] 22 Abril [18]73.

HERCULANO

P. S.

Requer-me a Maria Joaquina pimentão doce para os chouriços do porco que se chacina esta semana. Poder-mo-á descobrir, não suceda como da outra vez que veio, em lugar dele, colorau? Deve ser (diz ela) obra de uma quarta.

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Lisboa] 15 Maio [1873].

Em primeiro lugar tenho de lhe agradecer a prontidão com que tratou de examinar por seus olhos as coisas de Vale de Lobos e as particularizadas informações que me dá. Vejo que isso vai andando regularmente e sem novidade de maior, salvo a dificuldade do pastor das ovelhas. Peço que no domingo recomende ao Francisco quando aí for que não se descuide de arranjar outro; pior ou melhor; mais caro ou mais barato; contanto que se não chegue ao fim do mês sem haver outro; porque o que está há-de infalìvelmente sair. É natural que ele se tenha lembrado de atestar o casco do vinho tinto; mas será bom recordar-lho. Quanto à lã o comprador é certo, não só porque o do ano passado mandou pedir que não vendessem a mais ninguém, mas também porque a procura é grande. O Francisco que previna o José de Sá não se deixe ir por água abaixo com as conversas do comprador; porque sei de pessoa minha conhecida que vendeu em Abrantes lã muito ordinária a 6$000 réis e que tendo nós deixado de a negociar por lhe

ter prometido esperar por ele, parece de razão tirar disso alguma vantagem, sobretudo sendo tão boa a lã de Vale de Lobos.

Da nossa ida nada lhe posso dizer. Isto aqui é um hospital. A Mariana uns dias mal, outros bem. Minha sogra a desfazer-se. Meu cunhado melhor da constipação mas ainda de abafo em casa. A Rita [1] com um catarral, e até a moça constipada e com acessos. O valentão sou eu. Veremos. Talvez tenha de voltar acima só, indo a Mariana depois com o Dulac, que se ofereceu para a acompanhar. Entretanto resignar-me-ei mais uns dias para ver se evito isso.

Vejo o que me diz da vinda do barco. Pelo arrais talvez pudessem ir uns 100$000 réis que quero mandar. Entretanto não sei a confiança que o arrais merece e se é por ele que seu cunhado costuma remeter dinheiro. Em todo o caso farei com que amanhã sejam entregues a este, e ele os mandará por quem entender.

Tendo anteontem encontrado o Caldas Aulete [2] que se diz grande amigalhaço do Avelino

---

[1] Mulher do cunhado Meira.

[2] Francisco Júlio Caldas Aulete. Fal. em 1878, em Lisboa. Deputado e professor. A. do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, concluído por Santos Valente e publ. em 1881.

falei no negócio do Sr. Afra com algum calor. Disse-me o Caldas que não desse passo algum sem ele falar com o Ministro, e que ontem às 4 horas, na loja dos Bertrands, me diria o que se tinha passado. Efectivamente apareceu. Eis em resumo o que me expôs. O Lobo de Ávila[1] tinha-lhe realmente apresentado o negócio; mas o Avelino desconfiou de que eram preparativos eleitorais, e reconhecendo que a queixa era fundada, ficou frio; mas depois falou-lhe nisso o João Palha, a quem provàvelmente o Lobo de Ávila recomendou o negócio, porque eu não lhe escrevi nem falei nunca sobre isso. Fosse como fosse, o Avelino mostrou ignorar que eu me interessava nisso: nem admira, porque eu recomendei ao Lobo de Ávila que não falasse em mim. O Avelino pareceu alguma coisa ressentido e disse ao Caldas que me havia de escrever. Repetiu a objecção do quadro cheio; mas acrescentou uma coisa que me surpreendeu e que não entendo (se é que o Caldas entendeu bem e não tomou o passado pelo

---

[1] Joaquim Tomás Lobo de Ávila (1819-1901), Conde de Valbom em 5-4-1875. Engenheiro de Pontes e Calçadas, Secretário do Conselho de Obras Públicas. Como Ministro da Fazenda (1862), assinou a lei de extinção dos morgadios. Ministro das Obras Públicas com Loulé (1869), e da Guerra em 19-5-1870. Plenipotenciário em Madrid (1876).

futuro) e foi que ele Avelino *tinha feito* o mais que por ora podia fazer, que era mandar acrescentar uma gratificação ao ordenado, até que vagasse um lugar de 1.ª classe. Repliquei neste ponto ao Caldas que até eu vir para Lisboa tal gratificação se não dera. Depois mostrei-lhe a nota das ofensas de lei que se têm praticado (levara-a de propósito na algibeira) e acrescentei uma descompostura diante de toda a gente que ali estava. Agora deixar caçar a furoa. Veremos o que sai. Do que fico convencido é que o Lobo de Ávila não mangou comigo, mas vejo que o seu passado lhe tira parte da força que ainda lhe supunha. Cada vez me persuado mais de que andar por caminhos tortuosos não é só maldade; é tolice, de que mais tarde ou mais cedo vimos a colher o fruto.

Folgo que me continue a dar notícias das progressivas melhoras da Ex.ma Sr.ª D.ª Maria José. Da sua saúde é escusado falar. É esteio que não quebra e nem sequer verga. Valha-nos isso no meio desta alcateia de gente podre.

De V. S.ª
am.º e c. obrig.mo

A. Herculano

Il.^mo Am.^o e Sr.

[Vale de Lobos] 13 Junho [18]73.

O meu velho amigo Oliveira Lima [1] mostrou-se por tal modo entusiasta do nosso vinho tinto de este ano que faço gosto em que ele receba um barrilinho dele no Porto onde se demora até segunda-fera em casa de uma irmã a quem o barril vai dirigido. Como não me fio em que o rapaz faça convenientemente a entrega na estação, e receio que por isso lá chegue depois de ele partir para a sua aldeia, pedia ao amigo o favor de dirigir lá a remessa, o que desde já agradeço.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

---

[1] Manuel Jorge de Oliveira Lima, do Porto.

Il.^{mo} Am.^{o} e Sr.

[Vale de Lobos] 6.ª f.ra 20 Junho [1873].

Vai a carreta levar uma bilha de azeite para a Viuva Hardy do Porto, sendo remetida a guia para Lisboa ao Martins, conforme a ordem dele, sobre o que tiveram dúvida da outra vez na estação. Aproveito a ocasião para mandar um barril com vinho e duas caixas de folha, uma com chouriços, outra com queijos, os quais três volumes o barco há-de levar para se mandar entregar na Calçada do Marquês de Abrantes, dando o arrais depois conta de fretes e despachos a V. S.ª, a quem ofereço essa amostra das nossas batatas que a carreta também levará.

Desejo que a sua boa saúde continue inalterável, bem como que persistam as melhoras da Ex.^{ma} Sr.ª D.ª Maria José.

De V. S.ª
am.º e c.

Herculano

P. S. — O Pedro pode trazer os 60$000 réis. Tem-se esquecido de mandar a sua bilha de azeite fino?

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

OBRAS
DE
Alexandre Herculano

Bobo (O) — Romance histórico	18$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols.	36$00
Composições várias	18$00
Estudos sobre o casamento civil	18$00
Eurico, *o Presbítero* — Romance......	18$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols.	54$00
História de Portugal — Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos — 8 vols.	144$00
Lendas e Narrativas — 2 vols.	36$00
Monge de Cistér (O) — Romance. — 2 vols.	36$00
Opúsculos — 10 vols. Cada vol.	18$00

Poesias:

Livro I, A harpa do crente. — Livro II, Poesias várias. — Livro III, Versões: de Millevoye, Béranger, Delavigne, Lamartine, etc.	18$00